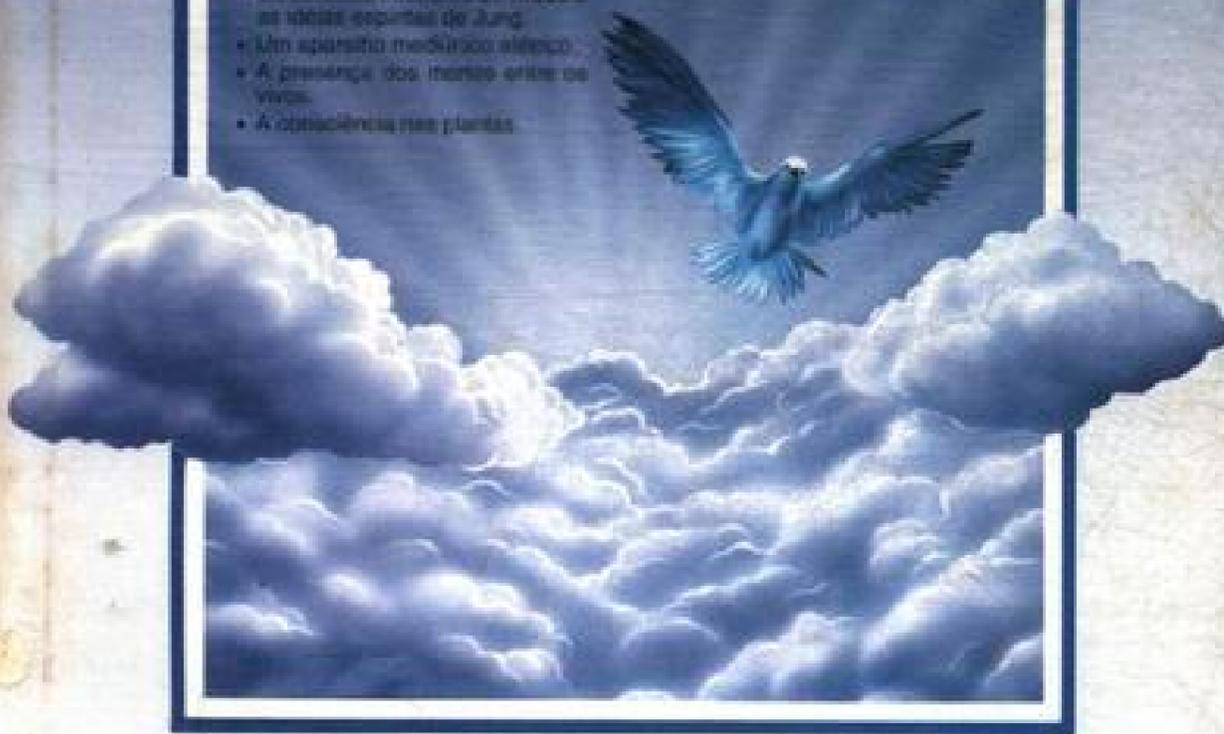


CARLOS BERNARDO LOUREIRO

O TÚNEL E A LUZ

ALGUNS TEMAS DESTA OBRA:

- A morte de Deus.
- O conceito de Espírito, Homem e as pesquisas espíritas.
- As bases científicas do Espiritismo.
- Os conceitos interiores de Freud e as ideias espíritas de Jung.
- Um apêndice médico-espírico.
- A presença dos ídolos entre os vivos.
- A consciência nas plantas.



EDITORA MNÊMIO TÚLIO

O Túnel e a Luz

Carlos Bernardo Loureiro lançou a obra histórica *DOS RAPS À COMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL*, oferecendo ao leitor moderno um resumo das principais pesquisas científicas mundiais em torno dos fenômenos mediúnicos e anímicos. Em seguida, surpreendeu o público lançando *OUTRAS DIMENSÕES - o enigma das aparições*.

Agora, publica *O TÚNEL E A LUZ*, em cujas páginas reafirma suas qualidades de pesquisador emérito e narrador **fluente**. O livro é robusto. Apresenta 27 temas doutrinários da maior importância, tratados com a inteligência, a cultura e o bom senso kardequiano que caracterizam este nosso confrade. Tanto *DOS RAPS À COMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL*, *OUTRAS DIMENSÕES - o enigma das aparições*, como *O TÚNEL E A LUZ*, são obras inestimáveis de divulgação doutrinária que os leitores (em particular, os expositores) compulsarão com grande proveito e prazer, atualizando, assim, seu patrimônio cultural. Com essas obras Carlos Bernardo Loureiro firma, em definitivo, seu nome na História da Literatura Espírita Brasileira.

Jorge Rizzini

Carlos Bernardo Loureiro nasceu na cidade de Salvador, Bahia, a 16 de abril de 1942.

É graduado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, possuindo curso de pós-graduação. Trabalhou como Assessor Jurídico da Federação das Indústrias do Estado da Bahia, por onde se aposentou. Atualmente é professor de Ética da Escola Superior de Advocacia, da OAB, Seção Bahia.

CARLOS BERNARDO LOUREIRO

O TÚNEL E A LUZ

Este livro é dedicado ao amigo e confrade Jorge Rizzini, histórico representante de nobres pesquisadores da Ciência da Alma.

INDICE

Prefácio	9
A Título de Introdução.....	13
1- Parte	
1. O Espírito x A Ciência dos Homens	17
2. Contribuição à Teoria da Seleção Natural ..	25
3. A Morte de Deus (Sinopse Crítica às Teorias de Sartre e Nietzsche)	31
4. O Criador de Sherlock Holmes e as Pesquisas Espíritas	35
5. Charles Richet — O Mais Espírita dos Metapsiquistas — ...	43
6. Rui e o Problema do Ser.....	49
7. L'Automatisme Psychologique	57
8. Bases Científicas do Espiritismo...	63
9. Sonambulismo — Uma Luz Projetada na Psicologia	67
10. Conceito Dinamogenético da História Proposto pelo Espiritismo	73
11. Os Conflitos Interiores de Freud e as Idéias Espíritas de Jung.....	79
12. Sir William Crookes — O Poeta e o Espírito —	89
13. A Força Psíquica ou Vital.....	97
14. O Idealismo Filosófico de Gustave Geley ..	103
15. Cientismo e Espiritismo	109
16. Enigmas da Precogição (Efeito Antes das Causas?)	115
17. Um Aparelho Mediúnico Elétrico	121
18. Os Membros Fantasma.....	127
19. Regressão de Memória: O Mistério do Passado e o Segredo do Porvir.....	133
20. Propriedades Transcendentes de Conhecimento e Ação	141
2ª Parte (Ternas Especiais)	
21. Culto aos Mortos.....	149
22. A Presença dos Mortos Entre os Vivos	151
23. Holocausto a Jeová	159
24. A Morte Aparente e as Experiências de Quase Morte	165
25. A Consciência nas Plantas	171
26. As Desconcertantes Manifestações de Nossos Irmãos Inferiores mg Os Animais ...	177
27. O Passe e a Teoria dos Fluidos	185
Bibliografia	207

PREFÁCIO

Há, em toda a humanidade, uma enorme preocupação com o que acontece depois da morte. Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, é bastante difícil, para a maioria das pessoas, aceitar a existência.

Entretanto, não é preciso se esforçar nem seguir qualquer crença religiosa para compreender que o “nada” não existe.

Há muitos séculos, a obra cabalística “Livro dos Esplendores” afirmava: “*Não creiais que o homem seja apenas carne, pele, ossos e veias: Longe disso! O que realmente constitui o homem é sua alma; e as coisas de que acabamos de falar, a pele, a carne, os ossos e as veias não passam de uma simples veste, de um véu, mas não são o homem*”.

Diariamente, tomamos conhecimento de fatos inexplicáveis que estão ocorrendo em toda a parte e que ocorreram em todas as épocas. O sonambulismo, por exemplo, devido à ignorância e maldade dos homens, levou à fogueira milhares de criaturas, sob o falso pretexto de que eram dotadas de poderes maléficos. Experiências pessoais de telepatia, precogição e psicocinesia são comuns em diversos seres humanos. Quantos de nós já tivemos, certamente, a sensação do já visto? São sensações emocionantes!

Mesmo assim, o estudo do “sobrenatural”, do “fantástico” e do “invisível” tem enorme importância. Haja vista a pléiade de ilustres cientistas que se internaram em laboratórios para pesquisar pessoas dotadas de faculdades especiais e, com elas, realizaram trabalhos notáveis, dando provas da imortalidade da alma e de sua comunicação, sob várias circunstâncias, com a esfera corpórea.

Exatamente como essas personalidades do passado (o ânimo é o mesmo), Carlos Bernardo Loureiro vem executando idêntica tarefa missionária. Grande parte de sua vida e de seu intelecto tem sido doada à divulgação dos chamados mistérios da natureza, a fim de que os leitores os compreendam como fenômenos naturais e sem mistérios.

Em suas obras — e esta não é exceção —, o prolífero escritor baiano, quer através de livros quer através de periódicos, tem demonstrado, exaustivamente, que tais fatos nada têm a ver com a superstição, numa tentativa de, como outros estudiosos do assunto, resgatar o homem da escuridão do TÚNEL.

Salvador, Bahia, agosto, 1994.

Lúcia Loureiro

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Allan Kardec sentiu que a Doutrina Espírita necessitava de uma base científica. Afirma ele, a propósito: “*Não foram os fatos que vieram depois para confirmar a teoria, mas foi a teoria que surgiu sub; seqüentemente para explicar e resumir os fatos*”. É portanto rigorosamente

exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. Como nasceu esta ciência? É o próprio Kardec que responde: *“A Doutrina Espírita não foi ditada palavra por palavra, nem imposta à crença cega; foi deduzida pelo trabalho do homem, pela observação dos fatos”*. Na verdade, a Ciência Espírita (revelação humana) foi obra de Kardec. Ele estabeleceu a distinção entre a Revelação Espiritual e a Revelação Humana. Esclarece, a respeito, o Prof. J. Herculano Pires, o ilustre autor de *A Concepção Existencial de Deus*: *“Graças a sua visão genial, o solitário da Rua dos Mártires conseguiu despertar os maiores cientistas do seu tempo para a realidade dos fenômenos espíritas, hoje estrategicamente chamados paranormais”*. Para levar em frente as pesquisas que pretendia realizar, fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na Cidade de Paris, atribuindo-lhe um caráter eminentemente científico e não religioso. Paralelamente, lançou, no mês de janeiro de 1858, a *Revue Spirite* (Revista Espírita), onde passaria a divulgar os resultados de suas investigações em torno do processo de intercomunicação entre as esferas corpórea e incorpórea, além de abrigar extraordinários ensaios e informações oriundas de vários pontos da França e de outros países, sobre os mecanismos da fenomenologia espírita.

Objeto Próprio e Método de Pesquisa

“Do mesma forma que a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material — elucida Kardec — o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ora, como este último princípio é uma das forças da natureza e como reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, resulta que o conhecimento de um, não pode ser completo sem o conhecimento do outro e que o Espiritismo e a ciência se completam mutuamente... ” E acrescenta: *“Que a ciência sem o Espiritismo se encontra na impossibilidade de explicar certos fenômenos unicamente pelas leis da matéria e que, por se ter abstraído do princípio espiritual, enveredou por tão numerosos becos sem saída; que o Espiritismo sem a ciência ficaria sem apoio e, sem controle, poderia embalar-se com ilusões”*.

O objeto da pesquisa é, pois, a natureza ou o fato espírita. O Espiritismo estuda tanto os seres quanto os acontecimentos. A esse respeito, eis como André Moreil se refere em sua obra (*La Vie et l’Ouvre d’Allan Kardec*): *“Naturalmente, poder-se o dizer que tais seres são todos especiais e tais acontecimentos bastante fora do comum. É fácil responder a isso. O estudo dos desencarnados não pode pertencer ao terreno da Biologia ou das ciências naturais. Quanto aos acontecimentos, ou seja, às relações dos humanos com os Espíritos, também não pertencem ao campo da História ou da Sociologia. No entanto, tais seres e acontecimentos existem, como amplamente provado pela observação e pela experiência. Há uma ciência apropriada a estes seres e manifestações: é o Espiritismo! Incumbe a este, portanto, tratar do assunto. Se assim não fosse, a Biologia ou a Sociologia já se teria apoderado do caso”*. Mas se impõe uma pergunta: — Quem informa o homem da existência do mundo espiritual? Os próprios Espíritos! A sua aparição vem sendo observada e experimentada através do tempo, mesmo antes de Allan Kardec. Com este, porém, assumiu uma dimensão racional, científica e doutrinária. (C.B.L)

1ª PARTE

1 O ESPÍRITO x A CIÊNCIA DOS HOMENS

Afirma-se que a Parapsicologia foi uma criação do Prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos da América. Na verdade, Max Dessoir, já se referia à Parapsicologia em junho de 1889, conforme registro na revista *“Luce e Ombra”* de julho/agosto de 1931. Émile Boirac também fazia menção à disciplina, denominando-a de *“Psicologia Desconhecida”* (vide *La Parapsychologie*, de Robert Amadou).

William Mackenzie, citado por Boirac (*L’Avenir des Sciences Psychiques*, 1917), dirigente da revista *Parapsicologia*, afirma que *“a sua revista nada tinha de comum com o pensamento de alguns metapsiquistas, que admitiam os fenômenos como sendo coisas do além-túmulo”*. E enfatiza: *“Não há nenhuma relação entre o Espírito dos espíritas e o Espírito da Parapsicologia”*(!).

O Prof. Herculano Pires admite, em seu livro *Parapsicologia Hoje e Amanhã* (capítulo I), que a parapsicologia *“é uma disciplina científica, mas não propriamente uma ciência, pois o seu lugar científico é nos quadros da Psicologia”*

E afirma adiante:

“É necessário compreendermos isso para não atribuímos à nova disciplina uma posição excepcional no plano do conhecimento, e sobretudo para não lhe darmos um sentido ou um caráter misterioso”.

E, conclusivo:

**Colocando as coisas em seu devido lugar, podemos dizer que a Parapsicologia é uma nova forma de desenvolvimento das pesquisas psicológicas”*.

Em seguida, o ilustre autor de *O Espírito e o Tempo* cita o Dr. J.B.Rhine e o seu livro *New World of the Mind*, lançado pela Editorial Paidós, de Buenos Aires, sob o título — *El Nuevo Mundo de La Mente*, onde o professor norte-americano afirma, categórico, às páginas 274 — *“El tipo de experiência que más llama la atención, es aquel en que la intención manifiesta que se halla detrás del efecto producido es tan peculiarmente la de una personalidad fallecida que no es razonable atribuir la acción a ningún otro origen”*.

Deolindo Amorim, beletrista baiano (de saudosa memória), na obra *O Espiritismo à Luz da Crítica*, edição da Federação Espírita do Paraná, reporta-se à orientação seguida pelo Instituto de Parapsicologia de Buenos Aires, Argentina, com base nas conclusões de J.B. Rhine no livro supracitado:

1. *“Os fenômenos parapsicológicos evidenciam que existe no homem o fator espiritual;*
2. *as provas de que o homem é alguma coisa mais do que um ente material, vêm reafirmar a base de todas as doutrinas religiosas, isto é, sua natureza espiritual;*
3. *as experiências de percepção extra-sensorial demonstram que a mente pode atuar, até certo ponto, com independência das limitações de espaço e de tempo e que, daí, pode tirar-se a conclusão de que é tecnicamente possível certa classe de super-niência”*.

E com a palavra o ex-Presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, que, no seu tempo, imprimiu à Instituição admirável dinamismo:

“No terreno experimental, tudo quanto a Parapsicologia, com suas interessantes e adiantadas investigações, está produzindo de útil para abalar o materialismo dos dias atuais, apesar da metodologia própria e da terminologia nova, é uma variante das conclusões básicas do Espiritismo, quando afirma a independência da alma”.

E enfatiza, sem sectarismo:

“O Espiritismo vai além, porque estuda e comprova outra categoria de fenômenos, já pertencentes ao domínio da mediunidade”.

E prossegue, serena e conclusivamente:

“De tudo isto se deduz que nenhuma investigação nova, nenhuma escola das mais recentes, no campo do psiquismo humano, invalidou sequer um ponto fundamental do Espiritismo, no que se refere ao fenômeno. Se portanto a fenomenologia espírita fosse indemonstrável ou tivesse apenas o apanágio da boa-fé, naturalmente já estaria sobrepujada pelas pesquisas atuais. No entanto, apesar de tudo quanto se tem realizado nos domínios da investigação psíquica, todos os princípios fundamentais do Espiritismo continuam invulneráveis. O Espiritismo não está à Margem do Desenvolvimento da Ciência.” (grifos nossos).

Não apenas J.B.Rhine admitiu que *“Detrás del efecto producido es tan peculiarmente la de una personalidad falecida”*, mas outros parapsicólogos, como o Prof. Whately Carington, da Universidade de Cambridge, que formulou uma teoria parapsicológica da existência *post-mortem*. Harry Price, católico de Lógica da Universidade de Oxford, chegou à conclusão de que a mente humana sobrevive à morte e tem o mesmo poder da mente do homem vivo, de influir sobre outras mentes e sobre o mundo material. Já o Prof. Soal, da Universidade de Londres,

confirmaria as suas teses sobre a comunicabilidade dos Espíritos, através de suas memoráveis experiências de voz-direta, afirmando que, "o voz do comunicante vibra no espaço independentemente do sensitivo ou médium

E passamos a palavra ao Prof. Herculano Pires:

"O problema da sobrevivência está na ordem do dia das preocupações parapsicológicas, em todo o mundo em que a Parapsicologia Dinâmica se desenvolve. Somente nas zonas em que prevalece o que poderíamos chamar Parapsicologia Estática, amarrada aos preconceitos materialistas ou sectários, esse problema é posto de lado".

O certo é que a Parapsicologia chegou a um ponto crítico, no momento em que os seus próceres mais importantes reconheceram a participação, em muitos casos, de uma entidade extracorpórea. Fato idêntico aconteceu com a Metapsíquica que terminou admitindo a sobrevivência e comunicabilidade da alma, ao desenvolver notáveis pesquisas com destacados médiuns, entre os quais Guzik, investigado, pessoalmente, pelo Dr. Gustave Geley, no Instituto de Metapsíquica Internacional, Eva Carrière, Eusábia Paladino, Eleanore Piper e outros.

Surgiu, modestamente, a *Psicobiofísica* dos escombros da Metapsíquica e da Parapsicologia. E os cientistas brasileiros, entre os quais figuram uns poucos espíritas, respiraram aliviados e prometeram, de mãos postas, que jamais iriam cometer a heresia de admitir a imortalidade da alma e a sua comunicabilidade. Após fundada a "Nova ciência", resolveram defini-la, e o fizeram, antes justificando-a (!):

"A Parapsicologia ficou pequena demais para abranger a explicação de certos fenômenos..."

E logo adiante:

"Para não utilizarmos os termos parapsicologia e parafísica foi criado o termo psicobiofísica, que trata de parapsicologia, dos fenômenos hipnóticos, da existência ou não da mediunidade, das fraudes e de todos os fatos que mostraremos a seguir".

Nasceu, assim a Psicobiofísica que existirá, provavelmente, até o momento em que alguém "descobrir" que atrás dos muitos fenômenos que investigou, se encontra, como sempre se encontrou, o teimosíssimo Espírito, individualidade que pensa, sente, sofre, ama e odeia como qualquer criatura humana, este extraordinário ser que, para muitos, parece ter saído das brumas misteriosas de remotíssimas eras, quando, na realidade, é a mais bela e intrigante elaboração do Espírito que lhe antecede e lhe sobrevive após a sua inevitável desagregação atômica, a que, e por absoluta ignorância, rotulamos de morte!

Conquanto o ilustre Professor Henrique Rodrigues informe que os russos vêm afirmando que o ser humano tem uma dimensão "não física" e que sobrevive ao transe da morte e, embora tivesse sido o único parapsicólogo estrangeiro convidado oficialmente pela União Soviética para apresentar as suas teses e inventos no Museu Arqueológico de Moscou e no Auditório Hermitagem de Leningrado (Rússia), eis o que ele relata, um tanto queixoso, no seu livro *A Ciência do Espírito*, Editora "O Clarim", 1985:

"Em 1972 eu estava com o Prof. Tenhaeff, um dos maiores mestres das percepções extra-sensoriais (telepatia e clarividência), e lhe perguntei sua opinião sobre a sobrevivência do extra-sensório e de como seria a vida depois:

"—O Senhor é um homem velho, que está próximo da morte, vai viver esse fato e não procura ao menos informar-se sobre o assunto? E verifiquei que ele, como outros cujos nomes adornam livros que versam sobre a dimensão "psi", possuem o mesmo comportamento: dogmáticos, reticentes, presos a convenções, temerosos da opinião de seus "pares", zelosos de suas titulações acadêmicas, distanciados do povo, vaidosos, usurários de fatos que coletam e não difundem, que compõem uma equipe que nos deixa na dúvida se devemos desprezar, ajudar, apiedar ou azorregar".

A verdade, última e constrangedora, é que os cientistas europeus, especialmente os russos, trazem todas as suas magníficas descobertas, decorrentes de meticolosas e seriíssimas investigações, sob sete chaves. Não estão dispostos a revelar nada de real importância a obscuros (para eles) pesquisadores, terceiromundistas, subdesenvolvidos, que vivem em um país de mais de 30 (trinta) milhões de analfabetos e de milhões de semi-analfabetos, onde até hoje os santos (europeus) tentam resolver suas misérias. Que utilidade teriam tantas e revolucionárias conquistas no campo das funções psi? Afinal de contas, eles, os europeus, já exportaram, para países que tais, os seus santos milagreiros que servem, e muito bem, ao estágio cultural de seus povos!...

2 CONTRIBUIÇÃO À TEORIA DA SELEÇÃO NATURAL

Contribuição à Teoria da Seleção Natural é um livro de autoria do Dr. Alfred Russel Wallace, sábio naturalista inglês, nascido em Usk (País de Gales), em 08 de janeiro de 1822 e desencarnado em Olcl-Orchard, em 07 de novembro de 1913. Pertenceu à Sociedade Real e à Sociedade Dialética, ambas com sede em Londres (Inglaterra), e foi ainda presidente, por longo período, da Sociedade de Antropologia e da Sociedade de Nacionalização de Terras.

Desenvolveu intensas atividades no campo das ciências naturais, realizando pesquisas na América do Sul, especialmente na região amazônica, e, posteriormente, na Malásia, lugar em que conseguiu recolher magníficas coleções entomológicas e ornitológicas.

A partir de 1858, iniciou seus estudos em tomo da Seleção Natural, escrevendo um trabalho sobre o assunto, que submeteu à douta apreciação de Lyell. Discordou, com propriedade e sabedoria, de Charles Darwin (1809-1882), autor da obra *Origens das Espécies*. Essas discordâncias se ampliaram e se aprofundaram a partir do momento em que Russel Wallace entrou em contato com os princípios espiritistas (1865), identificando forças espirituais regendo a evolução da espécie humana, jungida a um processo de ordem moral inelutável. Escreveu vários livros sobre a fenomenologia espírita, entre os quais destacam-se: *Os Aspectos Científicos do Sobrenatural; Milagres e Moderno Espiritismo: Existe outra Vida?; Em Defesa do Espiritismo Moderno; A Posição do Homem no Universo; e sua Autobiografia*.

As postulações de Darwin e de Russel Wallace encontrariam a sua identidade e a sua coerência ético-espiritual no cerne da obra kardequiana. Afirma, então, o Codificador do Espiritismo: *"O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente, com o livre arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais elabora lentamente a obra da sua individualidade."* (A Gênese)

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS E A ORIGEM DAS ESPÉCIES”

O Livro dos Espíritos e a *Origem das Espécies* surgiram à mesma e conturbada época. Um atendia à evolução filogenética do Homem e o outro o porquê da evolução do Ser, corporizado no invólucro humano. Um é a melodia da evolução; o outro, a sinfonia da evolução criadora corpo-espírito, traduzindo as leis divinas e eternas (trecho de artigo de autoria de Paulo Alves Godoy- in: *Anuário Espírita*, 1973).

Embora se não conteste a grandiosa importância da obra de Darwin, ele não explicou, realmente, a causa primeira das variações inovadoras (honra que caberia a Hugo De Vries), mas analisou as leis do sucesso ou do fracasso das novas, da evolução das populações, da decorrência vital (noção de luta pela vida).

Assim como aconteceu com o Espiritismo, o Darwinismo sofreu acerbos refutações dos teólogos que acusavam o naturalista britânico de contrariar os sonhadores dispositivos bíblicos sobre a gênese humana, sempre defendidos com unhas e dentes, e com fogueiras e torturas. Kardec e Darwin afrontaram, com a coragem própria dos idealistas, a ortodoxia escriturística e a própria ciência da época.

As teorias darwinianas se acham incompletas; falta-lhes o elemento espiritual. Dir-se-á, então, que as postulações espiritistas as complementam? Sem dúvida nenhuma. Em se adotando, pura e simplesmente, as diretrizes da evolução de Darwin, tem-se uma visão distorcida da realidade existencial. O processo evolutivo da espécie humana na face da Terra não é, como se pensa, aleatório, gerando, em consequência, flagrantes distorções. O destino não é cruel, como se acredita; cruéis são os resultados de atitudes cruéis do homem, atitudes que ferem, de frente, os ditames da Lei Natural. Ninguém é graciosamente favorecido nem por condições biológicas, nem tampouco sociais. Não se é criado em palácios e favelas por simples fatalismo. E o ser humano não é (como se apregoa insensatamente) o resultado do jogo fortuito de reações específicas aos acasos da existência, na base da herança genética combinada com as influências do meio. A vida não é uma dialética moral entre

o eu e o que Ortega Y Gasset denominava minhas circunstâncias. A vida é mais do que sonha a vã filosofia dos fisiologistas. E se desiguais são os homens, a família, os povos, as raças, todos o são porque assim determinam as aptidões e os caracteres morais e intelectuais cultivados e identificados através das vidas sucessivas. Das desigualdades não nascem tão somente as injunções que levam ao domínio e ao poder, ou à miséria e à escravidão; das desigualdades nascem a competitividade, a expectativa diante da vida, a íntima e anímica aspiração de ascender levando o homem a negar o sentido trágico da vida, segundo às concepções de ilustre fisiólogo francês do séc. XVIII (Bichat), quando simploriamente definiu a vida como o conjunto de funções que resistem à morte (!), ou, então, aquela insustentável teoria Heideggeriana de que o homem é um ser para a morte...

Na verdade, o ser sobre a Terra, a velha Terra de tantas e tremendas hecatombes morais, gira em tomo do que os gregos chamavam, inspiradoramente, de pleonescia: mais poder, maior número de bens, maiores prazeres! E o homem cai no que os escolásticos chamaram de concupiscentia inordinata que se divide em appetitus concupiscibilis (que tanto impressionou Freud) e em appetitus irascibilis (exaltado por Nietzsche).

E se fomos educados para o medo. Cheiramos flores do medo. De medo, vermelhos rios vadeamos, segundo o poeta Carlos Drummond de Andrade, é porque ainda estamos nos albores do envolver espiritual, agitando-nos entre as nossas próprias e aliénantes paixões...

Mas, negando o filósofo Kierkegaard, no final da batalha sairemos inexoravelmente vencedores, derrotando a morte, o medo e as paixões.

Após o ano de 1905, Russel Wallace continuou a testemunhar e a investigar os fenômenos espíritas. Nos últimos anos de sua vida, neste plano, os seus encontros com a fenomenologia, provocada pelos Espíritos, tomou-se menos frequente. Jamais traiu as suas convicções sobre a imortalidade e sobrevivência do ser, até o momento de seu passamento, no dia 13 de novembro de 1913.

3 A MORTE DE DEUS

(SINOPSE CRÍTICA ÀS TEORIAS DE SARTRE E NIETZSCHE)

Certa feita, Sartre, numa de suas conferências, posteriormente publicada, declarou que o existencialismo é vim humanismo. Estranhou-se que o filósofo francês não houvesse, em seus arrazoados, mencionado a figura de Nietzsche (1844-1900), o famoso autor de *Assim Falou Zarathustra*. Há, entre ambos os filósofos, profundas semelhanças. Senão vejamos:

O humanismo de Sartre parte da premissa de que Deus não existe e declara que o existencialismo não é mais do que *um esforço para tirar todas as conseqüências duma posição atéia coerente*. Pois bem. Este é o ponto de partida de Nietzsche, embora não tenha sido ele quem inventou o ateísmo. Entretanto, foi ele quem primeiro pregou a morte de Deus, sendo responsável pela condução do ateísmo às últimas conseqüências. E a posição assumida por Nietzsche foi de tal maneira desassombrosa e radical, que ele se tomou o mais veemente dos que, na Europa, combateram a religião. E Nietzsche, praticamente, fundamentou suas acerbas críticas a partir dos, por exemplo, *Amor Dei Intelectuais*, de Espinosa, *Transcendental*, de Kant e o *Absoluto*, de Hegel. Até mesmo a ciência não escapou às agudas e teístas observações do filósofo alemão, porque fundada, segundo ele, “*numa crença metafísica, numa parte do grande incêndio milenário que é o resplendir da fé cristã e da fé platônica*”. Nietzsche é, pois, mais ateu que Sartre.

Todavia, e focalizando as decorrências do ateísmo sartreano, temos o homem com liberdade absoluta, *como projeto de si mesmo, artífice de seu destino*, ou seja — como existência que cria a sua essência. Em Nietzsche, porém, a resultante da morte de Deus é *a exaltação da vontade da potência*. Deduz-se que se Deus não existe, o homem pode abandonar-se à vontade de potência e de vida, e seus instintos, exigências e arbítrios.

A liberdade em Sartre revela-se necessária, gratuita e inocente. Necessária, porque o homem tem a capacidade de tudo escolher; gratuita, porque não se dirige a valores preexistentes, mas cria os valores, escolhendo-os, e, inocente, levando-se em conta que tudo o que se escolhe é bom, porque escolhido livremente.

Em Nietzsche, identificamos os pontos de referência da liberdade sartreana, quando verificamos ser gratuita a vontade de potência, entendendo que não tem nenhum objetivo, nenhuma finalidade. É um fim para si mesma: viver por viver. E, já que Deus não existe, o homem pode abandonar-se à vontade de potência e de vida.

Concluindo, nem Sartre nem Nietzsche conservaram-se no niilismo de suas primeiras obras.

Sartre busca uma saída através da moral Kantiana; enquanto Nietzsche, levando ao extremo o seu niilismo ético, daria uma razão de ser àquela humanidade que tanto desprezou.

Finalmente, vamos encontrar um Nietzsche, presa de terríveis e alucinantes dúvidas, confessando-se a Overbeck, em 1885: “*minha filosofia, se é que eu tenho direito de assim chamar o que me atormenta interiormente, até às raízes, não é mais comunicável*”...

E as crises que o atormentavam levam-no à loucura, nela mergulhando de 1889 a 1900, quando morreu.

Sartre, por seu turno, confunde-se entre as dobras de suas próprias concepções existencialistas, consideradas por George Lukács, *a última grande perversão da agonizante filosofia burguesa*, no momento em que pensa em exaltar o marxismo, tentando conciliá-lo com o seu existencialismo. Na verdade, jamais se poderia pensar em fundir ambas as teorias, porque no momento em que os marxistas aceitam os postulados existencialistas da liberdade, deixarão de ser marxistas. Se os existencialistas aceitam a dissolução do indivíduo na sociedade e na natureza, deixarão de ser existencialistas.

A verdade é que tanto Nietzsche quanto Sartre lastrearam suas ideologias na especulação, empírica por excelência, e, tanto o fizeram, que terminaram fugindo à realidade vivencial. Andaram o tempo todo em busca das respostas plausíveis à curiosidade mórbida de seus espíritos em profundo conflito diante dos insondáveis mistérios do ser, tentando localizar causas onde apenas despontavam efeitos. O homem que ambos tentaram construir fragmentava-se à medida em que o distanciavam de Deus. Aliás, este homem jamais existiu, a não ser nas mentes atormentadas desses espíritos de fulgurante inteligência, mas soberbamente orgulhosos e narcisistas. Ao negarem Deus, negaram-se a si próprios, como partículas divinas que o são, em essência e verdade!

4 O CRIADOR DE SHERLOCK HOLMES E AS PESQUISAS ESPÍRITAS

Conta-se que Conan Doyle, ao criar a legendária figura de Sherlock Holmes, teria se inspirado no romance policial *L’Affaire Levouge*, de autoria do escritor francês Emile Garbورياu, publicado em folhetim, no jornal parisiense *Le Pays*. Afirma-se, por outro lado, que tivera entrado em contato com a obra do talentoso escritor e poeta norte-americano Edgar Allan Poe, considerado o pioneiro no gênero do conto e do romance policiais. Os críticos constataram, nas produções de Conan Doyle, uma inequívoca influência literária e métodos de raciocínio do famoso autor de *O Corvo*, conquanto se ressalte a portentosa e intrigante originalidade do personagem Sherlock Holmes que, por sua vez, serviria de modelo a outras tantas surgidas em décadas futuras. As suas surpreendentes aventuras têm início em *A Study in Scarlet*. A personagem granjeou imensa popularidade, fato que desconcertava Conan Doyle que esperava maiores atenções para as suas novelas históricas. Eis porque ele, posteriormente, matou Sherlock Holmes. Entretanto, a reação do público no Reino Unido, Europa e Estados Unidos foi tremenda. Viu-se forçado, pois, a ressuscitar o herói nas *Memórias de Sherlock Holmes*, (1893), seguida de *O Cão dos Baskervilles*, (1902) e de *A Volta de Sherlock Holmes*, (1905).

Simultaneamente, Conan Doyle dedicava-se às pesquisas históricas, publicando, em 1894, *A História de Waterloo* e, em 1896, *As Explorações do General Gérard*. Os anos seguintes foram de intensa produção literária, destacando-se ps livros sobre a atuação do exército britânico na África do Sul. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), escreveu *Cause and Conduct of the World War*, traduzido para várias línguas.

A Conversão ao Espiritismo ¹

No dia 2 de julho de 1887, a revista *Light* transcreve uma carta de Conan Doyle determinando o porquê de sua conversão ao Espiritismo. Esta carta seria reproduzida por Cairbar Schutel, na *Revista Internacional do Espiritismo* — RIE, de maio, São Paulo — edição de 15 de julho de 1929.

Em 1918, sai a lume o livro *A New Révélation*, que é traduzido por Guillon Ribeiro, baseado na sexta edição inglesa e publicado pela Federação Espírita Brasileira. No caput do Capítulo I, Conan Doyle esclarece:

“A questão das investigações psíquicas é uma das que mais me tem feito pensar e, entre todas, aquela sobre a qual mais tardei em formar opinião”.

Adiante, o criador de Sherlock Holmes confessa, imbuído daquela coragem que só possuem os sábios: “Eu não acreditava, certamente, num Deus antropomórfico, mas cria então, como agora, em uma força inteligente, presidindo a todas as operações da Natureza, força tão grande e tão infinitamente complexa que meu cérebro limitado não pôde nunca ir além do reconhecimento da sua existência...”

“Sempre, porém, que encarava a questão de saber se as nossas insignificantes personalidades sobreviveriam após a morte, afigurava-se-me que todas as analogias da Natureza se pronunciavam contra essa sobrevivência... Estava convencido de que a morte, realmente, punha fim a tudo, se bem não achasse que esse fato fosse de molde a afetar os nossos deveres para com a humanidade, durante a nossa transitória existência.

“Essa a minha maneira de pensar, quando os fenômenos espíritas me chamaram atenção. Sempre considerava esse assunto a maior tolice da Terra... Por essa época — seria em 1886 — me caiu nas mãos o livro intitulado *As Reminiscências*, do Juiz Edmond.

“O autor era membro da Suprema Corte dos Estados Unidos. Na sua obra, narrava, minuciosamente, como, morta a sua esposa, pudera durante anos comunicar-se com ela... Continuei a ler todos os livros referentes ao assunto”.

E, finalmente, admite:

“Enquanto considerei o Espiritismo como uma ilusão vulgar dos ignorantes, pude tratá-lo com desprezo. Desde que, porém, o vi amparado por sábios como Crookes, que eu sabia ser o maior químico da Inglaterra, por Wallace, o rival de Darwin e por Flammarion, o mais conhecido dos astrônomos, já me não foi possível desprezá-lo”.

O Aspecto Moral das Comunicações dos Espíritos

Apesar de se sentir vivamente impressionado com os fenômenos provocados pelos Espíritos nas sessões que realizava, Conan Doyle prestava especial atenção ao seu caráter moral. Certa feita, por sinal, dialogando com o General Drayson (um dos pioneiros do Espiritismo na Inglaterra) em sua Clínica de Southsea, confiou-lhe suas apreensões quanto à autenticidade ou falsidade das informações dos Espíritos. O velho militar, baseado nas informações kardecistas, disse-lhe: “A verdade fundamental ainda não aprendeste. Esta verdade consiste em que cada Espírito encarnado passa para o outro mundo exatamente como é neste, sem transformação nenhuma. O mundo que habitamos está cheio de fracos e néscios e o outro mundo também”.

Um outro fato que pesou, e muito, para robustecer a credibilidade de Conan Doyle na intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo foi a leitura do *Dialectical Society* — Relatório publicado em 1871 — contendo a conclusão a que chegou a Comissão criada pela Sociedade, em 1969, para investigar os fenômenos espíritas. Da referida Comissão faziam parte os mais ilustres pesquisadores entre os quais figuravam os nomes de William Crookes e Oliver Lodge.

Comenta, a propósito, Conan Doyle:

“Há no caso um fato singular a ser notado e é que, se a conclusão fosse contrária ao Espiritismo, o Relatório teria sido saucLado como golpe de morte no movimento espírita; mas porque, em vez disso, assegurou a realidade dos fenômenos, cobriram-no de ridículo”.

Por volta de 1891, Conan Doyle fez-se membro da *Psychical Research Society*, o que lhe possibilitou a leitura de seus relatórios, sobre os quais teceu os seguintes comentários:

“Muito deve o mundo à infatigável diligência dessa Sociedade e à sobriedade de suas exposições

Entretanto, ressalva:

“A terminologia meio científica de que usam, também desnorteia o leitor comum. Assim é que, depois da leitura daqueles relatórios se pode dizer o que, em certa ocasião, me disse um caçador americano das Montanhas Rochosas com referência a um membro de uma Universidade a quem ele escoltara durante a estação de caça: Era tão sábio que não se conseguia compreender o que dizia!...”

Após percorrer os mais esquisitos e fascinantes caminhos em busca da Verdade, observara o ilustre escritor que se fazia necessário, já àquela altura das pesquisas supranormais, a elaboração de um sistema que as abrangesse (evidencia-se, aí, o desconhecimento de Conan Doyle da Codificação Kardequiana). Foi então que leu a obra de Friedrich Myers: *Human Personality* (Personalidade Humana).

É claro que Myers não estabeleceu regras aplicáveis à generalidade dos fenômenos espíritas; entretanto, e conforme conclusão de Conan Doyle, discutindo a ação, a que deu o nome de telepatia, da mente sobre a mente, a expôs e estabeleceu de modo tão claro e completo, apoiando-se em numerosos exemplos, que, para todos, exceto para os que deliberadamente cerram os olhos à evidência, aquela ação passou a figurar entre os fatos científicos.

“Foi um grande passo” — e acrescenta judicioso:

“Se a mente podia atuar à distância sobre a mente, é que existiam no homem poderes de todo independente da matéria, tal como a temos compreendido sempre”.

E, afinal, capitula:

“O terreno fugia debaixo dos pés do materialista e a minha posição de outrora fora destroçada.

“Eu dissera que, consumida a vela, a chama se apagava. Surgiu-me uma chama muito afastada da vela e agindo por si mesma”.

E justifica:

“Se a mente, o Espírito, a inteligência do homem podia operar à distância do corpo, é que era coisa independente deste. Por que então não poderia continuar a existir, mesmo depois de haver perecido o corpo?”

A partir de 1917, Conan Doyle inicia a sua peregrinação doutrinária, realizando notáveis conferências. Chamava a atenção para a grandeza do Espiritismo, anunciando, baseado em irrefutáveis constatações, a imortalidade da alma e a sua comunicação com o plano corpóreo.

Em 1926/27, surgiram, respectivamente, o 1º e o 2º volumes de sua grande obra — *História do Espiritismo*, traduzido para a língua portuguesa por Júlio Abreu Filho, lançada pela Editora Pensamento, com apresentação de J.Herculano Pires.

“Neste livro — afirma J.Herculano Pires — realmente, todas as qualidades do escritor e do homem estão presentes. Nele confluem os resultados de todos os seus estudos, de todas as suas experiências”.

Uma ocorrência comuníssima sempre ligada aos grandes homens, especialmente aos que se dedicam a divulgar os princípios luminosos da Doutrina Codificada por Allan Kardec, são a crítica infundada, os improperios, a calúnia. Conan Doyle fora atacado leviana e impiedosamente. Achava, contudo, que essas pessoas não tinham culpa, porque não haviam sido alcançadas pela revelação que lhe iluminara o Espírito, não fizeram as pesquisas e as experiências a que ele se dedicara com acendrado amor à Verdade.

Na manhã do dia 7 de julho de 1930, Sir Arthur Conan Doyle com 71 anos de idade translada-se para a esfera do Espírito, deixando todo um manancial de provas irrefutáveis da sobrevivência do Ser após a falência do corpo físico.

¹ (1) - Utilizamos, no texto, o vocábulo Espiritismo em vez de Espiritualismo, seguindo as pegadas dos tradutores espíritas brasileiros.

A sua contribuição à Doutrina Espírita é monumental, elevando-o, sem nenhum favor, à galeria onde fulguram os nomes de tantos quanto se dedicaram, com desvelo, à Causa da Imortalidade da Alma neste plano de incompreendidas dores.

5 CHARLES RICHEL - O MAIS ESPÍRITA DOS METAPSIQUISTAS -

Charles Richet nasceu em Paris em 1850; aos 28 anos de idade era professor adjunto da Faculdade de Medicina de Paris, sendo nomeado, mais tarde, catedrático de Fisiologia. Duas vezes obteve o prêmio Nobel: em 1901, o de Literatura, em colaboração com Sully Prudhomme (*Le Problème des Causes Finales*); em 1913, o de Medicina, com *L'Anaphylaxie*.

No Congresso Internacional de Psicologia Experimental, realizado em Londres (1892), Richet aborda, francamente, a questão dos fenômenos espíritos: materialização, dupla-vista, transporte, voz-direta etc., conquanto empregasse, na ocasião, uma outra nomenclatura.

Ele próprio questiona: — Haverá a psicologia oculta? E responde:

“Para nós isso não é duvidoso, pois efetivamente existe tal Psicologia. Não é possível que tantos homens proeminentes do mundo inteiro fossem enganados tão grosseiramente. Eles refletiram e discutiram todas as objeções apresentadas, não encontrando motivo para atribuir ao acaso ou ao produto de fraude qualquer dos fenômenos observados, visto terem tomado precauções, antes mesmo que outros as houvessem indicado. Recuso também a acreditar que tais trabalhos foram estéreis ou que esses homens tivessem meditado, experimentado, refletido sobre meras ilusões” — trecho do artigo publicado em *Annales des Sciences Psychiques* — dezembro 1892.

Anos mais tarde admite:

“Poderá um leigo aquilatar o que pensa um fisiologista quando presencia-, como presenciei, uma excrescência sair do corpo do médium, distender-se formando duas pernas estranhas que se fixam sobre o solo, emitindo depois mais alguns prolongamentos que tomam aos poucos a forma da mão, da qual se distinguem vagamente os ossos, sentindo a sua pressão sobre os joelhos? É necessário ainda maior coragem para relatar.

“Pensam que podem admitir sem enorme desgosto íntimo que um fantasma, soprando na água de barita pudesse produzir um precipitado de carbonato de bário?”

“Pensam que Crookes não se tenha dado conta do absurdo ao ver um lápis, em plena luz, erguer-se sozinho para escrever? Não teria ele certamente suposto que o chamariam de louco?”

“Pensam que Oliver Lodge, Schrenck-Notzing, de Rochas, Flammarion, Lombroso, Paul Gibier e Bozzano e outros mais ignoravam que seriam olhados com desprezo por ousarem dizer que o inverossímil e o absurdo são muitas vezes verdadeiros?”

“Se tivemos a audácia de falar é porque estávamos absolutamente certos de nossa experimentação, muito mais certos que inúmeros sábios estão frequentemente quando sustentam um fato verdadeiro, mas novo”.

Em 1923, ganha o Prêmio da Academia Francesa com *La Glorie de Pasteur*. Prefaciou obras de Ochorowicz, Myers, C.Lombroso e Schrenck-Notzing. Colaborou, assiduamente, nas seguintes e importantes publicações: *Annales des Sciences Psychiques*, *Journal de Physiologie et de Pathologie Generale*, *Revue Scientifique*, *Revue Philosophique*, *Les Maîtres de la Science*. Escreveu inúmeras obras, das quais citamos: *Poésies* (sob o pseudônimo de Charles Ephyre — 1875); *Recherches Experimentales et Cliniques sur la Sensibilité* — 1877; *Structure des Circunvolutions Cérébrales* — 1878; *L'Homme et l'Intelligence* — 1887; *Possession* — 1890; *La Sélection Humaine* — 1919; *Traité de Métapsychique* — 1912; *L'Avenir et la Prémonition* — 1931; *La Grande Espérance*; *Au Seul du Mystère* — 1934.

Em 24 de junho de 1925, despede-se de sua Cátedra na Faculdade de Medicina de Paris, proferindo substancial conferência sobre a Metapsiquica, publicada na Revista *La Presse Médicale*.

O pronunciamento do Prof. Richet foi objeto de longa e profunda apreciação por parte do Dr. Carlos Imbassahy, consubstanciada na obra sob o título *Ciência Metapsíquica — dos Fatos à Doutrina*, Edições Mundo Espírita, 1949.

Eis alguns trechos do discurso do eminente fisiologista francês:

“No momento em que vou, pelas justas leis do limite da idade, terminar minhas lições, queria, antes de partir, e do alto desta cátedra que ocupei por tanto tempo, fazer-vos conhecer em breve exposição, os lineamentos de uma ciência nova a Metapsiquica, que não entra, ainda, no ensino oficial da Fisiologia. Ela é, entretanto, um fragmento da Fisiologia, de que faz parte integrante, e muito proximamente, talvez, pertencerá à Fisiologia Clássica”.

E prossegue:

“Esta Ciência, ainda que tivesse a audácia de dar-lhe um nome, não me cabe a louca presunção de tê-la criado. Ela foi constituída por um dos maiores sábios de nosso tempo, Sir William Crookes. Depois de Crookes procurei fazer dela um corpo de doutrina homogêneo rigorosamente científico.

“Chamava-se outrora de ciências ocultas uma quantidade de narrativas estranhas. Denominei-as Metapsíquica. Tenho a desculpar-me desse neologismo a autoridade de Aristóteles, que falou das leis que parecem ultrapassar a Física, ou pelo menos que lhe sucedem, e chamou de Metafísica essa Física Superior.

“Antes do mais, é preciso definir a metapsíquica. Diremos que um fenômeno é metapsíquico quando ele não é explicado pelos fatos conhecidos, classificados, clássicos. Quer da Psicologia normal, quer da Fisiologia normal”.

Richet no Mundo Espiritual

Em mensagem datada de 21 de janeiro de 1936 (incluída em *Crônicas do Além Túmulo*), o Espírito Emmanuel traça, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, um memorável necrológio do Professor Charles Richet. Eis alguns de seus trechos:

“No leito de morte, Richet tem as pálpebras cerradas e o corpo na posição derradeira, a caminho da sepultura. Seu Espírito inquieto de investigador não dormiu o grande sono. Há ali, cercando-lhe os despojos, uma multidão de fantasmas. Gabriel Delanne estende-lhe os braços de amigo. Denis e Flammarion o contemplam com bondade e carinho. Personalidades eminentes da França antiga, velhos colaboradores da Revista dos Dois Mundos, cooperadores devotados dos Anais das Ciências Psíquicas ali estão para abraçar o mestre no limiar do túmulo.

“Richet abre os olhos para as realidades espirituais que lhe eram desconhecidas. Parece-lhe haver retrocedido às materializações da Vila Carmem; mas a seu lado repousam os seus despojos, cheios de detalhes anatômicos. O eminente fisiologista reconhece-se no mundo dos verdadeiros vivos. Suas percepções estão intensificadas, sua personalidade é a mesma...”

Confirmam-se, destarte, os termos de sua histórica carta ao Professor Ernesto Bozzano:

“...E agora abro-me a você, de modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop, Sir Oliver Lodge, obteve-o você por meio de suas magistras monografias, que sempre li com religiosa atenção. Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atacavam a nossa ciência...”

6 RUI E O PROBLEMA DO SER

Sempre se evidenciaram os vários ângulos da atividade intelectual de Rui Barbosa, olvidando-se as suas concepções filosóficas porque julgaram, alguns de seus críticos, que o grande tribuno baiano “era de temperamento pouco inclinado aos problemas últimos do ser ou da existência, jogando, quase à maneira de Savigny, com os valores tradicionais e dominantes da cultura de seu tempo, sem a preocupação de uma sondagem nas raízes dos problemas ou a vontade firme de situar-se e definir-se no contraste dos sistemas” (Miguel Reale, Conferência no Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, S. Paulo, 1950).

Seria o caso de um homem profundamente preocupado com as idéias e aspirações humanas, jurisconsulte, diplomata, jornalista, mestre da

palavra verbal ou escrita, parlamentar e advogado brilhante, que não cultivou os nobres princípios da Filosofia?

Houve até quem afirmasse que o caso de Rui seria um reflexo patente do horror que se nutria, à época, pela metafísica...

Rui sempre se manteve um crente, atormentado de dúvidas ou sereno e confiante, um crente que dificilmente poderia permanecer integrado nas tendências doutrinárias de Teixeira Mendes ou de Miguel Lemos, ou mesmo de Silvio Romero e Tobias Barreto (Miguel Reale).

Na verdade, o Cristianismo do baiano ilustre sempre foi algo de essencial e profundo, como força condicionadora de suas convicções jurídicas e políticas. Essa profunda inquietação que assolava, não raro, o espírito culto de Rui, assegurou-lhe assimilar os valores esposados pelo Positivismo, o que marcaria, indelevelmente, a sua vida, culminando na *Oração aos Moços* página monumental de talento e de inexcedível inspiração de religiosidade. A sua compreensão do mundo, tão forte, tão amadurecida, fruto, sem dúvida, de recônditas lembranças palíngenesicas, se transborda, candente, nestas palavras:

Filho de um século devorado pela curiosidade suprema do infinito, duvidei, neguei, blasfemei talvez, como ele. Mas esses momentos passaram sempre como rápidas tempestades na minha consciência: quando eles se afugentavam, o horizonte do mistério eterno me reapareceria como eu o vira no coração de meus pais. Não me acolhi entre as filosofias que fazem da ciência a grande negação. Percorri as filosofias; mas nenhuma me saciou; não encontrei repouso em nenhuma. Pus a ciência acima de todas as coisas; mas não afirmei jamais que a ciência não possa abranger as coisas divinas. Nunca encarei a ciência como a sistematização do antagonismo com o espírito. Esse incognoscível, que não cabe nos laboratórios, não acreditei jamais que se distancie da ciência por incompatibilidades invencíveis, unicamente porque esta não sabe os meios de verificá-lo. (Visita à Terra Natal, 1893).

Rui Humanista

Rui foi humanista; não apenas pelo culto ao verbo, terço, apaixonado, único na língua portuguesa, a riquíssima e última flor do Lácio. Diria Miguel Reale: *“Há algo de lúdico e de heróico na cultura efetivamente humanística, que predispõe a resolver segundo imperativos que brotem da consciência do dever sem subordinar a ação tão somente à fria balança do cálculo.”*

O convívio com os clássicos, habituou o futuro *Aguia de Haia* a resolver os problemas da vida sem pragmatismos, em desapego pelos resultados positivos. O Direito foi para ele a religiosidade da ação. Essa noção religiosa da Lei encontra a sua gênese nos clássicos, e de modo especial em Cícero, o mestre da eloquência latina e o brilhante autor das *Catilinárias*. E quando se reverenciavam as leis físico-matemáticas, e a lei como expressão estatística dos fatos, Rui reverenciava a lei natural humana (que Cícero enaltecera), pregando valores platônicos, aristotélicos e estoicos. O notável jurisconsulte conseguiu identificar o espiritualismo cristão ao humanismo clássico. Essas duas grandiosas forças constituíram o cerne de sua individualidade. Afirmaria, a propósito, M.Reale: *“Das noites baianas de meditação dos “Evangelhos” e dos clássicos, até a “Oração aos Moços” há toda uma trajetória espiritual, que em vão se tentará, arredar do mundo da Filosofia.”*

A Situação Liberal

Chega um momento em que o admirável tribuno baiano deixa de lado as lindes da Filosofia para enveredar pelos domínios da religião, resultando em vim de seus mais belos e eloqüentes discursos de 1879, sobre a situação liberal, verdadeiro modelo de sobriedade e de realismo político, no dizer de seus críticos.

Nessa monumental oratória, Rui, a certo trecho, afirma: *“Coisa inteiramente diversa de uma filosofia é a política; sua condição é ser prática, ou não ser nada. A política radical aspira à plena e completa fruição de liberdade; mas caminha já conquistando sucessivamente as liberdades possíveis. [...] Em semelhante acepção o radicalismo não assusta; é, pelo contrário, um elemento de ordem, um princípio de paz, um ponto permanente de apoio ao gênio do progresso moderado contra os empuxões opostos da reação retrógrada e das exaltações revolucionárias.”*

“Esses pontos — deduz M.Reale — constituirão o nervo da filosofia política de Rui, erroneamente apresentado como ideólogo puro, perdido no mundo das abstrações, quando soube ser um reformista pragmático, despegado de preconceitos no que tange a formas de governo ou de regimes”.

O seu senso da realidade leva-o a ficar entre os dois extremos da metafísica religiosa de Comte e o da ideologia metafísica de Rousseau, além de uma franca posição de equilíbrio entre a plutocracia e o socialismo igualitário.

Rui e o Problema da Igualdade

Diria kardequianamente:

“...a única igualdade possível, a única igualdade legítima, a única igualdade racional, a única igualdade liberal, a igualdade conforme a democracia não-socialista, não é a igualdade absoluta, o nivelamento, que será sempre a mais opressiva das desigualdades morais, mas a igualdade relativa, isto é, a desigualdade social das condições correspondendo, em uma proporcionalidade exata, à desigualdade natural das aptidões

Reação ao Positivismo

Nos primeiros anos da República, Rui, francamente contrário às idéias positivistas, busca soluções outras para problemas da vida. Ele mudara, e sentia necessidade de um exame interior. Estabelece-se, aí, a interação de duas forças ou tendências: uma levando-o a se opor à Escola Positivista; outra impulsionando-o ao plano das cogitações espirituais. Lemos, então, em *Visita à Terra Natal*: *“A Escola de Comte floresce no Brasil apenas como um grupo de sistemáticos, a nata, se quiserem, de nosso filosofismo, mas uma nata que o paladar do público não aceita, que os instintos populares repelem, que se isola como uma colônia da utopia, que representa, aos olhos da Nação, uma milícia pugnaz, exclusiva e intolerante”.*

Rui, por volta de 1893, vivenciava uma profunda e imediata necessidade de se confessar, de situar-se, francamente, diante de sua consciência:

“Nunca encarei a ciência como a sistematização do antagonismo com o Espírito.”

Com este estado d'alma, o autor da magnífica Introdução a *O Papa e o Concílio*, segue para o exílio na velha Albion, onde entra em contato com a obra do Lorde Arthur James Balfour, em que se destaca *As Bases da Fé* (1895). Encanta-se em encontrar um homem às voltas com os intrincados problemas de Estado, preocupado em terçar armas com positivistas e agnósticos em defesa de autênticos valores filosóficos e espirituais.

Rui considera a obra do Lorde Balfour uma revelação:

“Para mim, juiz aliás incompetentíssimo, este livro tem o encanto insinuante, não só da mão-de-obra de um artista consumado, como da inspiração de um pensador, em cuja escola a filosofia despe a sua soberba, a metafísica a sua argúcia, a teologia o seu dogmatismo, a ciência a sua incredulidade. Ele responde como uma forte voz interior à situação atual do meu espírito”.

As dúvidas sobre o problema do ser o assaltam, e mais uma vez confessa:

“Mas não seria o absurdo um elemento normal nos fatos do atendimento, como na regência do mundo? Que é o senso comum senão a heresia antiga justificada pela experiência? Que vem a ser ortodoxia senão um tesouro de revoltas canonizadas pelo tempo? Os excêntricos de ontem não são os evangelistas de hoje?”

Rui sentia que os cânones usuais da verdade tentavam subordinar a uma linha inflexível a natureza humana, quando esta é associação de contrastes. Em contrapartida, indagava como num arroubo palíngenesico:

“O homem físico e moral não será uma contínua metamorfose?”

“Nessa ansiedade” — deduz M.Reale —> “a ciência não o consegue mais aplacar. Podem os cientistas descobrir no infinitamente pequeno um mundo novo, não menos estranho e poderoso do que o infinitamente grande; assim como extrair da fisiologia das células vivas a teoria da velhice e da morte, mas todas essas conquistas da ciência não bastarão para satisfazer a consciência humana”.

Concluiu, pois, o grande tribuno:

“Adoecer um pouco menos, viver um pouco mais — será esse o desiderato, que absorve as preocupações eternas da nossa espécie?” (Elogios Acadêmicos) No estudo sobre a obra de Pasteur e de Osvaldo Aranha, nas conquistas maiores da ciência, resplende sempre a força espiritual da Idéia:

“Nunca se demonstrou de um modo mais luminoso que é a idéia quem conduz tudo, a inteligência e a matéria, o bem e o mal, o homem e o destino humano”. (Elogios Acadêmicos)

O seu drama espiritual impregna-se em seus escritos, principalmente no intervalo entre o discurso do Colégio Anchieta, em 1903, à *Oração aos Moços*, dirigida aos bacharelados da Faculdade de Direito de São Paulo de 1920.

A nova visão espiritual de Rui suscita o abandono de um teísmo abstrato e vago, por uma atitude espiritualista e cristã, decorrendo, daí, relevantes conseqüências:

“De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas cinco palavras: não há justiça sem Deus”. E acrescentaria: “Não sei conceber um homem sem Deus. Envelhecerei na persuasão do velho Plutarco imaginando menos a custo uma fortaleza sem alicerces que um povo sem Deus”. E prossegue enfático: “Deus é a necessidade das necessidades, Deus é a chave inevitável do Universo. Incessantemente passam, e hão de passar no vórtice dos tempos, as idéias, os sistemas, as escolas, as filosofias, os governos, as raças, as civilizações; mas a intuição de Deus não cessa, não cessará de esplender no fundo invisível do pensamento”. (Escritos e Discursos Seletos)

O Legado Filosófico

O legado filosófico de Rui é monumental. Ele se encontra imiscuído no cume de sua talentosa e opulenta obra jurídica, social, política, parlamentar. É um admirável Espírito, comparável a *Cícero*, que fizera da oratória o leitmotiv de sua verve portentosa; a *Virgílio*, de quem nasceu a *Eneida*, obra de toda uma vida; a *Teócrito*, iluminado autor dos *Idílios*; a *Sêneca*, o mestre da Retórica, autor de magníficos trabalhos de puríssimo valor ético; a *Vieira*, o arguto autor de esculturais Sermões; a *Saint-Victor*, cuja linguagem, assinalada por Taine, fora nervosa, passional, arrebatada, feita de antíteses, de metáforas, de períodos largos e canoros, em ondas sucessivas como o mar na conquista de praias indefesas; a *Chateaubriand*, das *Memórias de Além-Túmulo*; a *Victor Hugo*, émulo notável da *Sombra do Sepulcro*...

A produção ruiana é fruto dessa formidável cultura, que se forjou, indelevelmente, através do tempo, desde as exuberantes expressões dos clássicos da veneranda Hélade e da Roma dos Césares, até a época do grande jurisconsulte. Rui fez renascer, para a modernidade, toda a gigantesca e pristina manifestação do Espírito. Ele é o Codificador das expressões mais lídimas e sofisticadas do ser imperecível. E ele tem consciência de sua missão, reconhecendo-a com a humildade própria das almas nobres!

7 L’AUTOMATISME PSYCOLOGIQUE

Em 1889, lançava-se, em Paris, o livro *O Automatisme Psicológico* (L’Automatisme Psychologique) de Pierre Janet (1859-1947), médico e psicólogo francês, considerado o fundador da psicologia clínica.

Com o livro, nascia a noção de subconsciente que, para Janet, “é uma formação mórbida proveniente da desagregação ou separação permanente duma parte da personalidade, segmento que toma ao seu consciente o controle de certas funções orgânicas e psíquicas com a conseqüente formação, por vezes, de personificação parasitárias ou personalidades segundas”(!)

Janet, na tentativa de fundamentar a sua teoria de subconsciente, recorreu às teorias subsidiárias do automatismo psicológico e da teoria da morbidez ou patológica como causas determinantes. Da atividade automática inconsciente, de determinados centros do sistema nervoso, dependeriam, paralelamente, tanto o automatismo fisiológico como o automatismo psicológico.

O Prof. Grasset, fascinado pelas idéias de Janet, tenta apoiá-las com o seu não menos hipotético *Polígono Cerebral* inspirado nos esquemas cerebrais de Wundt e Charcot.

A Mediunidade Questionada

Tanto para Janet quanto para Grasset, a mediunidade é um subconsciente desagregado, dissociado, definitivamente, do eu *consciente*. Todos os fenômenos espíritas se explicam pela atividade intermitente desse subconsciente mórbido. Os médiuns são, em última análise, doentes neuropatas, meros automatistas psicológicos.

Comentaria, então, o Dr. Antônio J. Freire sobre o trabalho de ambos os pesquisadores:

“Pela sua alta situação científica, os professores Janet e Grasset exerceram grande influência na ciência contemporânea em desprestígio do Espiritismo e mesmo da Metapsíquica, apavorando os médiuns”.

A Refutação de J. Maxwell e a Reabilitação dos Médiuns

O Dr. J.Maxwell, médico e jurista, um dos mais notáveis pesquisadores da fenomenologia supranormal, dedica alguns capítulos de sua obra *Les Phénomènes Psychiques* à refutação de algumas afirmações dos Profs. Janet e Grasset e à reabilitação dos médiuns.

“Os fatos” — diz Maxwell — “condenam os conceitos de Janet. Eu tenho muita consideração pelo homem distinto de que critico as idéias, mais ainda que admire os seus trabalhos, estou convencido de que Janet só observou sensitivos incompletos. Janet considera os médiuns quase sempre, senão sempre, neuropatas francamente histéricos. As minhas observações pessoais contradizem as suas. Tenho visto muito médiuns. As mais belas experiências que tenho feito têm sido obtidas com médiuns não apresentando estigma algum histérico. Janet parece-me ter até aqui operado somente com doentes, não me admirando, portanto, que lhe assemelham os fenômenos automáticos dos médiuns aos histéricos. Eu tenho o dever de protestar contra a generalidade da conclusão de Janet sobre o automatismo psicológico”.

E o Prof. J.Maxwell vai, em seus arrazoados, dizimando as hipóteses de Pierre Janet:

“Para a compreensão dos fatos supranormais observados por mim e por muitos outros experimentadores é necessário estar familiarizado com as obras de Gurney, Podmore, Sidgwick, Myers, Barret, Hodgson, Lodge, Hyslop, C.du Prel, Perty, Hallenback, Aksakof Richet, de Rochas. Não é possível tratar da questão que preocupa Janet sem ter em conta os trabalhos destes sábios franceses e estrangeiros”.

E prossegue, contundente:

“Janet diz não ter lido a *Philosophie Der Mystik*, de Cari du Prel. Janet deveria ler essa obra... e muitas outras. Parece-me estabelecido atualmente que a consciência impessoal (subconsciente) é susceptível de apreender impressões exatas independentemente dos sentidos, trazendo-as à consciência normal duma forma concreta ou simbólica. A forma destas mensagens subliminais, empregando a expressão de Myers, é sempre a mesma, seja verdadeira ou falsa; seja uma reminiscência, seja uma premonição”.

O Prof. Maxwell cita, em seguida, estas palavras de E.Kant:

“O verbalismo das escolas superiores é, por vezes, um expediente para se furtarem a dificuldades, porque ali é defeso empregar-se a inteligente e honesta expressão — Não Sabemos”.

E conclui, canalizando as suas lúcidas refutações ao colega e seguidor de Pierre Janet, o Prof. Grasset:

“O Prof. Grasset, sábio por quem tenho grande respeito, acaba de publicar o último volume de *Leçons de Clinique Médicale* consagrando

um capítulo a *Le Spiritisme Et La Science*. O Prof. Grasset começa por declarar que tomará Janet por guia porque as suas idéias luminosas são e ficam para ele, Grasset, a única base científica atual de todas estas questões (sic)".

Prossigue o Prof. Maxwell:

"Grasset vai tomar por guia Janet que nada tem visto e observado".

Mais tarde, após a publicação de suas obras anti-espíritas, Janet penitencia-se, parcial e discretamente, no prefácio que escreveu para o livro de J.Jastrow — *Subconsciente*. Eis alguns de seus trechos:

"Depois da época em que eu empregava o termo subconsciente num sentido clínico, e um pouco terra a terra, reconheço que outros autores têm empregado o mesmo termo num sentido infinitamente mais elevado. Tem-se designado por subconsciente atividades maravilhosas que parecem existir dentro de nós, sem que suspeitássemos da sua existência. Este termo tem servido para explicar entusiasmos súbitos e predições de gênio. Abstenho-me de discutir teorias tão consoladoras e que são, talvez, verdadeiras. Limito-me a lembrar que me ocupei de coisas diversas. Os pobres doentes, que eu estudei, não tinham gênio algum. Os fenômenos que entre eles eram apresentados subconscientes, eram fenômenos bem simples que entre os outros homens fazem parte da consciência pessoal sem que isto excite nenhuma admiração. Estes doentes tinham perdido a livre disposição e o conhecimento pessoal; tinham uma doença de personalidade; eis tudo".

Enfim, o Prof. Janet, reputado neuro-patologista, limitou as suas observações e experiências dentro de hospitais, o que não o impediu de estender a sua generalização a todos os médiuns espíritas, sem o prévio e indispensável estudo teórico e prático do Espiritismo.

Finalizando, passamos a palavra ao Dr. Antônio J.Freire.

"E doloroso observar quanto os preconceitos de escola, traduzidos no mais empedernido agnosticismo, conturbam, obscurecem e desvairam talentos tão privilegiados e brilhantes, precipitando-os nas mais ilógicas e anticientíficas generalizações, incompatíveis com a natureza e dinamismo dos fatos observados dentro do Espiritismo".

8 BASES CIENTÍFICAS DO ESPIRITISMO

A afirmação de ter o Espiritismo uma base científica escandaliza a muitos homens, o que suscitou, ao correr do tempo, antecipados juízos adversos. Mas os fatos, resistindo ao embate dos antagonismos, demonstram que a Doutrina codificada por Allan Kardec possui seguros elementos de vitalidade e de verificação científica.

Que mais é a Ciência senão uma coleção de verdades presas umas às outras? Segundo Stuart Mill, a linguagem da Ciência deve ser: *"Isto é ou não é; isto se dá ou não se dá"*. A Ciência busca conhecer os fenômenos e descobrir as leis que os regem. Portanto, o Espiritismo tem uma base científica em seus fatos provados.

Nos tempos antigos, a suposição de que tudo o que vinha do mundo invisível, atestado pelos chamados milagres ou poderes super-humanos, procedia de Deus ou dos deuses, deu origem a toda a espécie de superstições, revelações enganosas e ilusões disparatadas. Nos tempos medievais, durante a excitação contra os bruxos e bruxas (muitos eram médiuns de efeitos físicos), monstruosas crueldades foram praticadas sob a sanção legal, pelo fato de não se reconhecer que nada de sobrenatural ocorre nos domínios da Natureza, e que todos os fenômenos, sejam quais forem, podem ser submetidos à investigação científica. Alguns fenômenos psíquicos e espíritas notáveis foram considerados como satânicos e antinaturais, e uma antiga proibição hebraica (a proibição de se consultar os mortos) tomou-se a desculpa para punirem (cóm uma violência que meteria inveja aos carrascos do nazismo) com a morte, na fogueira ou em sombrias e tenebrosas masmorras, a milhares de pessoas, e tudo em nome de Deus...

Em nossos dias, os especialistas da Ciência, desprezando os fenômenos espirituais como impossíveis, como antinaturais ou sobrenaturais, prescindindo de análises e pesquisas, contribuem, embora conscientemente não desejem, para a proliferação de sistemas baseados na superstição, na fantasia, em espetáculos grotescos, em imensos estádios de futebol, justamente à custa da credulidade pública.

Em todas as épocas, desde os tempos primordiais, os médiuns, agentes da fenomenologia espiritual, vêm sofrendo rudes ataques. Em 1876, por exemplo, na cidade de Londres, o Professor Lankester, especialista da ciência física e adepto do monismo naturalista de Haeckel, investiu com estranha ênfase contra o médium Henry Slade, recorrendo para isso ao braço forte (e às vezes injusto) da Lei. Entretanto, cientistas alemães, entre os quais F.Zöllner, da Universidade de Leipzig, libertaram Slade das suspeitas de Lankester. Diria, então, Zöllner, autor do livro *Provas Científicas da Sobrevivência*: "Os fatos físicos por nós observados em sua presença destroem, em todos os terrenos razoáveis, a suspeita de que Slade, em algum caso, tenha recorrido à impostura".

"Estudado e interpretado racionalmente" — afirma, textualmente, Epes Sargent — *"o Espiritismo é uma salvaguarda contra todas as superstições. Ele mostrou que o mundo invisível está como o nosso, dentro dos limites da esfera da Natureza universal; dá-nos a chave de muitos mistérios que têm confundido os filósofos e desnortado os historiadores; prova que não é aos Espíritos, mas, sim, aos nossos defeitos e paixões desenfreadas que devemos temer"*.

As palavras de Sargent seriam, depois, enriquecidas pelo venerável filósofo alemão J.Fichte, pouco antes de sua morte: *"Apesar da minha idade e do meu afastamento das controvérsias do dia, sinto que é do meu dever dar testemunho dos grandes feitos do Espiritismo. Ninguém deve ficar silencioso"*. Esta declaração sincera e corajosa é digna do grande autor do *O Fundamento do Direito Natural*, obra de capital importância ética e filosófica no contexto do mais puro pensamento espiritual desde a Grécia clássica.

Afirmaria, ainda, Epes Sargent:

"O Espiritismo se apresenta com a feição de uma verdade universal, com o desenvolvimento de uma grande e transcendental ciência, que vem confirmar todas as tradições e intuições sobre a imortalidade da alma, e anunciar o despontar de uma aurora em cuja luz todas as outras ciências, que tratam da natureza e do destino do Homem, devem buscar para orientar-se no futuro".

9 SONAMBUISMO — UMA LUZ PROJETADA NA PSICOLOGIA

Antes de penetrarmos o íntimo do momentoso assunto objeto destes arazoados, vejamos imperscindivelmente o que é o sono.

E sabido que o sono é um fenômeno indispensável à existência do homem e dos animais. Em nível espiritual, a causa essencial do sono tem a sua gênese na alma. Allan Kardec, por sinal, trata do tema no Capítulo VIII de *O Livro dos Espíritos*, sob o título: *Da Emancipação da Alma*, nos seguintes termos:

"O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanente depois que morre... Gruças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com os seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio".

No século XVI, os sonâmbulos eram denominados de malbatizados, porque se pensava tratar-se de uma afecção que tinha como causa o esquecimento de algum rito sacramental por ocasião do batismo pelo sacerdote.

Ainda em *O Livro dos Espíritos*, há as seguintes referências de Allan Kardec ao Sonambulismo (que, a propósito, é a reunião de dois vocábulos — Sombras e Ambulatio):

"Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Mas, em certas pessoas dotadas de especial organização, podem ser provocados artificialmente, pela ação do agente magnético".

"O estado que designa pelo nome de sonambulismo magnético apenas difere do sonambulismo natural em que um é provocado e o outro é

espontâneo.

“Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada na Psicologia. E aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto. Ora, um dos fenômenos que a caracterizam é o da clarividência, independentemente dos órgãos ordinários da vista.

“De uma causa única se originam a clarividência do sonâmbulo magnético e a do sonâmbulo natural. É um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós. O sonâmbulo vê em todos os lugares aonde a sua alma possa transportar-se, qualquer que seja a longitude.

“No caso de visão à distância, o sonâmbulo não vê as coisas de onde está o corpo, como por meio de um telescópio. Vê-as presentes, como se estivesse no lugar em que elas existem, porque sua alma, em realidade, lá está. Por isso é que o seu corpo fica como que aniquilado e privado de sensação, até que a alma volte a habitá-lo novamente. Essa separação parcial da alma do seu corpo constitui um estado à normal; suscetível de duração mais ou menos longa, porém, não indefinido.

“A vista da Alma ou do Espírito não é circunscrita e não tem sede determinada. Eis porque os sonâmbulos não lhe podem marcar órgão especial. Vêm porque vêem, sem saberem o motivo nem o modo, uma vez que, para eles, na condição de Espíritos, a vista carece de foco próprio. Se se reportam ao corpo, esse foco lhes parece estar nos centros onde maior é a atividade vital, principalmente no cérebro, na região do epigástrico, ou no órgão que considerem o ponto de ligação mais forte entre o Espírito e o corpo.

“O poder da lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo completamente livre, tem restringidos seus conhecimentos e faculdades, conforme o grau de perfeição que haja alcançada. Ainda mais restringidos os tem quando ligada à matéria, a cuja influência está sujeito. E o que motiva não ser universal, nem infalível a clarividência sonambúlica.

“No estado de desprendimento em que fica colocada, o Espírito da sonâmbulo entra em comunicação mais fácil com os outros Espíritos encarnados, ou não encarnados, comunicação que se estabelece pelo contato dos fluidos, que compõem os perispíritos e servem de transmissão ao pensamento, como o fio elétrico.

“O sonâmbulo vê ao mesmo tempo o seu próprio Espírito e o seu corpo, os quais constituem, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência corpórea e espiritual, existências que, entretanto, se confundem, mediante os laços que os unem. Nem sempre o sonâmbulo se apercebe de tal situação e essa dualidade faz que muitas vezes fale de si, como se falasse de outra pessoa.

“Certos sonâmbulos revelam conhecimentos que possuem e mesmo superiores às suas aparentes capacidades intelectuais.

“Pelos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da Alma e nos faz assistir ao sublime espetáculo da sua emancipação. Abre-nos, dessa maneira, o livro do nosso destino”.

Os que combatem o Espiritismo, criticando, particularmente, a reencarnação, estranham que o Espírito, em sua nova vida física, nada se lembre do seu passado. O sonambulismo vem demonstrar o equívoco dessa observação, porque se o Espírito, em momentâneo estado de emancipação, de nada se recorda, ao despertar, quanto mais depois de um longo, perturbador e total afastamento de seu corpo físico provocado pela desencarnação.

Em *Instructions Pratiques*, François Deleuze adverte que nunca se deve provocar o sonambulismo, mas deixar que aconteça naturalmente.

O sonâmbulo, conforme pesquisas realizadas, possui as seguintes e surpreendentes faculdades, que se oferecem à reflexão e, sobretudo, ao estudo:

- vê através de corpos opacos e a distâncias mais ou menos consideráveis;
- vê a origem das moléstias e pode indicar os meios mais acertados para curá-las;
- experimenta momentaneamente a moléstia das pessoas com as quais foi posto em relação;
- possui condições de executar em si mesmo e nos outros operações cirúrgicas;
- é suscetível de receber sugestões para depois do despertar, quando perde a memória de seus atos sonambúlicos.

Deve-se observar, porém, que essas faculdades nem sempre existem reunidas no mesmo sonâmbulo.

Quanto à faculdade de realizar intervenções cirúrgicas, Aubim Gautier, em *Historie du Somnambulisme*, conta o caso da menina Madalena Durand, que, afetada aos 7 anos de um tumor canceroso na boca, foi abandonada pela medicina, que julgou inexistente a operação. Essa criança, em estado sonambúlico, no dia previamente por ela indicado, fez a incisão e cortou com o bisturi o tumor, cujas partes lhe saíram pela boca; depois dessa primeira operação, realizou outras até que a cura se verificou.

Adverte-se que o sonambulismo produzido pelos processos magnéticos consegue apurar essas extraordinárias faculdades, enquanto que o sonambulismo provocado pelos hipnotistas não conseguiu realizar esses efeitos, conforme a opinião categorizada do Dr. James Braid, citado por Alfred Bué, em *Le Magnétisme Curatif*:

“Os magnetizadores” — afirma Braid, o fundador do Hipnotismo — “asseguram positivamente poder realizar certos efeitos que eu nunca pude provocar com o meu método, se bem que o tenha tentado. Os efeitos a que aludo são, por exemplo, ler a hora num relógio colocado por detrás da cabeça ou na cavidade epigástrica, ler cartas dobradas ou um livro fechado, reconhecer o que se passa a distância de alguns quilômetros, adivinhar a natureza das enfermidades e indicar-lhes o tratamento sem possuir conhecimentos médicos. Devo dizer, a este respeito, que não julgo razoável, nem mesmo conveniente, pôr em dúvida as afirmações de experimentadores, homens de talento e de observação, cuja palavra constitui autoridade em outras matérias, sob o pretexto de que não fui pessoalmente testemunha dos fenômenos, ou que não pude reproduzi-los, quer pelo meu método, quer pelos deles”.

O sonambulismo, hoje uma expressão *demodée* nos ambientes espíritas, é uma questão em aberto. Os investigadores atuais canalizam os seus esforços para outras áreas de pesquisas, enquanto as intrigantes faculdades sonambúlicas permanecem em perene desafio, sem o respaldo científico (com as suas decorrências morais) que deveriam ter.

10 CONCEITO DINAMOGENÉTICO DA HISTÓRIA PROPOSTO PELO ESPIRITISMO

Em comentário de rodapé, inserto ao final do capítulo III, do livro terceiro, de *O Livro dos Espíritos*, o professor José Herculano Pires afirma que: *“Um mundo socialista, de trabalho e abundância para todos, mas sem perspectivas espirituais, seria tão vazio e aborrecido como um mundo espiritual de ociosidade, segundo o prometido pelas religiões.”*

E completa:

“O paraíso terrestre do marxismo equivaleria ao paraíso celeste dos beatos. O Espiritismo não aceita um extremo nem outro, colocando as coisas em seu devido lugar”.

O ilustre autor de *O Ser e a Serenidade* levanta, destarte, uma momentosa questão, que, por sinal, vem sendo debatida nos arraiais espíritas, suscitando divergentes opiniões. Parece-nos, contudo, que o pensamento do professor Herculano é cristalino. De fato, o marxismo não admite, sob quaisquer hipóteses, o princípio espiritual conforme explicita o Espiritismo. E não adianta tentar identificar ambas as doutrinas, utilizando-se de sofisticados mecanismos semânticos. Diria, a propósito Humberto Mariotti, em seu magnífico *Parapsicologia e Materialismo Histórico* (Edicel), que *“Marx viu o Homem como um composto físico-químico, isto é, como um organismo material governado e conduzido pelos modos de produção”*. Kardec, pelo contrário, compreendeu *“O Homem (...) como um espírito encarnado num corpo físico, para demonstrar sua evolução e sua realidade espiritual”*.

E reafirma o professor Herculano Pires:

“O homem de Marx é um ser liberto da exploração econômica, mas sem perspectivas metafísicas. Suas dimensões espirituais estão sujeitas

ao terrestre, o que vale dizer desaparecem com o corpo”.

E conclui, taxativo:

“Disso resulta ser o Homem de Marx um Ser incapaz de satisfazer o anseio de imortalidade que o Espírito leva em seu íntimo”.

Ademais, o próprio Humberto Mariotti na introdução ao opúsculo *Espiritismo e Marxismo*, de Jacob Holzmann Netto, admite que “a morte é soberana frente ao marxismo, razão por que toda sua ciência social fica reduzida ao silêncio. O filósofo marxista sabe que o seu mestre Karl Marx se perdeu para sempre nas sombras do nada e que seu Ser já não participa do desenvolvimento de sua ideologia no mundo. Mas a nova consciência da Humanidade pede algo mais que a existência de um homem mortal: pede, aos gritos, um novo Ser, uma nova visão do Espírito e da História; uma nova forma de existir que o vincula ao passado, ao presente e ao futuro através de um Ser eterno e atuante, nascendo, morrendo e renascendo para dar forma a uma nova imagem da realidade histórica em cujo desenvolvimento seja ele um ativo e dinâmico protagonista”.

E arremata sentencioso:

“Não se aplacará a luta de classes enquanto a filosofia da história não souber que a criatura humana, como todo o ser existente, evoluído do menos ao mais por meio de uma palingenesia dinâmica e criadora que aproxima o Homem de Deus, até transfigurá-lo como Espírito encarnado e desencarnado”.

Diria, então, conclusivo Jacob Holzmann Netto:

“O materialismo dialético, negando a continuidade biopsíquica, nega conseqüentemente a finalidade da vida e incide no mesmo erro do existencialismo ateú: o Homem resulta um ser criado para morte e o nada, conseqüência de suas premissas e que muito lhe amesquinha a pretendida visão total do Homem e do mundo”.

E prossegue:

“Para Marx e Engels, a história da Humanidade é a história da luta de classes, a qual repousa na base econômica da sociedade e não na consciência dos indivíduos, como se, suprimindo-se a consciência dos indivíduos, pudesse haver lutas de classes...”

Na verdade, diríamos, em adendo às lúcidas afirmações supracitadas, o materialismo histórico sobressai, destarte (embora contra isso reajam os teóricos do marxismo), como um determinismo fatalista, com base no fator econômico. Determinismo fatalista, sem dúvida, porque obedece à cega necessidade, a qual, por ser cega como o acaso, é tão anticientífica quanto este e não sabe para onde vai nem por que vai.

“O marxismo” (ou antes, o materialismo histórico) — acrescenta Holzmann Netto — “queiram ou não os seus teóricos, oferece-nos uma visão apenas parcial e insuficiente da História. Bem mais amplo é, entretanto, o conceito dinamogenético da História que nos propõe o Espiritismo dialético: tanto quanto no Universo, também na História tudo se move e se transforma em constante renovação, nada é permanente e igual a si mesmo em dois momentos históricos diversos, mas tudo vem a ser, mudando perpetuamente de lugar e de tempo, dê quantidade e de qualidade; a história não se repete e não se detém, nem há nela dois fatos idênticos ou que possam ser transplantados a diferentes meios e épocas com idênticos resultados, tudo se modifica sem cessar, sob a ação da lei dos contrários (fundamento, móvel e razão de ser de toda evolução), pois que, sem a luta de dois princípios aparentemente antagônicos, mas que se completam e se solidarizam na consecução de um único objetivo, não se pode conceber a evolução, senão a inércia, o eterno repouso”.

Deve-se ressaltar, entretanto, que esse movimento progressivo incessante não se realiza mecanicamente, nem tão somente em função de fatores materiais, que são causas concorrentes, mas não causa essencial da evolução. “Na verdade, o Homem não é algo que se empurre por detrás e ao acaso, como querem os arautos do materialismo histórico, mas leva em si mesmo a força motriz e diretora de suas decisões, capaz de dominar as forças materiais da História, de reagir contra o meio, contra a estrutura econômico-social, e traçar novos rumos à sociedade.

Concluimos, passando a palavra a Holzmann Netto e a Humberto Mariotti, respectivamente:

“Não nos esqueçamos de que as idéias emanadas do Materialismo se tornam infecundas para levantar a alma das nações até à redenção e heróica cidade. A voz sonora dos povos levantar-se-á harmoniosa e profética por meio do Espiritualismo Espírita. As tribunas se converterão em cátedras do Espírito e se manifestará uma nova faculdade mediúnica: a Mediunidade Social, por meio da qual os fenômenos sociais, políticos e econômicos serão elucidados pelos Grandes Seres, que se comunicarão com a alma do povo para expressar ao Homem e ao Cidadão o verdadeiro significado da existência e das questões sociais”.

“Em verdade, só o Espiritismo é capaz de forjar um realismo espiritual que suplanta o realismo marxista, opondo fatos a fatos e demonstrado através dos fatos, que o metafísico existe e é uma realidade. E, quando a pugna se resume à uma luta entre o espírito e a matéria, o Espiritismo não pode nem deve calar-se: cabe-lhe intervir na discussão e provar a insuficiência do marxismo como visão total do Homem e do mundo”.

11 OS CONFLITOS INTERIORES DE FREUD E AS IDÉIAS ESPÍRITAS DE JUNG

Ao correr de sua vida, Sigmund Freud vacilou entre a aprovação e a preceptória negação dos fenômenos supranormais. De pais judeus, tivera uma educação em que não faltou o conhecimento da Bíblia, propiciado por uma preceptora católica. Diria, entretanto, anos depois que se considerava um agnóstico impénitente. Contudo, e como afirma Martin Ebon, no livro *They Knew the Unknown*, traduzido para o português, sob o título: *Eles Conheceram o Desconhecido* — Ed. Pensamento, São Paulo, “os conceitos de imortalidade e as insinuações de uma vida após a morte, eram um perpétuo desafio para ele; seus próprios pensamentos sobre a morte estavam entremesclados com idéias de predestinação”.

Entre 1881 e 1885, após concluir o curso de medicina e estagiar em hospitais psiquiátricos, consegue integrar a equipe de Jean Charcot, no célebre Salpêtrière, em Paris, onde entrou em contato com as técnicas então desenvolvidas no campo neurológico. Aliás, Charcot também investiu, digamos assim, na área dos fenômenos espirituais, destacando-se as pesquisas realizadas com a histórica, (médium) Alcina, que conseguiu hipnotizar. Por essa médium, comunicou-se o Espírito do médico grego Galeno, que ditou ao mestre de Freud uma profunda definição de corpo humano, que jamais poderia ser concebida por uma dementada. Ei-la: “O corpo humano ainda não chegou à sua perfeita conformação. Os sistemas da circulação e da inervação estão suficientemente unidos e relacionados no plano da economia, mas o sistema linfático sofrerá uma evolução de grande proveito, principalmente para longevidade humana. Em alguns animais inferiores, de vida muito longa, poderiam fazer experiências probatórias desta assertiva”.

Após a manifestação, Charcot voltou-se para os presentes e disse: “Senhores, não queirais adiantar-vos à nossa época. Não procureis nenhum raciocínio que nos possa dar a explicação clara e verdadeira das nossas experiências. Contentai-vos com a observação experimental que acabais de presenciar”.

Conforme elucidava Hercúlo Pires (Vide *Parapsicologia Hoje e Amanhã* — Edicel), essa história é contada por Frederico Vives, que freqüentou as sessões de Charcot. E comenta, desafiadoramente: “Quem era essa pobre mulher idiotizada que Charcot mandava marchar de um lado para o outro, segundo conta Vives, e que, no entanto, escreve em grego antigo e moderno ou em outros idiomas clássicos. Voltava ela do passado”.

Alguém descobrirá, por certo, uma fraude de Charcot, porque há pessoas que só sabem ver fraudes e tolices por toda parte, reservando para si mesmas o duplo direito à honestidade e à esperteza.

“Enquanto estava em Paris” IW informa Ebon — “ele teve a experiência clauriaudiente de ouvir a voz de sua noiva, Martha Bernays, chamando-o de Viena, não uma, porém, várias vezes”. Freud casou com Martha em 1886.

Afirma-se que Freud teria sofrido poderosa influência de conhecido numerologista, o dr. Wilhelm Fliess, “o que fez vir à tona — conforme Mr. Ebon — uma fascinação pelos números que permaneceu evidente durante a maior parte de sua vida.”

As suas preocupações com o misterioso iam se afirmando gradativamente ao passar dos anos, registrando-as nos trabalhos a que dava a

público, em que sobressai *The Psychopathology of Every-day Life* (1904), onde é registrada e comentada a psicodinâmica dos sonhos proféticos e das manifestações telepáticas. Quanto à Telepatia, Freud já tivera afirmado a sua opinião, baseada nos resultados das pesquisas realizadas sob o patrocínio da *Sociedade de Pesquisas Psíquicas*, com o sensitivo Gilbert Murray, nos termos seguintes: “*Estou disposto a desistir da minha oposição à existência da transferência de pensamento*”, acrescentando que “*estava preparado para dar o apoio da Psicanálise à questão da Telepatia*”. Estas colocações de Freud se encontram inseridas em uma carta dirigida ao dr. Ernest Jones, de Londres (Inglaterra), que convenceu o grande psicanalista a não dar notoriedade ao fenômeno, sob pena de comprometer o prestígio da Psicanálise...

“*O conflito interior de Freud, referente ao oculto*” — esclarece Mr. Ebon — “*era tão forte nessa época de sua vida que mais tarde ele bloqueou parte de sua memória sobre isso*”. Diria, contudo, mais tarde (1921), em carta, ao receber convite do grande pesquisador Hereward Carrington, para integrar o Conselho Consultivo do Instituto Psíquico Americano: “*Eu não sou um desses que, logo de saída, condenam o estudo dos chamados fenômenos psicológicos ocultos, por considerá-los não científicos, sem valor ou até mesmo perigosos. Se eu estivesse no começo de uma carreira científica, em vez de estar, como agora, no fim dela, talvez não escolheria outro campo de trabalho, a despeito de suas dificuldades*”.

Afirma-se que Freud negou, tempos depois, ter escrito esta carta. Mas o pesquisador Nandor Fodor que possuía cópia deste documento, provou a sua autenticidade. Conquanto escrevesse, na supracitada carta, que se estivesse no começo de uma carreira científica se dedicaria ao estudo dos fenômenos psíquicos, Freud, na verdade, sempre se voltou para o ocultismo, tendo até elaborado um ensaio sobre *Psicanálise e Telepatia*, que seria apresentado no Congresso Internacional Psicanalítico de 1922. Ernest Jones, porém, demoveu-o do intento e ele então submeteu ao referido Congresso um outro ensaio sob o título — *Sonhos e Telepatia*.

Em 1941, após o descesso de Freud, o ensaio *Psicanálise e Telepatia* foi publicado.

Com a palavra Martin Ebon: “*Freud podia ter uma visão fria, desapaixonada, sobre as experiências psíquicas — mas foi abalado por aquelas que lhe chegaram perto, embora procurasse abafá-las depressa, com explicações psicanalíticas*”.

Com relação às pesquisas que realizou com Sandor Ferenczy e sua filha Arma, afirmou: “*Elas foram excepcionalmente boas em especial aquelas em que eu fiz o papel de médium e depois analisei minhas associações*”.

E quando Ernest Jones, mais uma vez, censurou o pai da Psicanálise, dizendo que ele com tais pesquisas terminaria por “*acreditar em anjos*”, ouviu a seguinte resposta: “*Perfeitamente; talvez até mesmo no próprio bom Deus*”.

Tudo isso deixava Sigmund Freud confuso. Ele mesmo afirmara, numa carta a E. Jones que o assunto o deixava perplexo e confuso.

Sigmund Freud e Carl Jung

Os dois maiores expoentes da Psicanálise vinham se desentendendo há algum tempo. Por volta de 1911, Carl Jung (1875-1961) recebe uma carta de Freud em que este declarava sua oposição às tendências ocultistas do autor de *Septem Sermones ad Mortuos* (Sete Sermões para os Mortos), por sinal escrito, segundo ele, “*para satisfazer às insistentes e angustiosas exigências dos mortos*”.

O interesse de Jung pelos fenômenos espíritos teve início com o estudo da literatura do século XIX, acrescido pelas intrigantes experiências de dois grandes cientistas, Johann Karl Friedrich Zöllner, professor da Universidade de Leipzig (Alemanha) e Sir William Crookes, notável físico inglês, descobridor do tálio, inventor do radiômetro.

Zöllner (1834-1882) realizara memoráveis experiências com famosos médiuns da época, destacando-se Henry Slade, culminando com a publicação do livro *Transcendental Physics* (Física Transcendental) tradução inglesa, onde afirma a sua convicção na existência de uma quarta dimensão.

Crookes (1832-1919), por sua vez, procedera a incríveis sessões de materialização e efeitos físicos com os extraordinários médiuns Daniel Dunglas Home e Florence Cook, esta por sinal, pesquisada pelo notável psicólogo William James, por Charles Richet (prêmio Nobel de Medicina de 1913) e Camille Flammarion, conhecidíssimo astrônomo francês.

A correspondência entre Freud e Jung teve início em 1906. As idéias do autor da Psicologia Analítica causaram viva impressão no Pai da Psicanálise. No ano seguinte ambos se encontraram. Jung juntou-se a Freud e a Bleuler, assumindo a direção do anuário psicanalítico. Em 1909, Jung visita Viena e solicita de Freud opinião sobre a precognição e a Parapsicologia. Informa o próprio Jung sobre a oposição de Freud: “*Por causa de seus preconceitos materialistas, rejeitou todas as perguntas considerando-as disparatadas e fez isso em termos de um positivismo tão frívolo, tão leviano, que eu tive dificuldades em conter a resposta áspera que estava na ponta da língua. Passaram-se muitos anos antes que ele reconhecesse a seriedade da Parapsicologia e admitisse a realidade dos fenômenos ocultos*”.

Quando ambos discutiam, acaloradamente, tentando fazer prevalecer os seus respectivos pontos de vista, aconteceu um incidente (fenômeno) que repercutiu profundamente. Conta Jung os trâmites do inusitado episódio: “*Enquanto Freud estava falando daquele jeito, eu tive uma curiosa sensação. Senti como se o meu diafragma fosse feito de ferro e estivesse ficando em brasa — uma abóbada incandescente. E, nesse momento, ouviu-se um estampido tão forte na estante de livros que estava bem junto a nós, que ambos ficamos de pé num salto, com medo que aquela coisa fosse tombar sobre nós. Eu disse para Freud: ‘Pronto, isto é um exemplo do chamado fenômeno de exteriorização catalítica’*”.

“*Oh, espera aí, exclamou ele, isto é pura asneira!*”

“*Não é não, repliquei. O senhor está enganado, Herr Professor. E para provar o meu ponto, eu agora predigo que em um momento haverá, outro grande ruído igual! De fato, assim que acabei de dizer estas palavras a mesma detonação estrondou na estante de livros.*”

“*Até o dia de hoje, eu não sei o que foi que me deu essa certeza. Mas eu sabia, sem qualquer dúvida, que o ruído se repetiria. Freud apenas olhou para mim estupefato*”.

No dia 6 de abril de 1909, três semanas após o incidente, Jung recebe uma carta de Freud, de onde extraímos os seguintes trechos:

“*E extraordinário que na mesma tarde que adotei você, formalmente, como um filho primogênito, sagrando-o como meu sucessor e príncipe herdeiro — in partilius infidelium — que então ali mesmo você tivesse me despojado da minha dignidade paternal e que esse esbulho parecesse ter dado a você o mesmo prazer que senti ao sacrá-lo*”.

Na mesma missiva, Freud relata a ocorrência de fatos que ele não tenta explicar:

“*Depois de sua partida resolvi fazer algumas observações e aqui estão os resultados. Na minha sala da frente ouvem-se contínuos ruídos e estalos, que partem do lugar onde duas pesadas esteiras egípcias estão apoiadas na prateleira de carvalho do estante de livros, de modo que esses estalos são óbvios. Na segunda sala, onde nós ouvimos o estrondo, tais ruídos são muito raros. A princípio senti-me inclinado a atribuir algum significado a ele, se o ruído que ouvimos repetiu-se quando você estava aqui nunca mais fosse ouvido depois de sua partida. Contudo, desde então ele tem se repetido várias e várias vezes, mas nunca em conexão com meus pensamentos e nunca quando eu estava meditando sobre você ou sobre o seu problema particular*”.

Jung e a Society for Psychical Research

Alguns anos depois da publicação dos *Sete Sermões para os Mortos*, Carl Jung proferiu longa conferência na sede da *Society for Psychical Research*, em Londres tratando do tema — *As Bases Psicológicas da Crença nos Espíritos*.

A palestra teve uma introdução histórico-antropológica repleta de referências: “*conflitos psicogênicos entre povos e primitivos que se dedicam à adoração dos ancestrais, que é, antes de tudo, uma proteção contra a malícia dos mortos*”, à conversão de Paulo de Tarso, a alucinações auditivas e complexos autônomos.

E conclui:

“*Portanto, os Espíritos, visto de um ângulo psicológico, são complexos autônomos inconscientes, que aparecem como projeções porque não*

têm associações diretas com o ego”.

Anos mais tarde, porém, ele reverte a sua posição, admitindo:

“Não somente as descobertas da Parapsicologia, mas também as minhas próprias reflexões teóricas, resumidas em *A Natureza da Psique*, levaram-me a certos postulados que tocam os domínios da física nuclear e da concepção da continuidade de espaço-tempo. Isto reabre a questão da realidade transpsíquica imediatamente à psique

Por essa época, participou de extraordinárias sessões de efeitos físicos e de materializações sob a orientação do renomado Professor Albert Von Schrenck-Notzing, servindo de médium o austríaco Rudi Schneider. O Professor Bleuler acompanhou Jung nessas sessões.

Conclusão

Na realidade, ambos os gigantes da Psique sen- tiram-se inelutavelmente envolvidos pelos problemas cruciais suscitados pela sobrevivência da alma, mas — conforme acrescenta M.Ebon — *limitaram-se, cautelosamente, a circunspectas declarações públicas...*

Admitir a imortalidade e a comunicabilidade dos Espíritos provocaria estrondosa queda do edifício psicanalítico, o que seria um rude golpe para os eternos niilistas, que teimam, sem pesquisas, em rejeitar qualquer manifestação favorável à imortalidade, mesmo que parta de um Sir Oliver Lodge, Césaire Lombroso, William Crookes, Pierre e Marie Curie, Charles Richet e de outros expoentes.

Cari Jung viveu o tempo todo entre o que se pode chamar de *a crítica e a não-crítica*, levando-o, provavelmente, a inscrever, em suas *Memórias*, a dúvida que lhe ia n’alma sobre, de modo particular, a fenomenologia espiritual:

“Estou atônito, desapontado e contente comigo mesmo, estou perturbado, deprimido e entusiasmado. Sou todas essas coisas ao mesmo tempo e não posso somar as parcelas. Sou incapaz de determinar o que não é de suprema importância e o que não tem importância nenhuma. Não existe nada sobre o que eu tenha absoluta certeza”.

Faltou, ao notável pensador suíço, acreditamos, um confortável e relaxante divã...

12 SIR WILLIAM CROOKES - O POETA E O ESPÍRITO -

Sir William Crookes nasceu a 17 de junho de 1832, em Regent Street, Londres, e desencarnou a 4 de abril de 1919. Aos vinte anos era professor no Colégio Real de Química, de Londres; aos vinte e dois, diretor do Instituto Meteorológico. Aos trinta anos descobre o tálio; aos trinta e dois entra na Academia de Ciências, inventa o radiômetro e os célebres *tubos de Crookes* e dirige o jornal científico mais sério da Europa.

Em 1869, a *Sociedade Dialética de Londres* realiza um inquérito sobre os fenômenos espíritas, do qual participou o grande sábio. Daí, partiu para o desenvolvimento de experiências com o médium Dunglas Home, cujos resultados ele os publica no *Quarterly Journal of Science*, de Londres.

As sessões eram realizadas na casa de Crookes, na sala de jantar, com absoluto sucesso, suscitando as seguintes colocações do eminente sábio: “*Confesso que estou surpreendido e contristado com a timidez ou a apatia revelada pelos homens de ciência perante esses fatos. Há algum tempo, quando me foi dado estudá-los, pedi, para um exame de condições, a cooperação de alguns amigos sábios; mas depressa reconheci que um comitê científico para fazer investigações em fatos desta natureza era inútil, e que devia contar apenas com os meus próprios esforços, ajudado, de tempos a tempos, por alguns amigos sábios e instruídos que quisessem juntar-se a mim para essas pesquisas**”.

A posição de Crookes e de seus amigos importuna a maioria dos sábios ingleses que receiam que ela lance o descrédito sobre todos eles. Pretendia-se que Crookes reconhecesse os seus erros. Nos jornais científicos, é acusado de ignorar as experiências de Faraday, que provaram que as mesas giravam sob a influência do inconsciente. Crookes ataca a teoria de Faraday (1791-1867), físico inglês, a quem se deve grandes descobertas no campo da eletricidade.

Sugerem que Crookes se exonere da Academia de Ciências. Nessa altura, Crookes reluta tenazmente; entrega-se às experiências e às polêmicas, abandona a posição metapsiquista, convertendo-se ao Espiritismo.

As experiências maiores de W.Crookes se realizaram com a colaboração da jovem médium Florence Cook, que se iniciou aos quinze anos. Um tal Hermes — informa Jacques Lantier (*Espiritismo* — Coleção Esfinge, Lisboa) ter-lhe-ia ensinado métodos próprios para desenvolver os seus poderes medianímicos. Os resultados foram tão surpreendentes que um espírito de Manchester, Charles Blackbum, assegurou a sua *colaboração diante de um salário mensal*.

Após inúmeras sessões, quando se aperfeiçoaram os métodos até então empregados, pôde materializar-se uma jovem muito bela, revestida de um peplo branco com pregas engenhosas. Perante a assistência estupefata, o fantasma declarou chamar-se Katie King.

“*Depois de um certo número de experiências, Katie King prolongou a duração das suas aparições e começou a conversar com a assistência no meio de uma indisível emoção*” — obra citada.

A extraordinária mediunidade de Florence Cook foi examinada por notáveis pesquisadores entre os quais: William James, Charles Richet, Schiaparelli, Oliver Lodge, Frédéric Myers, Alexandre Aksakof, Camille Flammarion. Todos comprovaram a existência do Espírito Katie King, chegando Richet a declarar:

“*É possível que com todos esses sábios eu me tenha enganado, e muito. É possível que todos tenham sido mistificadores. É possível que um dia alguma inesperada experiência justifique muito simplesmente a nossa prolongada mistificação... Assim seja! Mas até me explicarem como fomos vítimas de uma prestigiosa ilusão, sustento que há que admitir a realidade das materializações*”.

William Crookes legaria à posterioridade o seguinte testemunho:

“*A 12 de março, durante uma sessão, e depois de Katie ter caminhado no meio de nós, de nos ter falado durante algum tempo, retirou-se para detrás da cortina que separava o meu laboratório, onde a assistência estava sentada, da minha biblioteca que, temporariamente, fazia de gabinete. Passados alguns momentos, ela voltou à cortina e chamou-me a ela dizendo: '— Entre no meu quarto e levante a cabeça de minha médium: ela caiu por terra. Katie estava a esta altura de pé diante de mim, vestida com o seu vestido branco habitual e com o seu turbante. Dirigi-me imediatamente para a biblioteca para levantar a menina Cook, e Katie deu alguns passos para o lado para me deixar passar'...*”

Crookes adquire a confiança absoluta de Katie King, que se coloca à disposição do sábio para exames. Nunca ele supusera que, além do túmulo, onde, segundo a crença geral, somente há podridão, poderia existir alguém como Katie... O pulso do fantasma bate regularmente a setenta e cinco pulsações por minuto. Crookes ausculta o coração e ouve o barulho de um mecanismo perfeito.

“*Apaixonado, perplexo*” S revela Jacques Lantier — “*ele faz, falando dela, estes versos, que não receia publicar:*

“*A sua volta, ela criava uma atmosfera de vida./ Os seus olhos pareciam tornar o próprio ar mais brilhante;/ eram tão doces, tão belos e tão repletos/ de tudo aquilo que podemos imaginar dos céus./ A sua presença subjugava a tal ponto que não teríeis achado/ que fosse idolatria ajoelhar-se a seus pés*”.

Um dia, Katie King acorda Florence Cook e anuncia “— *A minha missão está cumprida. Que Deus vos abençoe!*” Miss Cook, emocionadíssima, não contém as lágrimas. Pede a Katie que fique. A aparição começa a desintegrar-se lentamente. A médium é abalada por convulsões. A forma toma-se diáfana e depois desaparece.

O precursor da mecânica ondulatória ratifica, em laboratório, a existência do Espírito e sua manifestação no mundo corpóreo, fato conhecido da Humanidade desde recuadíssima era. Entretanto, há quem levante dúvidas e até mesmo promova ações de violenta contestação aos corajosos anúncios do sábio inglês. Preferem acreditar nos frutos azedos gerados na árvore das concepções teológicas, árvore plantada e regada pelo próprio homem...

Os Resultados das Experiências

Utilizando-se de todo um sofisticado equipamento, elaborado, sob sua supervisão, pelo engenheiro Cromwell Flectwood Valey (descobridor do condensador elétrico-técnico que estabeleceu as comunicações entre dois continentes por meio de cabo submarino), obteve os seguintes resultados:

- Movimento de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico;
- fenômenos de percussão e outros sons da mesma natureza;
- alteração do peso dos corpos;
- movimento de objetos pesados colocados a certa distância dos médiums;
- mesas e cadeiras levitadas do chão sem ninguém as tocar;
- levitação de corpos humanos;
- movimento de diversos objetos sem contato;
- aparições luminosas;
- aparições de mãos luminosas, visíveis à luz ordinária;
- escrita direta;
- formas e figuras de fantasmas;
- materializações completas de um ser humano, ou parciais, como sejam, pés, mãos, membros superior e inferior.

O Ambiente das Experiências

O sábio inglês cercava as suas experiências de extraordinários e meticolosos cuidados, a fim de evitar dúvidas quanto à autenticidade dos fenômenos obtidos.

“Empreendi investigações sob tais condições de lugar, de pessoas, de luz, de posição e de observação que o contato era materialmente impossível, ou caso se verificasse, voluntária ou involuntariamente, não poderia comprometer as experiências. Estas se realizaram em minha própria casa: não se pode insinuar que artifícios, previamente dispostos, poderiam auxiliar o médium” (Fatos Espíritos, FEB).

Refutação às Pesquisas de William Crookes

Várias e absurdas hipóteses foram levantadas para justificar a gênese dos fenômenos observados por William Crookes: *O Pensamento Latente*, de William Hamilton, a *Ação Reflexa*, de Laycock, o *Princípio Ideomotor*, de Carpentier, a *Ação Inconsciente do Cérebro* e a *Ação Muscular Inconsciente*.

Diria, então, o Dr. Sérgio Valle (in *Silva Mello e os Seus Mistérios* — LAKE, com prefácio de Pedro Granja):

“Quem poderia desmentir um Crookes? Quem se atreveria a passar-lhe o atestado de ingênuo, que não soube acautelar-se de fraudes, durante tantas experiências, vistas simultaneamente por outros olhos não menos incrédulos e desejosos de que os fatos, preferentemente, confirmassem as suas idéias preconcebidas? Somente um Richet. Mas este, ao contrário, reproduziu as célebres experiências dentro do mesmo rigoroso determinismo a que estava acostumado na sua longa vida de estudioso da Fisiologia e da Psicologia”.

*“E ao cabo de 40 anos” — conclui — “deu-lhe confirmação cabal em obras mundialmente conhecidas. As expressões com que defende a tese de William Crookes, aussi srand var le courase que par la pensée, a quem dedicou o seu *Traité de Mé-tapsychique*, associando-lhe ao nome o de F. Myers, excedem em ardor, combatividade e sinceridade a tudo quanto crentes, médiocres ou fanáticos tenham articulado em prol da necessidade dos fatos espíritos”.*

Quando o grande William Crookes relata ter visto, em seu laboratório, Katie King, fantasma capaz de se mover, de respirar, ao lado de seu médium Florence Ççok, o sabichão pode erguer os ombros e dizer: *“E impossível, o bom senso faz-me afirmar que Crookes foi vítima de uma ilusão, Crookes é um imbecil!* Mas esse pobre sabichão não descobriu a matéria radiante, nem o tálho, nem as ampolas que transmitem a luz elétrica”...

E esse fantasma é tão real e palpável e presente, que o grande pesquisador se descobre poeta e verseja, em homenagem àquele ser do outro lado da vida.

13 A FORÇA PSÍQUICA OU VITAL

O Professor William Crookes demonstrou, com o auxílio de um aparelho de sua invenção, que a força vital podia, em certos casos (com o concurso de um médium poderoso), determinar nos corpos sólidos uma quantidade variável de peso ou movimento, destruindo, assim, pela base (pelo menos na aparência) os princípios fundamentais da física sobre a densidade e peso específico dos corpos.

Esse aparelho de W. Crookes compõem-se essencialmente das seguintes peças:

1ª — Um tripé fotográfico, de cuja prancheta superior pende um pequeno dinamômetro ou balança de mola em espiral, a cujo gancho inferior está presa uma pequena corda.

2ª — Uma tábua de mogno de dois metros de comprimento, suspensa por uma extremidade à corda do dinamômetro, tendo a outra extremidade de tábua apoiada sobre uma mesa. Sobre esta extremidade havia duas pequenas caixas de papelão muito frágeis, sobre as quais colocava os dedos das mãos de Daniel Dunglas Home.

O peso normal desta tábua era de três libras, mas logo que D.D.Home colocava os dedos sobre as caixas de papelão, a força que irradiava do médium era tal que o dinamômetro acusava logo um peso que oscilava entre 6 a 9 libras.

Feita esta experiência por muitas vezes, sempre com o mesmo resultado, W.Crookes procedeu à contra-prova, colocando-se ele próprio de pé sobre a extremidade da tábua onde D.D.Home colocara os dedos. Ora, apesar de ser de 140 libras o peso de W.Crookes, o dinamômetro apenas indicava um aumento de peso de uma libra e meia a duas libras, donde se pode concluir que, apesar de D.D.Home colocar os dedos sobre a extremidade da tábua aplicada sobre a mesa, a força psíquica que atuava sobre o dinamômetro deve supor-se aplicada na outra extremidade da tábua.

Estas experiências foram feitas na presença dos ilustres sábios Dr. Huggins, que vigiava as oscilações da balança, Dr. Sergeant Cox, e o ajudante de química de Crookes.

William Crookes X Daniel Dunglas Home

W.Crookes não apenas realizou pesquisas mediúnicas através da encantadora Florence Cook. Preocupou-se, também, em levá-las a efeito com notáveis médiums da época, destacando, no particular, a figura carismática e sobretudo polêmica de Daniel Dunglas Home².

W.Crookes conhecera Home por volta de 1869, iniciando, porém, a série de experiências com o médium escocês em 1871. Nos anos anteriores, Crookes participava de algumas sessões de Home, portando-se, entretanto, como expectador atento e circunspecto.

Um dos mais discutidos fenômenos que ocorriam às expensas da força mediúnica de Home era a do acordeão. O instrumento era tocado mavisamente por mãos invisíveis, que o faziam volitar pelo ambiente onde aconteciam as sessões. Crookes, desejando firmemente experimentar certa faceta das manifestações ostensivas dos Espíritos, comprou, ele próprio, um acordeão, recusando o de Home que as más línguas propalavam haver em seu interior *uma caixa de música mecânica*. *“O Sr. Home”* — afirma Crookes em seu relatório publicado no

² (1) - Dados extraídos da obra *D.D.Home — O Homem Que Falava Com os Espíritos*. — J.G.Edmonds — Ed.Pensamento.

Quartely Journal of Science — “não tinha manejado nem visto o instrumento antes do início dos testes de experiência”.

As preocupações do ilustre cientista levaram-no a construir uma gaiola de arame onde encerrou o acordeão, pretendendo provar (como realmente ficou provado) que nenhum agente externo o tocava.

A primeira sessão realizou-se em junho de 1871. Havia oito pessoas presentes: um cientista, um advogado, a esposa de Crookes, seu irmão com a esposa e o assistente do cientista, além, é claro, de Crookes e Home... e os Espíritos! A sessão revestiu-se de pleno êxito.

As experiências de W. Crookes com D.D. Home suscitaram acerbas polêmicas, sobretudo pela veemência com que o ilustre sábio defendia a autenticidade dos fenômenos que comprovavam, acima de tudo, a imortalidade da alma.

William Crookes e Eva Fay

No rol das pesquisas realizadas pelos mais afamados investigadores dos fenômenos psíquicos e espíritas, raramente se fala em Eva Fay.

Encontramos, entretanto, substanciais referências ela no livro *Hipóteses em Parapsicologia*, do Dr. Carlos Imbassahy, lançado em 1967, pela Editora Eco. Reporta-se o beletrista baiano ao trabalho realizado por William Crookes com a médium, publicado na revista londrina — *A Scientific Examination of Miss Fay's Mediumship*.

Nessas experiências utilizou-se o galvanômetro, que tinha a função de registrar todo e qualquer movimento da médium. Nas sessões, Eva Fay conhecia apenas dois dos assistentes; todavia a entidade que se comunicava conhecia, a fundo, a vida e a obra dos presentes.

A sessão era de tal forma controlada que **o célebre Dr. Carpenter — informa Imbassahy —, inimigo gratuito do sábio (William Crookes), e difamador de seus trabalhos, declarou que Fay o enganara e se gabava disto. A médium desmentiu-o publicamente, e de maneira, categórica”.*

Eva Fay também fora examinada por Frédéric Myers, que, por sinal, escreveu sobre as suas experiências com a médium, chegando a informar, a respeito, Henry Sidgwick, fundador, com ele e outros eminentes cientistas, da *Society for Psychical Research*, de Londres, Inglaterra:

“Em sua combinação conosco, mostrou-se ela submissa a todas as nossas exigências. A evidência da sua candura aumenta constantemente”.

E, para concluir, passamos a palavra ao admirável escritor baiano, autor, dentre outras obras, de *Missão de Allan Kardec*:

“Enquanto o progresso material da Humanidade parece um tanto rápido, principalmente o da destruição, o progresso referente ao campo da espiritualidade vê levantar-se a sua frente verdadeiras pirâmides de obstáculos. Nesse caso, das experiências de Crookes, acardumaram-se os inimigos de tal maneira, que temos a impressão de ver um bando de ferozes piranhas em torno de uma presa”.

E conclui:

“Elas surgiram dificultando a marcha dos acontecimentos psíquicos, por todos os meios de que a difamação dispunha, ainda mesmo o da honra dos que compunham a comissão, médiuns, pesquisadores, observadores”.

E as ferozes piranhas de que nos fala o Dr. Carlos Imbassahy ainda infestam as águas turvas da incompreensão e da inveja nestes finais de séculos.

14 O IDEALISMO FILOSÓFICO DE GUSTAVE GELEY

Gustave Geley afirmou que a sobrevivência pessoal não seria demonstrada apenas pelos fatos metapsíquicos, mas o seria, e em profundidade, pela síntese filosófica racional da evolução.

Legaria à Humanidade os contornos de uma filosofia racional palingenésica, que, ratificando os princípios kardequianos, suscita autêntica revolução nos postulados da Filosofia, da Psicologia, das Ciências Naturais e da Moral, revelando ao indivíduo o porquê de seus sofrimentos, legitimando suas esperanças e anseios de justiça e de fraternidade, e afirmando a realização da Consciência Eterna no desenvolvimento infinito.

Diria, a propósito, em carta dirigida ao Dr. Innocenzo Calderone, diretor-fundador da revista *Filosofia della Scienza*, de Palermo, Itália (*in: Vida, Morte e Reencarnação*, Ed.Eco, tradução do Dr. Francisco Klörs Wemeck, de saudosíssima memória): *A palingenesia é, favoravelmente, verdadeira, porque:*

1— *está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais, sem estar em contradição com nenhum;*

2r — *dá a chave de imensidade de enigmas de ordem psicológica;*

3- — *apóia-se em demonstração positiva”.*

E continua a missiva nestes termos:

“A era das revelações, a era das profecias, terminou para sempre. Não há lugar, na consciência moderna, para um misticismo fora de moda, tornado agora exclusivamente prejudicial.

“A obra definitiva de emancipação intelectual e moral não poderá mais depender senão de pesquisas, estrita e exclusivamente científicas, sobre a verdadeira natureza do ser e o seu destino”.

E conclui sentencioso:

“A filosofia do futuro será clara, simples e magnífica, a filosofia da ciência”.

No livro *Do Inconsciente ao Consciente*, desponta o idealismo filosófico de Geley (nitidamente dialético) fundamentado em dois capitais princípios:

1ª — O que há de essencial no Universo e no indivíduo é um dinamopsiquismo único, primitivamente inconsciente, mas que contém em si todas as potencialidades de suas futuras metamorfoses: as aparências diversas e inumeráveis das coisas não são mais do que meras representações daquele princípio.

2ª — O dinamopsiquismo essencial e criador passa pela evolução do inconsciente primitivo ao consciente realizador.

“O Dr. Geley penetrou — assim deduz Jacob Holzmann Netto —, o conhecimento da teoria da unidade substancial, ao concluir que a forma não é senão uma ilusão temporal, o que corresponde plenamente aos avanços da Física moderna, que hoje fala da materialização e desmaterialização da energia, como a Metapsíquica nos diz de materialização e desmaterialização de forças psíquicas super-normais”.

Considerando o eu como um dinamopsiquismo essencial, Geley destruiu as já frágeis noções da Psicologia clássica, que o tomam como a soma de estados de consciência, e conceituou, sempre assentando suas conclusões sobre os fatos, que o dinamopsiquismo inconsciente e subconsciente tende, pela evolução, a converter-se em dinamopsiquismo consciente.

Para o ex-Diretor do Instituto de Metapsíquica Internacional, o progresso espiritual e psicológico não é outra coisa que a conversão dos conhecimentos em faculdades, as quais se adquirem por experiências, através das vidas sucessivas, na evolução palingenésica do ser. A evolução é, para Geley — *“a passagem do inconsciente ao consciente no Universo: quanto ao indivíduo, também o Universo deve conceber-se como representação temporal e como dinamopsiquismo essencial e real; assim como o organismo não é senão um produto ideoplástico do dinamopsiquismo essencial, o Universo não se apresenta senão como a formidável materialização da potencialidade criadora”.*

A evolução estaria resumida, destarte, a um processo de aquisição da consciência, tanto no macrosocmo quanto no microcosmo o que explica muito melhor as faculdades evolutivas do que é capaz o transformismo clássico e faz compreender como o mais pode sair racionalmente do menos, posto que a imanência criadora, que está na essência mesma das coisas, possui todas as capacidades potenciais de realização.

E esclarece, ainda, G.Geley:

“O indivíduo, o ser aparente, submetido ao nascimento e à morte, limitado em suas capacidades, efêmero em sua duração, não é o ser real, mas tão só uma representação ilusória, atenuada e fragmentária do ser real, aprendendo pouco a pouco a conhecer-se e a conhecer o Universo, é a chispa divina no caminho de realizar sua divindade, infinita em suas potencialidades, criadora, eterna. Também no Universo

manifestado, as diferentes aparências das coisas são meramente a representação ilusória, atenuada e fragmentária da unidade divina, a realizar-se majestosamente numa evolução sem fim. A constituição dos Mundos e dos indivíduos não é senão a realização constante e ininterrupta da consciência eterna, por via da multiplicidade progressiva de criações temporais e de objetivações sucessivas no tempo e no espaço. ”

Em síntese, Geley oferece o seu *Idealismo Filosófico* como subsídio às teses arquitetadas pelas concepções do existencialismo ateu, que leva o homem até aos umbrais álgidos e tenebrosos do túmulo, ponto final de uma existência sem perspectivas duradouras e transcendentais.

Com a doutrina palingenésica, o futuro se aclara e se amplia e *tudo se esclarece*, como afirmou G.Geley.

E conclui o genial pesquisador:

“As tumbas deixam de ser tumbas; são asilos passageiros para o fim da jornada das ilusões.

“E assim como se desvanece, pela idéia palingenésica, o caráter fúnebre da morte, também assim se derrói o monumento de injustiça edificado pelo evolucionismo clássico.

“Já não há, na evolução, sacrificados nem privilegiados. Todos os esforços individuais e coletivos, todos os sofrimentos e amarguras desembocarão na realização da justiça e na preparação do bem, mas o bem e a justiça para todos, porque todos teremos contribuído para a justiça e o bem”.

E finaliza:

“O objetivo da evolução é a aquisição da consciência, a passagem indefinida do inconsciente ao consciente; e é por meio dessa passagem que se desenvolvem todas as potencialidades imanentes, configurando a realização coletiva, na evolução, da soberana Inteligência, da soberana Justiça e do soberano Bem!”

Concluindo, passamos a palavra ao filósofo argentino Humberto Mariotti, que, sobre Geley, oferece a seguinte opinião:

“O pensamento de Geley pode proclamar-se como a Filosofia Espírita da Universidade Moderna, já que possui elementos filosóficos adequados à Juventude contemporânea. Cremos, por isso, que Kardec é o codificador espírita no universal, enquanto Geley representa a expressão da Ciência do Ser para a cultura universitária moderna. Mas tanto Kardec como Geley se consubstanciam entre si pelas grandes raízes de uma mesma verdade”.

15 CIENTISMO E ESPIRITISMO

Leopoldo Machado Barbosa. Este insigne pregador espírita nasceu em 30 de setembro de 1891, em Cepa Forte, no Estado da Bahia. Poeta, escritor, polemista intímido, jornalista, fundou o Albergue Noturno *Allan Kardec*, o Ginásio *Leopoldo* e, em companhia da esposa, a excelente Marília, o *Lar de Jesus*, todos em Nova Iguaçu, Estado do Rio. Foi o inesquecível incentivador das Mocidades Espíritas e promotor do Iº Congresso de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1948. Muito lhe deve o Movimento de Unificação, membro ativo que foi da Caravana da Fraternidade que percorreu o Brasil de sul a norte divulgando o Pacto Áureo de 1949. Pregou por quase todo o território nacional, tendo sido invulgar disseminador dos superiores conceitos espíritas. Desencarnou em Nova Iguaçu, no dia 22 de agosto de 1957, no *Lar de Jesus*.

Em *Cientismo e Espiritismo*, obra editada por Estudos Psíquicos Editora, Lisboa, 1948, prefaciada por Isidoro Duarte dos Santos, fundador da *Revista Estudos Psíquicos*, que infelizmente deixou de circular a partir de janeiro de 1987, Leopoldo Machado faz severas críticas à Psicanálise, analisando-a sob diversos ângulos. Destacamos, da obra, o capítulo referente, especificamente, à Psicanálise e Espiritismo, cumprindo-nos transcrever, inicialmente, o seu *caput*, vazado em termos realmente contundentes:

“Começamos a analisar, à luz bela e forte da Doutrina Espírita, a maior panacéia científica que tem existido através de todos os tempos entre as camadas que se presumem cientistas da verdade: a Psicanálise!”

E vai adiante o ex-Secretário da antiga União Espírita Baiana:

“Panacéia científica que realizou o grande milagre de se infiltrar em tudo, arrastando cientistas sem Deus e sem espiritualidade a tudo quererem explicar, mas sem nada explicar finalmente. Panacéia que, embora negue, contrariando até a própria significação do termo, a existência da psique”.

E conclui, o ilustre autor de *Pigmeus Contra Gigantes*:

“Por isso é que nós, sem sermos sábios em coisa alguma, vamos analisar a psique da Psicanálise, e do Espiritismo, que ela, pretensiosa e fátua, procura também explicar com seus irracionalíssimos complexos, recalcamientos e quejandos mistifórios”.

Leopoldo Machado usa daquela linguagem contundente, sem quaisquer rebuscos. Lembra, um tanto e quanto, o velho e saudoso Alfredo Miguel que escrevia como falava — ou falava como escrevia?... O conteúdo doutrinário tem a força e a expressividade dos princípios espiritistas de que um e outro jamais se afastaram.

Leopoldo Machado ilustra suas razões com um fato concreto:

“Ilustre psicanalista de nossa particular estima, apresenta-se de fumo negro no chapéu e no braço, de volta da missa de sétimo dia por alma do pai. Não nos contivemos e o questionamos: — Justifico o seu luto. Para você, bom filho, materialista e psicanalista, seu pai está morto, completamente desaparecido. E justo, pois, seu luto. Mas a missa, que só é celebrada em intenção da alma, e que, para você, seu pai não tinha? — “Simples formalidade social, meu amigo”.

A partir daí L.M. sai a campo e arraza o interlocutor, com argumentos realmente poderosos:

“Aqui está uma das muitas falências da sua ciênciazinha psicanalista. A verdadeira ciência e o cientista de verdade devem ser emancipados de formalidades sociais e respeitos humanos. De que serve uma ciência que não tem poder de libertar-nos de convenções e preconceitos mundanos, que nos levam a reverenciar, em atos religiosos, aquilo que ela nega?”

E prossegue:

“Freud, o maior gênio dos tempos, conseguiu destruir todo um passado glorioso de filosofias, religiões e ciências, sem o substituir por coisa melhor. E até as artes, a educação e a Criminologie.. Com algumas vassouradas da sua doutrina renovadora, lançou ao lixo das velharias inúteis os Aristóteles, os Kants, os Budas e os Jesus de Nazaré, os Crookes, os Homero e os Alighiere, os Rousseau, os Pestalozzi, os Lombroso...”

E completa:

“O homem com seu universo psicológico interior, o mísero e orgulhoso microcosmo, foi o que mais sofreu, espremido nas tenazes psicanalíticas. Deixou de ter alma, de possuir faculdades de pensar, de sentir e amar, capaz de receber influência de fora, do ambiente em que se agita e vive, para ser um títere perfeito das funções de suas glândulas de seus órgãos sexuais... E lá se vão por água abaixo a grandeza humana, o orgulho humano, a inteligência humana...”

O autor, já ao final do capítulo, afirma que a Psicanálise conseguiu se infiltrar por toda a parte “até em campos espiritualistas, pois não raro se veem espiritistas com os lábios cheios de complexos, conscientes e inconscientes, recalcamientos e outras inexpressividades freudianas”.

E no capítulo seguinte (XXI), Leopoldo Machado analisa, em profundidade, a Psicanálise, da qual tomou conhecimento em 1922, lendo o livro *Graves e Fúteis* de Medeiros e Albuquerque.

E pena que o *Cientismo e Espiritismo*, que já completou 40 anos de seu lançamento, em Lisboa, Portugal, não esteja ao alcance dos estudiosos espíritas. As postulações de Leopoldo Machado sugerem uma profunda reflexão. Afinal de contas, ele arraza a Psicanálise com argumentos insuspeitos, isso há 40 anos, quando a crítica no ambiente espírita, embora crítica científica, era um tremendo tabu. Ele teve a coragem de lançar um livro dessa natureza na Europa, que cutucava com vara curta os freudianos de plantão, que não são poucos. Coragem e

talento. Admitimos que não somos contra ou a favor dos pontos de vista do ilustre conterrâneo, registramos um fato histórico — quatro décadas de um livro que figura, incontestavelmente, no contexto da memória bibliografada do Espiritismo.

Cientismo e Espiritismo, de Leopoldo Machado, é obra que mereceria um estudo amplo e aprofundado por parte, particularmente, dos espíritas, não apenas pelo seu intrínseco valor histórico, mais, ainda, pelos subsídios que oferece no trato com uma ciência que até hoje se impõe como a última palavra em matéria de comportamento humano, psiquicamente jungido a certos e estranhos mecanismos, cuja gênese se perde no íntimo de tendenciosas especulações. Outras escolas sugeriram depois de Freud, certamente; todavia, a que ele fundou permanece ditando as regras do jogo. E os espíritas, com todo o conhecimento do Ser, do Destino e da Dor, ficam enclausurados nos limites de seu próprio movimento, discutindo uma série de ideologias, enquanto o homem, ser encarnado, a despeito de todos os avanços científicos, fica sem respostas para as suas multimilenares perguntas “*Quem sou?*” - “*De onde venho?*” - “*Para onde vou?*”...

16 ENIGMAS DA PRECOGNIÇÃO (EFEITO ANTES DAS CAUSAS?)

O Sonho Precognitivo

A saga do Sonho Precognitivo tem uma origem remota. Platão, no diálogo *Timeo*, afirma que o sonho precognitivo é uma faculdade da alma. Aristóteles, de início, segue as pegadas de Platão, para depois enunciar a sua própria teoria, baseada em cálculos de probabilidade.

Vários outros expoentes da Antiguidade Clássica emitiram seus pareceres sobre a Precoguição, elaborando-se, como o fez Cícero, o grande tribuno romano, ensaio sobre a momentosa questão. Plutarco, autor de *Vidas Paralelas*, afirmava que o sonho era o mais velho dos oráculos...

Os Estóicos chegaram a analisar uma série de sonhos precognitivos. Ensinavam que, sendo o futuro predeterminado, era possível o seu conhecimento antecipado. Criam na Providência Divina, que se manifestava, também, através dos sonhos precognitivos. Esses sonhos de origem divina traduziam o entendimento do nexos entre Causa e Efeito.

A Divindade da Precoguição

A Dr⁶ Adelaide Petters Lessa cita em seu livro *Paragnose do Futuro* um processo de comunicação, datado do ano de 371 (trezentos e setenta e um) da Era Cristã, onde se utilizou de um aparelho precursor da prancheta (inventada, em 1853, pelo espírita francês Sr. Planchette). Empregou-se, àquela longínqua época, uma trípode de madeira de oliveira, sobre a qual se equilibrava um prato circular de metal, cuja borda trazia as 24 letras do alfabeto grego. Acima do prato, o operador segurava um anel suspenso de um fio de linho. Após um ritual dirigido à Divindade da Precoguição, o anel começou a balançar de letra para letra, formando palavras e hexâmetros em resposta às perguntas formuladas. Uma delas foi — quem será o Imperador depois de Valens? O anel soletrou Thêta, Epsilon e Omikron. Teodoro! i—• i.exclamaram os presentes. O resultado vazou, e todos foram julgados e executados. Sete anos depois, morreu Valens (328-378) e seu sucessor foi Teodósio (346-395), Imperador do Oriente, a quem coube unificar os domínios do Leste e Oeste, reativando o Grande Império Romano.

Será que houve algum equívoco, de parte do Espírito comunicante, trocando os nomes, parecidos, de Teodósio por Teodoro?...

A Fatalidade

Ainda a Dr⁶ Adelaide Petters Lessa levanta uma intrigante questão:

“Edipo é o exemplo grego de que ninguém foge ao seu destino. Não podemos evitar a pregnose indesejável? Ou podemos interferir, alterando o que estaria fadado a acontecer?”

Na Parte III, Capítulo X, de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec questiona os Espíritos sobre a Fatalidade. Preliminarmente, pergunta o Codificador:

“851 — Haverá fatalidade nos acontecimentos da vida, conforme o sentido que se dá a este vocábulo? Quer dizer: todos os acontecimentos são predeterminados? E, neste caso, que vem a ser do livre-arbítrio?”

Resp. — *A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado. Falo das provas físicas, pois, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre de ceder ou de resistir.(...)”*

Na pergunta 860, Kardec indaga:

“860 — Pode o homem, pela sua vontade e por seus atos, fazer que se não dêem acontecimentos que deveriam verificar-se e reciprocamente?”

Resp. — *“Pode-o, se essa aparente mudança na ordem dos fatos tiver cabimento na seqüência da vida que ele escolheu.(...)”*

Experiências Precognitivas de Pessoas que Passaram por Situação de Quase Morte

O Professor Kenneth Ring (citado por Ernest Meckelburg), da Universidade de Connecticut e pesquisador da vida após a morte, vem divulgando as experiências precognitivas vivenciadas por pessoas que passaram pelo processo de morte aparente. Observou-se que, na hora da morte, a consciência autônoma se desliga do corpo físico, atravessa tempo e espaço, penetrando em regiões denominadas futuro. Assim, ela é capaz de descrever situações que, segundo nosso conceito de tempo, fixado casualmente, ocorrerão mais tarde.

E prossegue o Professor Kenneth Ring:

“Os que estão morrendo não percebem apenas acontecimentos pessoais, mas também nacionais e globais, entre outras transformações geológicas, desastres sócio-econômicos, guerras etc. Uma pessoa reavivada previu a erupção do vulcão americano Saint Helen, visão considerada por sua família uma mera alucinação”.

Por seu turno, o físico e químico irlandês Dr. Sean O’Donnell, após examinar a questão do futuro pré-formado, constatou, particularmente, quanto às crianças, que estas vivem fora do tempo, e que apenas a educação as habitua a ver somente o passado como algo fixo; o que levou a pensar que a Natureza (!) ofereceu ao ser humano uma memória totalmente simétrica. No centro encontra-se o presente, à esquerda e à direita estendem-se, respectivamente, o futuro e o passado. A idéia de uma assimétrica, que contenha apenas o passado, é aceita pela maioria, mas até agora nunca foi provada, conforme o Dr. Sean O’Donnell.

Precoguição e Psicocinesia

O Dr. Milan Ryzl manifesta-se, da seguinte forma, sobre a diferença entre precoguição e psicocinesia:

“Comparando as semelhanças entre as leis da parapsicologia e da física, descobrimos mais uma analogia. Os parapsicólogos têm dificuldades em diferenciar precoguição e psicocinesia. Vejamos um exemplo: vamos imaginar que jogamos uma moeda no ar tentando saber, antes de ela cair no chão, qual dos dois lados ficará para cima. Nosso palpite dá certo e então acreditamos ter capacidade precognitiva. Mas uma outra pessoa poderia dizer o seguinte: quando deu seu palpite, pensando que era uma prova para testar sua habilidade precognitiva, você se utilizou da sua psicocinesia para influir na moeda, obtendo sucesso.”

O Dr. Ryzl admite (seguindo as pegadas de outros pesquisadores) a existência de um campo psi³ — psi-field. De acordo com essa hipótese imaginária, o espaço físico seria uma secção de um espaço de ordem superior, pluridimensional. A estrutura desse campo possibilita a

eliminação de espaço e tempo. Em nível de precognição, conclui-se que o presente e o futuro coexistiram. Através, pois, desse campo psi, o futuro seria alcançado, em lapsos visionários, detectando-se, então, fatos que serão concretamente realizados no porvir.

Chega-se, com a Precognição, a monumental impasse, que deveria, particularmente, ser alvo das cogitações dos pesquisadores espíritas:

A incoerência no tempo — O Efeito antes da Causa.

Atinge-se o conhecimento de um fato que ainda vai acontecer; sua prenhe antes que o futuro se realize. Resultado:

O Efeito se antecipa, no caso, à Causa?

Como funcionaria, então, Espaço e Tempo?

Immanuel Kant estaria certo quando afirmou que o tempo é uma condição inata da sensibilidade?

Ou ainda mais certo estaria Frederick Nietzsche quando pregou:

“Tudo é curvo; o próprio tempo é um círculo. Tudo o que pode acontecer, já deve ter acontecido”.

E mais complexas seriam as concepções de Einstein e Hermann Minkowski...

17 UM APARELHO MEDIÚNICO ELÉTRICO

Este é o título da matéria publicada na *RIE- Revista Internacional do Espiritismo*, de 15 de maio de 1933, ano IX.

Essa história da comunicação instrumental com os mortos vem de longas datas, desde à época em que os metapsiquistas (tendo à proa o ilustre Professor Charles Richet), duvidando da veracidade das comunicações mediúnicas entre encarnados e desencarnados, tentaram, no século XIX, construir uma geringonça que possibilitasse transmitir, do além para a Terra, as idéias dos *de cujus*. Como não conseguiram concretizar o desiderato, permaneceram duvidando da autenticidade das manifestações póstumas através de falíveis e sempre fraudulentos (para eles, os metapsiquistas) médiuns.

A matéria em questão inicia-se nestes termos:

“Os investigadores e cientistas de todos os países trabalham para a descoberta de um aparelho que, sem um Médium Humano, possa preencher a lacuna que a todos ressona para o estabelecimento da comunicação do Mundo Invisível. Esta será, sem dúvida, a maior descoberta do século”.

O Brasil não estava alijado dessa pretensão. E um espírita de Florianópolis, SC, Próspero Lapagesse, se propunha, àquele tempo, dotar a Humanidade com esse grande empreendimento que representava o fruto de estudos e pesquisas realizados em vários anos.

O Centro Espírita Amor e Humildade, da capital de Santa Catarina, apoiando a descoberta de Próspero Lapagesse, apresenta-o e o esquema do aparelho, ao inesquecível divulgador do Espiritismo Cairbar Schutel, levando ao seu conhecimento longa missiva do inventor, datada de 20 de fevereiro de 1933.

Eis alguns trechos da carta de Próspero Lapagesse ao Apóstolo de Matão:

**Serve-me a presente, para levar ao vosso conhecimento e ao dessa ilustrada revista (RIE), que, depois de pacientes estudos e detidas investigações, penso ter chegado a uma conclusão sobre o meio mais fácil de estabelecer comunicações espíritas, substituindo o médium por um aparelho elétrico... Tenho observado inúmeras falhas em comunicações espíritas, atribuindo-as ao médium, que por cansaço ou interferência do próprio Espírito, seja a causa de tão desagradáveis falhas. O esquema que junto, caso venha a dar resultado positivo, substituirá vantajosamente o médium. Não se cansaria e estaria sempre disposto a funcionar. Além dessas vantagens, seria a maior prova da Verdade espírita, pois, em qualquer parte, desde que houvesse corrente elétrica, teríamos as comunicações com os nossos queridos falecidos, desafiando qualquer exame a bem da Verdade. Para construir tal aparelho, serão necessários aproximadamente quatro contos de réis (Rs.4.000\$000), quantia essa que infelizmente não possuo; se a possuísse, empregaria-me neste empreendimento, com muito prazer.*

Como se trata de um aparelho para beneficiar a Humanidade e provar definitivamente o Verdadeiro Espiritismo, creio que será fácil, por intermédio dos bons espíritas, obter tal importância”.

Em seguida, o missivista traça breve perfil do processo mediúnico, concluindo que:

“O médium é simplesmente um aparelho produtor de fluidos e que esses fluidos são vibrações do éter, com determinadas frequências (oscilações). Para cada classe de Mediuniidade (materialização, voz direta, audição etc.), há oscilações próprias; eis porque é difícil encontrar médium de duas ou mais Mediunidades”.

E prossegue:

“Ora, o aparelho que abaixo transcrevo, acha-se apto a fornecer quaisquer vibrações, isto é, desde os raios visíveis ao de substância do Radium, bastando para isso somente substituir o tubo (E) por outro que contenha terras preciosíssimas de Radium. Fácil é supor que, com boa vontade e paciência, possa se chegar à conclusão desejada que é a de fazer o aparelho funcionar de modo a poder produzir vibrações do éter com a mesma intensidade oscilatória que o próprio médium”.

Próspero Lapagesse, a essa altura de sua carta a Cairbar Schutel, reporta-se ao conceito de Ciência, que se deve basear em fatos, enfatizando:

“Ciência sem Fatos, não é Ciência; é mentira convencional, é retórica para enganar ignorantes e entreter papalvos”.

“Eis por que” — conclui — “devemos estudar o Espiritismo Cientificamente, a fim de podermos, em qualquer parte, provar a sua Verdade com Fatos, concretos e positivos”.

Após, passa a descrever o funcionamento do aparelho, a que deu o nome de Receptor Mediúnico, destacando, de *per se*, os seus componentes:

01.(T) — Transformador de Alta Tensão

02.(LL) — Bobina de Tesla

03.(E) — Tubo Electrodo de vidro

04.(AP) — Captador de Raios

05.(LC) — Bobina Cônica

06.(PE) — Válvula Foto-Elétrica

07.(DD) — Disco Explorador

08.(N) — Válvula Néon

09.(L) — Sistema Ótico

10.(AMP) — Amplificador

11.(EL) — Aparelho de Alimentação

12.(CE) — Aparelho Registrador

No final, Lapagesse reafirma a sua solicitação aos espíritas brasileiros, através da *RIE*, objetivando, caso fosse atendido, a construção do sistema que idealizou.

Cairbar Schutel transcreve a carta, na íntegra, na *RIE*, incluindo o esquema do aparelho, escusando-se, porém, de manifestar-se sobre o mesmo, por lhe faltar (disse ele) competência.

Estimaríamos saber (jamais saberemos) o que se passou, realmente, no íntimo do fundador do jornal *O Clarim* e da *RIE*, enquanto lia a carta de Próspero Lapagesse... O certo é que, desde tempos idos, se pretende excluir o médium das comunicações com os Espíritos, sem levar em consideração, os Aspectos Éticos e Palingenésicos do Processo Medianímico. Toma-se o médium como um simples e descartável intermediário entre os seres do além e do aquém, sujeito a toda a sorte de imperfeições. Querem comunicações puras, sem jaça, em que o pensamento do

desencarnado não sofra qualquer tipo de interferência humana.

Idêntico procedimento (guardadas as devidas e naturais proporções), pelo menos a nível intencional, vige, na atualidade, no que diz respeito à criação da inteligência artificial, o que revolucionaria a Informática. A testa dessas experiências desenvolvidas no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, em Boston, se encontra o cientista Marvin Minsky. Tenta-se, na verdade, criar um aparelho (computador) autoprogramável sem a “intermediação de uma linguagem especializada e sem a ajuda de um engenheiro”, conforme afirmação do próprio Minsky (vide: *Les Vrais Penseurs de Notre Temps*).

Por que o homem tenta, atavicamente, anular-se, transferindo as suas naturais faculdades à máquina? Mereceria, esse problema, acurada e serena investigação, em vista de suas profundas implicações éticas, espirituais, psicológicas etc. Na área específica da mediunidade, não seria conveniente lembrar que a sua manifestação não se restringe, *stricto sensu*, ao intercâmbio que se realiza nos centros espíritas, mas a sua expressão é muito mais ampla.

Di-lo, a propósito, o filósofo argentino Humberto Mariotti:

“Já está demonstrado que é o Espiritualismo Espírita que fará enraizar-se a idéia do Espírito e da sua palingenesia nas doutrinas sociais, apoiando-se, como sabemos, em seu realismo mediúnico... Com a Mediunidade Social terá início uma nova modalidade de reivindicação humana: a idéia de justiça se apresentará como consequência da inspiração dos Espíritos... O coletivo possui sempre uma dose de mediunidade; por isso é que o povo, no mais íntimo de seu Espírito, é mediúnico, recebe as direções precisas, quando seu destino há de encaminhar-se para novos estádios de aperfeiçoamento espiritual e social”. (Vide: Parapsicologia e Materialismo Histórico, Edicel).

O professor José Herculano Pires, comentando a tese de Humberto Mariotti, afirma:

*“Os casos históricos de Mediunidade Social são numerosos... Todos os grandes livros religiosos e os poemas clássicos da antigüidade são repositórios de exemplos nesse sentido. Cita, à guisa de exemplo, a *Iliada* e a *Odisséia*, de Homero, e a *Mediunidade Social de Abraão, Moisés e dos Profetas*. ”*

18 OS MEMBROS FANTASMAS

Nos livros: *Gestalt Psychology* (Nova York — 1950), de Katz, e *Phantoms in Patients With Leprosy And Elderly Digital Amputees* (Nova York — 1956), de Simmel, são relatados fatos referentes a amputações normais e de membros nos leprosos. De acordo com observações dos pesquisadores, os pacientes, após a amputação de braços e pernas, continuam a constatar a presença de parte amputada, chegando a movê-la e a sentir cócegas naquele local. E, ainda mais, a percepção pode durar, não só longo tempo, mas toda a vida. Katz, por sua vez, afirma que:

“Se uma pessoa, com uma perna amputada, chega a uma parede, ela parece atravessá-la... a lei da impenetrabilidade da matéria parece não se aplicar a este caso”.

Por outro lado, a declaração de Simmel não é menos valiosa: *“após suas experiências com leprosos, verificou que a perda gradual das partes do corpo por absorção, por ser lenta e demorada, não produz fantasmas e o mais notável é que, na amputação de restos de dedos e artelhos, estes efeitos se reproduzem não como as partes que havia, mas, sim, perfeitos, isto é, como antes da absorção”.*

Conta ele fato interessante:

“(...) quando acordou da anestesia, procurou pegar o pé. O fantasma persiste e a paciente esquece, pisa com o pé fantasma e cai. Pode sacudir os dedos fantasmas”. (...)

E pararam nesse ponto sem mais nada acrescentar. Apesar de serem considerados autoridades em sua especialidade, certos fenômenos fogem do domínio de seu raciocínio, uma vez que se colocam, apenas, ao nível da matéria. Enquanto a Psicologia estuda tais fenômenos, considerando-os como provenientes de processos biológicos, o conhecimento real do ser humano será incompleto, superficial.

Anteriormente, a Psicologia era definida como a ciência que estudava a alma. Regredindo em seus conhecimentos, a Psicobiofísica, adotada atualmente e eminentemente materialista, estabelece que tudo no homem é biológico, que as impressões periféricas, produzidas nos órgãos sensoriais por estímulos, chegam ao cérebro através das vias nervosas e voltam em forma de resposta ao órgão efetores.

Assim, de acordo com esses conceitos, todo nosso comportamento está baseado na conexão estímulo-resposta e, para que isso se dê, é necessário que nenhuma lesão haja a impedir o mecanismo.

Essas assertivas fovecem-nos elementos para contrariar os que nelas se apoiam. Além das experiências citadas no início, apresentaremos outras mais surpreendentes e que vêm ratificar a tese espírita de que as sensações, emoções e impulsos não se localizam no cérebro e sim no Espírito.

No livro *Espiritismo Dialético*, de Manuel S. Porteiro, pág. 25 (Editorial Victor Hugo, Buenos Aires, 1960), encontramos fatos assombrosos para os psicólogos, mostrando, claramente, que os indivíduos com lesões graves, mesmo em centros nervosos, continuam a se comportar naturalmente:

“1) Apresentado à Academia de Ciências de Paris pelo Dr. Aguepin, em 24 de março de 1917: “Após operar um soldado que havia perdido enorme parte do hemisfério cerebral esquerdo (substância cortical e branca, núcleos centrais etc.), comprovou que o mesmo continuou a se comportar normalmente, a despeito das lesões e perdas de circunvoluções básicas às funções essenciais.

*“2) Taruto Lisboa, chamado o Lusitano, publicou, em seu livro **Prática Médica**, no final do século XVI, o seguinte caso:*

“Um menino de dez anos recebeu uma forte pancada no crânio, que cortou o osso e a membrana cervical, dando passagem à massa encefálica. Ao contrário do esperado, a ferida cicatrizou. Três anos depois, morria hidrocefalo. O crânio foi aberto e não se encontrou cérebro: em seu lugar, havia um líquido. Esse fato foi considerado extraordinário, pois o menino viveu durante 3 (três) anos nesta situação e na plenitude de suas faculdades psíquicas...”

Para explicar esses e outros fatos análogos, os materialistas recorrem à hipótese de Flourens, segundo a qual um hemisfério cerebral pode suprir a falta de outro. E que dirão quanto à ausência total da massa encefálica? Aí é que o materialismo se vê obrigado a ceder terreno ao Espiritismo Científico e, não só nesses fenômenos, mas em outros, estudados pela Psicologia de maneira carente ou insatisfatória, como, por exemplo, a dupla personalidade.

Com o Espiritismo, poder-se-á chegar a uma conclusão: *ir mais além e interpretar o inexplorável, isto porque a resposta está em nós mesmos, no conhecimento da essência do ser humano e das partes de que é composto.*

Reportemo-nos ao corpo temário, de que nos fala Allan Kardec:

a) Corpo Físico — é a parte mais grosseira do ser humano. É temporária e perecível, composta de órgãos, aparelhos e sistemas, estes bastante conhecidos da ciência oficial;

b) Espírito — é a centelha divina: parte mais sutil do ser humano;

c) Perispírito — é o mediador plástico entre o corpo físico e o Espírito, o qual toma como molde as diversas formas do corpo físico, de reencarnação para reencarnação.

Segundo Antonio J. Freire, em *Da Alma Humana*, Cap. IV, pág. 26, 2ª ed., FEB), o Perispírito, sob o comando do Espírito, exerce a função orgânica, que consiste em moldar o embrião, imprimir a personalidade física típica e, mais tarde, reproduzir-lhes “os mais delicados traços fisionômicos e anatômicos, corporizando o Espírito e tornando, assim, reconhecíveis os desencarnados”.

E através dele que o Espírito percebe as sensações externas e internas que estimulam o corpo físico.

Um contato numa terminação nervosa é transmitido por meio de impulsos, até o cérebro, que registra esse contato, conduzindo sensação ao corpo perispiritual e este a leva ao Espírito; só então sentimos, vemos, ouvimos ou saboreamos. Não podendo o Espírito agir diretamente no corpo físico, atua através do Perispírito. Logo a matéria nada sente. Toda e qualquer sensação é registrada pelo perispírito. Observe-se por

exemplo, um cego, de nascença ou não, em um ambiente fechado, à noite: ele sente se a luz está apagada ou acesa.

Portanto, não é de se estranhar que uma pessoa, após a amputação ou perda gradual de quaisquer partes do corpo, venha a ter a sensação de sua presença desde que o perispírito não pode ser amputado. A parte tecidual do corpo físico desaparece; entretanto, a parte perispiritual correspondente é conservada como se completasse a matéria que envolveu. A mesma explicação se aplica à desencarnação de forma violenta ou repentina. Em alguns casos, a sensação da presença do corpo é bem acentuada. Aqueles que frequentam reuniões mediúnicas e têm oportunidade de dialogar com desencarnados são testemunhas desse fato. Espíritos há que afirmam estar vivos, isto é, que não morreram, uma vez que sentem, realmente, a presença do corpo.

Nas lesões nervosas dá-se, também, o mesmo. Em alguns casos, a privação de parte ou de todo o cérebro não altera as funções normais do indivíduo.

Eis aí, portanto, apenas uma pequena amostra do quanto a Ciência Espírita pode colaborar junto às Ciências Físicas e Naturais, principalmente a Psicologia, para tornar compreensível a dinamo- genética da evolução do Universo em que vivemos.

19 REGRESSÃO DE MEMÓRIA: O MISTÉRIO DO PASSADO E O SEGREDO DO PORVIR

O problema da memória não pode ser solucionado pelos ordenamentos da Psicologia experimental. Todas as impressões experimentadas no correr de nossa existência ficam gravadas no cerne de nossa alma, em caracteres indeléveis, constituindo-se no que Charles Richet (prêmio Nobel de Medicina, de 1913) rotulou de pantomnésia. O esquecimento não significa a perda de conhecimento, mas a sua passagem a um domínio obscuro da consciência. O sono hipnótico anestésico e, às vezes, as emoções violentas fazem aflorar, não raro, fatos que pareciam irremediavelmente esquecidos. A iminência da morte, por exemplo, suscita o que se rotulou de visão panorâmica ou tela panorâmica, em que a pessoa, estando ou não moribunda, vê transcorrer (como se fosse numa tela de cinema) todos os fundamentais lances de sua vida pregressa. Ernesto Bozzano, analisando o assunto, admite que a visão panorâmica pode acontecer, em raríssimas ocasiões, a indivíduos que estejam gozando de boa saúde e fora de qualquer perigo de morte. Carl Jung tenta explicar, à luz da Psicologia, o fenômeno, relatando o que aconteceu com o Professor Heim- que, num desastre na montanha, toda a sua vida se lhe desenrolou diante dos olhos, em frações de segundos.

Em casos de anomalia da memória, a que Pitres (*Leçons sur l'Hystérie et l'Hypnotisme*) deu o nome de acmnésia, o indivíduo se encontra transportado a uma fase anterior da sua vida e a sua consciência retrocede no tempo. Cita, como exemplo, o caso de Albertina, de 28 anos, que durante o delírio acmnésio, se encontrou transportada à idade de sete anos, reconstituindo todas as cenas dessa parte da sua vida com notável precisão.

Durante o sonambulismo, a memória se amplia extraordinária e imprevisivelmente, aquecendo e fazendo emergir impressões esquecidas (a criptomnésia dos metapsíquistas) com uma nitidez e fidelidade assombrosas. Demonstrem as infundáveis experiências que a memória arquiva sensações por camadas superpostas; à medida em que se mergulha nessas camadas, vão acordando acontecimentos cada vez mais remotos, que se sucedem inexoráveis. Nos casos de regressão de memória, observa-se uma notória correspondência entre o estado psicológico e o estado fisiológico do passivo, que vivência fatos do passado como se fossem atuais.

O pioneirismo de Fernando Colavida

Em 1887, Fernando Colavida (o Kardec espanhol) realizou notáveis pesquisas em que evidenciava o princípio da reencarnação, acordando em vim sonâmbulo os trâmites de suas vidas anteriores. A memória do pesquisado retrocedeu quatro encarnações. A cada mudança de personalidade ocorria uma visível transfiguração. A fim de evitar possíveis enganos ou mistificações de natureza inconsciente, Colavida fez com que o médium fosse magnetizado por outro pesquisador que lhe devia sugerir serem falsas as existências passadas. A experiência serviu, apenas, para confirmar a veracidade das informações prestadas, em transe profundo, pelo médium, ratificando, assim, o princípio das vidas sucessivas.

Essas pioneiras experiências foram levadas à apreciação do Congresso Espírita de 1900. Mais tarde, vários experimentadores, usando métodos até certo ponto diferentes, atingiram resultados idênticos àqueles obtidos por Fernando Colavida.

As pesquisas de Albert de Rochas

O conde Albert de Rochas D'Aiglun entrou em contato, casualmente, com o fenômeno de regressão de memória, quando realizava, por volta de 1893, experiências magnéticas com um jovem estudante. O processo experimental utilizado por de Rochas (vide *Les Vies Successives*) consiste no emprego de passes longitudinais, combinados com a imposição da mão direita, sobre o passivo. Várias fases, então, são percorridas, revelando, cada uma delas, características especiais. Na fase segunda (sonambúlica), o passivo é profundamente sugestivo, constatando-se insensibilidade cutânea, consequência da exteriorização da sensibilidade. A memória, porém, ainda se mantém normal; entretanto, nas fases seguintes, acontece o fenômeno da regressão e a sugestibilidade diminui de intensidade;¹

“As experiências de Rochas — observa o Dr. A.Lobo Vilela em *O Destino Humano* — qualquer que seja o valor que lhes queiram atribuir, são, incontestavelmente, elementos preciosos de estudo.”

As dúvidas de Theodoro Flournoy

Theodoro Flournoy, professor de Psicologia na Universidade de Genebra (Suíça), em seu livro *Des Indes à la Planète Mars* (1899), trata das faculdades mediúnicas de Helena Smith (1861-1929), pseudônimo de Catherine Elise Müller, de Genebra. Sob hipnose, a médium remonta a uma existência passada na Índia, quando fora a princesa Simandini. O professor Flournoy negava peremptoriamente a reencarnação e atribuía esses fenômenos à auto-sugestão que suscita personificações sonambúlicas que, por sua vez, criam romances subliminares. Essas impressões, que se encontravam registradas nos arquivos criptomnésicos, emergiam à consciência em estados especiais de hipermnésia. Entretanto, essas suposições caíram por terra diante da veracidade histórica dos relatos de Helena Smith, levando-se em conta o seu total desconhecimento de tais ocorrências. Flournoy, porém, não se deu por vencido. Consultou especialistas em história da Índia; todos desconheciam os fatos em questão. Em uma biblioteca, porém, encontrou um antiquíssimo exemplar de *L'Histoire de l'Inde*, de Marlis, onde achou a prova de que as informações da médium estavam absolutamente certas...

O método de Charles Lancelin, expresso na obra *L'Ocultisme Experimental*, adota o trabalho de passes, recorrendo ao processo da contra-sugestão.

Assim, quando o passivo entra em hipnose, recebe duas sugestões: “a primeira para não procurar as impressões no cérebro de algum dos assistentes ou no do magnetizador; a segunda, para não fazer afirmações sobre o que não possua elementos de certeza”. O processo de Lancelin sofreu uma série de questionamentos de parte dos mais autorizados experimentadores, uma vez que enfraquece o valor da sugestão, aumentando, destarte, a possibilidade de erro.

Os limites dos conhecimentos

Há casos em que é praticamente impossível determinar se um conhecimento que o passivo revela foi adquirido numa vida anterior ou foi assimilado na vida atual. Muitas vezes, porém, são de uma evidência palingenésica incontestável, definindo, assim, a confirmação experimental das vidas sucessivas.

O Dr. A.Lobo Vilela conta-nos o seguinte e elucidativo episódio, que foi publicado na *Revue Scientifique et Momie du Spiritisme*:

"De 1881 a 1884, percorria as ruas de Huesca um indivíduo que era conhecido apenas pelo nome de doido Suciác. Vestia-se de modo burlesco, falava só, ora corria sem motivo, ora marchava solenemente e não respondia a nenhuma das perguntas que lhe eram dirigidas. Por fim, como ele se tornasse perigoso, tiveram de o submeter a uma severa vigilância.

"Na mesma cidade constituiu-se um grupo de estudo espíritas com pessoas de cultura média, tendo Domingo Montreal como presidente e Sanchez Antonio como médium, criatura completamente iletrada."

O presidente resolveu invocar o Espírito do doido Suciác no momento em que este estivesse dormindo. Obtiveram-se várias mensagens. Pouco depois, o pobre Suciác desencarnou, e espontaneamente, deu, pelo médium iletrado Antônio, uma mensagem afirmando que tinha sido o Senhor de Sangarrem; que tinha tido uma conduta irregular e que a vida que recentemente havia deixado, fora-lhe imposta como expiação. Ele afirmou que seria encontrada a confirmação de suas palavras nos arquivos ainda existentes no castelo de que fora proprietário. Os dirigentes da sessão foram ao mencionado castelo e não encontraram os arquivos citados pelo Espírito.

Desapontados, realizaram uma sessão, para dar conta à entidade comunicante do resultado infrutífero das pesquisas. O Espírito escreveu que, se voltassem ao castelo, encontrariam, perto da lareira da cozinha, num escaninho, todos os documentos que desejavam. Assim se fez. De regresso a Sangarrem, obtiveram licença para sondar a parede, e, com grande surpresa, encontraram, num pequeno esconderijo, toda uma série de pergaminhos, que foram traduzidos pelo professor Oscariz, confirmando-se, assim, as afirmações do Espírito.

"A doutrina palingenésica — observa o Dr. A. Lobo Vilela — tem um poder de síntese maravilhoso que equilibra o sentimento e a razão numa harmonia superior. Ela impõe-se ao nosso Espírito com a lucidez imperiosa dum axioma"...

Realmente, criaturas como o doido Suciác, perambulam, dementadas, extremamente solitárias por este mundo em fora, levando n'alma profundas e enigmáticas angústias, sendo, aqui e ali, alvo de achincalhe dos insensatos e dos tolos que nelas apenas vêem o resultado de estigmas biológicos cujas causas desconhecem. E como eles, todos são parecidos, onde quer que vivam! Balbuciam as mesmas sandices; na face, o sorriso idiota; os olhos, sem viço, inexpressivos, fitam lugares distantes, perdidos no tempo e no espaço.

Embora humilhados, vagando, sem rumo e destino certos no rés-do-chão das sociedades terrenas, esses Espíritos estão sob o pálio misericordioso da Lei de Deus, que a eles oferece a oportunidade de reabilitação e de soerguimento.

Emergirão, inexoravelmente, do lodo em que chafurdam para retomarem ao caminho da evolução, com a dignidade restaurada, e atentos, então, aos renovadores ordenamentos da Divina Legislação!

20 PROPRIEDADES TRANSCENDENTES DE CONHECIMENTO E AÇÃO

"Vivemos numa espécie de sonho e, verdadeiramente, coisa nenhuma compreendemos das agitações e do tumultuar desse sonho" — Charles Richet.

Muitas das manifestações espíritas são atribuídas ao subconsciente. *"Pretender que a subconsciência pode operar por si só, com desconhecimento completo da consciência normal, é entrar demasiado pelo domínio do inverossímil"* — comentava Miguel Sage.

Na realidade, o subconsciente não é mais que a revivescência das aquisições acumuladas em vidas anteriores. Afirma Edmund Wietrich (*Le Mystère du Sixième Sens*), que já se admite que o ser subconsciente — pela sua informação, pela profundidade de sua perspectiva, sem noção de tempo nem de espaço — é independente da nossa organização sensorio-motora e evolui num plano transcendente. Essa atividade supranormal que a morte não pode atingir, porque é imaterial, também não conhece limitação visto que, para ela, não existe espaço. E preciso admitir, pois, que não há solução de continuidade na multiplicidade infinita das subconsciências, sejam de vivos, sejam de mortos.

Como determinar se estamos diante da intervenção da subconsciência de um vivo ou da de um morto?

Certos psiquistas pronunciam-se pelo subliminal dos vivos, entendendo que é inútil recorrer aos Espíritos quando o subconsciente satisfaz as exigências da investigação (!).

O Dr. Gustave Geley, uma das maiores autoridades no campo das pesquisas supranormais, é de opinião que é difícil discriminar as duas espécies de subconsciências. Já o Dr. Eugênio Osty entende que a discriminação é possível, e que dia virá em que a Ciência estabelecerá nítida distinção entre as duas subconsciências.

"Nesse dia" — afirma Edmund Wietrich (Le Mystère du Sixième Sens) — "O Espiritismo deixará de ser uma filosofia para se tornar uma evidência experimental."

Por seu turno, o Dr. Osty, na revista *Le Mois*, julho de 1931, escreveu longo artigo sob o título — "As propriedades supranormais do Espírito", do qual destacamos os seguintes trechos:

"Ainda hoje persiste a lamentável recusa do escólio das sociedades de tomar em consideração as manifestações mais significativas e importantes da vida, aquelas que assinalam por detrás do homem aparente — máquina de viver na matéria — um outro homem dotado de propriedades transcendentais de conhecimento e ação; aquelas que oferecem também a condição mais provável ao descobrimento de relações entre a matéria e o pensamento, segredo da vida... As manifestações psíquicas supranormais não seio obras de planos funcionais do Psiquismo que a Ciência tem explorado e denominado Consciência e Subconsciência.

"Essas manifestações assinalam a existência no homem dum outro plano de espírito, outra consciência capaz de tomar conhecimento da realidade por meios desconhecidos — para os quais o espaço e o tempo não são obstáculos — capazes de agirem diretamente sobre a matéria, sem intermediários mecânicos visíveis; consciência, se assim se pode falar, dotada de transcendência".

Os casos de descoberta de cadáveres, de balde procurados e das circunstâncias minuciosas do desaparecimento dos defuntos, de que ninguém podia suspeitar, fizeram o Dr. Osty afirmar: *"Esses fatos são precisos e típicos nos quais não é verossímil que a origem informadora do médium pudesse ter sido no pensamento transmitido por nenhum ente vivo"*.

Descobrir o rasto de um morto é já coisa fantástica... mas reconstituir, no estado de transe, o último ato do drama da sua vida com todas as peripécias e a tragédia da sua morte, quando tais atos se desenrolaram longe de todos os olhares humanos, excita a sensibilidade e chega a perturbar a razão.

Faure da Rosa, um pesquisador hoje jogado ao esquecimento, em artigo publicado na revista *O Revelador* (1942), refere-se ao caso relatado pelo Dr. Osty, em seu livro *O Conhecimento Supranormal*, que conta como fora encontrado o cadáver de Lerasle, que sozinho saíra de casa, sozinho percorrera determinado caminho e, longe das vistas de todos, se suicidara! Uma clarividente reconstituiu toda a cena, desde a partida até a localização do cadáver...

Se não se trata de comunicação espiritual, que poderá ser?...

Em *La Grande Esperance*, de Charles Richet, registra-se a seguinte experiência:

O grande fisiologista perguntou a uma vidente qual tinha sido o nome duma das duas criadas que o serviram na primeira infância, e Richet pensa com intensidade nos nomes de Luíza e Dorotéia; mas a vidente responde Melânia! Melânia fora a cozinheira da casa de seus pais, há sessenta anos, e nela não pensara Richet uma única vez. Pretender que foi uma recordação inconsciente, acha o próprio Richet que é de tamanha sutileza que prefere admitir que foi a realidade de Melânia que determinou a resposta da vidente...

Entretanto, e apesar de todas as evidências, o ganhador do Prêmio Nobel de Medicina não quis acreditar na possibilidade de os desencarnados comunicarem os seus pensamentos e as suas recordações a médiuns, não obstante ter ouvido, pela Sra. Piper (extraordinária médium de sua época, investigada pelos mais categorizados estudiosos da fenomenologia supranormal), as vozes distintas de Jorge Pelhan e de Raymond Lodge (filho do eminente matemático Oliver Lodge); não obstante ter visto um fantasma, com um sopro, transformar água de barita — precisamente como um vivente teria feito — em precipitado de carbonato de bário, quando das memoráveis e intrigante reuniões da Vila Carmem, em Argel, com a médium que mais tarde adotaria o pseudônimo de Eva Carrière, também analisada, nos recessos da Sorbone, em

Paris, pela Sra. Bisson e Madame Curie, laureada com o Nobel de Química. Contudo, e diante dos fatos (e contra fatos não há argumento, afirma o jargão popular), o homem de Ciência se sente abalado e confessa:

“Quanto mais reflito, quanto mais revejo no meu espírito essas materializações, essas hantises, esses maravilhosos casos de lucidez, esses apports, essas xenoglossias, essas aparições de fantasmas e, sobretudo, essas premonições, mais me persuado que nada sabemos do Universo que nos rodeia. Vivemos numa espécie de sonho, e, verdadeiramente, coisa nenhuma compreendemos das agitações e do tumultuar desse sonho* — *La Grande Esperance*.

As palavras de Charles Richet revelam o quanto ainda há necessidade das pesquisas em tomo dos fenômenos apontados. No sonho em que viveu Richet, ainda vivem alguns expoentes da ciência oficial, embora o ilustre autor de *As Portas do Mistério* (romance nitidamente espírita) haja promovido uma série de reuniões com médiuns os mais importantes de seu tempo, onde teve a oportunidade de contatar, vis-à-vis, com seres espirituais plenamente materializados. O que não fazem os cientistas de nosso tempo, que se fecham em seus casulos preconceituosos negando, sem quaisquer comprovações, a imortalidade da alma e as suas manifestações.

2- PARTE TEMAS ESPECIAIS

21 CULTO AOS MORTOS

Desde os primórdios da vida terrena, os fenômenos transcendentais causam, no homem, medo e profunda expectativa, contribuindo para lhe despertar, no íntimo d'alma, o sentimento religioso. Os seres espirituais, protagonistas efetivos desse grandioso processo, adquiriram, com o tempo, aos olhos de nossos ancestrais, foros de divindade⁴. Não foi sem razão que Cícero, em *De Legibus*, sentenciou: “Os nossos antepassados quiseram que os homens que têm abandonado esta vida fossem contados no número dos deuses”. Os gregos e os romanos consideravam a alma dos mortos como deuses menores (*dii minoris*), cuja proteção invocavam amiúde. Eram os deuses Manes, em honra de quem se erigiam os túmulos onde havia um ou mais altares para os sacrifícios como nos templos consagrados às divindades superiores (*dii majores*).

Entretanto, nem todos os Espíritos que se manifestavam eram bons; os inimigos, por exemplo, depois da morte continuavam a alimentar o ódio e desejo de perseguição⁵. A necessidade de atrair uns e repelir outros tomava-se imprescindível. Surgiu, então, o mágico, o precursor do sacerdote. A ele cabia a tarefa de oferecer sacrifícios e presentear as entidades consideradas benignas e de expulsar as malélicas com exorcismos e esconjuros. Estas práticas ritualísticas adquiriram, com o tempo, grande credibilidade porque, provavelmente, em circunstâncias ocasionais, as rogativas encontravam a receptividade desejada. Os magos assumiram, então, papel preponderante no seio dessas sociedades. Eram respeitados e temidos, surgindo entre eles autênticos medianeiros que possibilitavam a comunicação de esclarecidos Espíritos que tentavam subsidiar os esforços e lutas desses núcleos sociais no tocante à Evolução. Os invisíveis, obviamente, agiam com muita cautela a fim de não suscitar desastrosas rupturas culturais...

O culto aos mortos tomara-se, com o tempo, cada vez mais complexo, atendendo ao evoluir das crenças. Uma das primeiras providências, nesse estágio cultural, foi a de eliminar o espetáculo funesto e aterrador da decomposição orgânica, que demonstrava ao Homem a sua absoluta impotência diante da morte. Vários processos foram adotados, desde a incineração, que destruía imediatamente os corpos, à mumificação, que os conservava indecomponíveis por longo tempo.

Acreditava-se que o expediente da cremação teria sido posto em operação após o ciclo da antropofagia, ainda na plenitude da pré-história. Essa prática teria, por sua vez, motivado o culto ao fogo, que viria repercutir milênios depois com a representação da sarça ardente no monte Horeb ou no cume do Sinai, de que tratam Exôdo e Deuterônimo, ou no *Alcorão* (Lu-14), quando sentencia:

“O senhor criou os gênios do fogo puro sem fumo”...

Quando os cadáveres não eram cremados, procedia-se à sua inumação⁶ ou os lançavam à água do mar ou dos rios sagrados. As vezes recolhiam os ossos em ossuários ou então serviam para confecção de objetos de adorno e amuletos sagrados.

22 A PRESENÇA DOS MORTOS ENTRE OS VIVOS

Ocorreria, mais tarde, um tipo de fenômeno que emprestaria maior complexidade aos cultos funerários: trata-se da manifestação compulsória de Espíritos, através de médiuns naturais. Quando as intenções dos seres comunicantes eram pacíficas, as manifestações transcorriam com suavidade, ainda que causassem descontrações reações. Se, pelo contrário, a intervenção dos Espíritos era motivada pelo ódio e pela ignorância, as manifestações assumiam um aspecto assombroso, terrível, violento, debatendo-se o médium em convulsões, soltando gritos e imprecações estranhas, rangendo os dentes e espumando em crises epiléticas formidáveis.

Esses fenômenos tiveram expressiva importância no contexto de várias culturas, surgindo fórmulas de exorcismos destinadas a expulsar os Espíritos obsessores, que passaram a responder, também, por toda a sorte de doenças. Para os indus, v.g., eram os Rakchasas (Espíritos inferiores) que causavam todas as enfermidades. O Atarva-Veda ensina como combater esses Espíritos. Segundo Maspero⁷, os egípcios pensavam de modo análogo. Os caldeus expulsavam os Espíritos maus através de encantamentos e talismãs. (Lenormand — *La Magie Chea les Chaldéens*).

O assédio dos Espíritos sobre os encarnados fez nascer a crença de que os mortos, privados do seu corpo, procurariam abrigo no corpo dos vivos. A conservação dos cadáveres tomou-se um meio de proteção aos vivos, porquanto permitia aos mortos utilizarem-se de seus próprios corpos. Daí a conservação dos cadáveres, secando-os ao fogo ou defumando-os, enquanto não se instituiu a técnica do embalsamento. Os egípcios, imaginando que as múmias não durassem muito, recorreram a esta-tuária, procurando reproduzir, com a máxima fidelidade, a figura do morto que assim a procuraria, pretendendo abrigar-se. Essas medidas, porém, não conseguiram erradicar os fenômenos de subjugação espiritual. Apelou-se, então, para providências julgadas realmente eficazes: assegurar aos Espíritos as condições indispensáveis à sua existência no outro mundo. Surgiu, em decorrência, o culto doméstico dos antepassados, que visava, basicamente, impedir que os mortos atormentassem os vivos e conseguir que eles os ajudassem nos seus negócios. O mago somente interviria em casos especiais.

As pesquisas arqueológicas, levadas a efeito em vários pontos do planeta, têm permitido descobrir, ao lado dos túmulos de eras passadas, desde os dólmenes megalíticos aos hipogeus e mastabas egípcios, inúmeros objetos que deviam ser utilizados pelos mortos: armas, vestuário, jóias, utensílios e provisões. Os egípcios, desde a época menfítica, diziam que o túmulo era a casa do duplo, decorando-o com os pertences do morto. As paredes eram cobertas de interessantes pinturas para o entretenimento do duplo. Junto à múmia, depositava-se o *Livro dos Mortos*, que conduzia a alma na longa e solitária viagem além-túmulo. Essas práticas revelavam que a crença na sobrevivência da alma era um costume arraigado no seio de várias culturas antiqüíssimas, que assim procediam com perfeita naturalidade. Citam-se, entre os registros históricos sobre o assunto, as referências de Eurípedes, (480-406 a.C.), poeta trágico grego, que exprimiu, no Teatro, o profundo pessimismo que lhe inundava a alma, daí decorrendo a feitura de magníficas (e tristíssimas) peças teatrais tais como: *Alceste*, *Medéia*, *Hipólito*, *Andrômaca*, *As Bacantes* e *Ifigênia em Aulide*. Inspiraria, mais tarde, alguns gênios da dramaturgia européia, entre os quais desponta a figura de Jean Racine, poeta dramático francês, símbolo da perfeição da tragédia clássica. Virgílio (70-19 a.C.) também se reporta às práticas funerárias de que tratamos. É considerado o mais notável poeta e prosador latino. Escreveu as *Bucólicas* ou *Eclogas*, as *Geórgicas* e, a sua obra capital, a *Eneida*, monumental

⁴ (1) Ensina *O Livro dos Espíritos* que a Mitologia dos antigos é inteiramente fundada sobre as idéias espíritas, com a diferença de que consideravam os Espíritos como divindades.

⁵ (2) “A experiência prova que certos Espíritos prosseguem na sua vingança de uma existência a outra, e que assim expiaremos, cedo ou tarde, os males que pudermos ter acarretado a alguém”. Kardec - *O Livro dos Espíritos*.

⁶ (3) A inumação (sepultamento) era de ordinário praticada pelos povos que supunham que as almas dos mortos viviam em regiões subterrâneas — os infernos (inferno: região inferior).

⁷ (1) Gaston Maspero, egiptólogo francês (1846-1916). Titular da cadeira de egiptologia no Collège de France. Recolheu na pirâmide de Unas, em Saqqarah, em 1881, os mais antigos textos religiosos egípcios conhecidos; pôs a descoberto o templo de Liixor e a esfinge de Gizé. Escreveu várias obras: *A Arqueologia Egípcia*, *Estudos de Mitologia e Arqueologia Egípcia e História Antiga dos Povos do Oriente*.

poema épico.

Girard de Riale, em *Mitologia Comparada*, relata que os gregos costumavam colocar na boca do morto uma moeda para ele pagar a Caronte (personagem mitológica que, por um óbolo, fazia os mortos atravessarem os rios infernais) a travessia do Styx.

Os Sacrifícios Sanguinários

Além desses procedimentos, avultavam, na antiguidade, os sacrifícios de animais e seres humanos. Aquiles imolou, em honra a Pátroclo, herói do ciclo troiano, companheiro de Aquiles, morto por Heitor sob as muralhas de Tróia, doze jovens troianas, quatro cavalos e dois cães. *Iúada*, poema épico em 24 cantos, atribuído a Homero, poeta grego, também autor da *Odisséia*, é o relato de um episódio da guerra de Tróia, com lances grandiosos (funerais de Pátroclo) e comoventes (a despedida de Heitor e Andrômaca).

Eneas sacrifica Tumus aos Manes do filho de Evandro, o desditoso Palias. *Eneida*, XII, poema épico de Virgílio, narra o estabelecimento dos troianos na Itália, o qual preparou a fundação de Roma. Observava-se, na *Eneida*, a influência de Homero e dos poetas alexandrinos. A *Eneida* influenciaria a literatura da Idade Média e da Renascença. Os citas enterravam, junto com os seus reis, uma de suas concubinas, o seu copeiro, o cozinheiro, outros servidores, cavalos etc. No fim do ano eram decapitados cinquenta escravos, para formarem a sua guarda (Heródoto, historiador grego, 484-420 a.C. Sua *Histórias* é fonte primeira de consulta sobre os usos e costumes de seu tempo, das guerras médicas. O estilo do Pai da História é simples: a lenda e fatos históricos se mesclam e se confundem, emprestando ao texto um quê de extraordinária originalidade e o encanto de um conto escrito por um sábio...)

Os sacrifícios tinham caráter propiciatório: tanto podiam ser consagrados aos deuses primários como aos secundários. O Dioniso de Pelasgos (Habitantes pré-helênicos da Grécia. Encontram-se referências aos pelasgos em Homero e Heródoto) era ávido de vítimas. Temistócles imolou três príncipes, sobrinhos de Xerxes, para o tomar favorável. (Esta informação é encontrada no *Temistócles*, de Plutarco, escritor grego. Compôs grande número de tratados, divididos em dois grupos: *Obras Morais* e *Vidas Paralelas*. Inspirado no platonismo, criticou o estoicismo e o epicurismo). Em considerável espaço de tempo, os atenienses enviavam vítimas humanas a Creta para serem consagradas ao Minotauro. Em Atenas os criminosos eram queimados vivos como vítimas expiatórias, dando-se-lhes o nome de *farmakoi* (instrumento de purificação). A deusa Diana imolavam-se numerosas virgens nos seus templos da Fócida, da Acaia e de Saodicéia (Pausânias, escritor grego do século II d.C., autor de uma *Periegeze da Grécia*, onde se registram importantes informações topográficas e arqueológicas, que as escavações posteriores confirmaram). Clitemestra encarrega sua filha Electra de fazer um sacrifício expiatório sobre o túmulo de Agamemnon para acalmar os seus Manes (almas consideradas divindades) (Esquilo, in: *Coéforas*. Esquilo, 525-456 a.C. Poeta trágico grego. Desde cedo começou a escrever as suas peças, iniciando com *As Suplicantes*. A consagração em vida, conseguiu-a com *Os Persas*. A maioria de suas notáveis produções teatrais exploravam, com rara habilidade, o acervo magnífico de mitos de que a Grécia é pródiga, a teogonia, o ciclo troiano, a história dos argonautas, as lendas tebanas e argianas). Os romanos enterravam vivos dois homens e duas mulheres quando os oráculos exigiam um sacrifício especial. (Titus Lívius, historiador romano 64 ou 59 a.C. -17 d.C. - Após estudar retórica e filosofia, iniciou a elaboração de uma *História Romana*, 142 livros divididos em décadas. A obra ficou inacabada. Chegaram à atualidade a primeira década, a terceira, a quarta, metade da quinta e fragmentos isolados. A *História Romana* é considerada obra-prima da literatura latina. Enaltece a grandeza de Roma num estilo vivo e atraente).

23 HOLOCAUSTO A JEOVÁ

Desde eras remotas que o povo Hebreu (de origem semita) oferecia seres humanos em holocausto a Jeová. Abraão ofereceu o próprio filho. Nadab e Abiu, filhos de Aarão, foram consumidos pelo fogo diante do altar (Levítico X-2). Jeffe promete ao Senhor um sacrifício se saísse vencedor dos filhos de Amon (Juizes, XI-31). Jeová prescreve que lhe sejam consagrados todos os primogênitos, tanto dos homens como dos animais (Exôdo, XIII-2). É através de Isaías (1-11 e seg.) que o Senhor se declara farto de vítimas e de holocaustos...⁸. Esse Deus seria o Deus Pai revelado por Jesus, o Deus Amor e Misericórdia ou a Inteligência Suprema, na concepção lúcida dos Espíritos da Codificação Kardequiana?

Os Sacrifícios Agradáveis aos Deuses

"Os sacrifícios propiciatórios ou expiatórios — esclarece Antonio L.Vilela — que se faziam em honra dos deuses, além de terem em vista fornecer-lhes empregados, serviam-lhes ao mesmo tempo de repostos deliciosos... O sangue era considerado o princípio da vida, de modo que se tomava indispensável aos próprios deuses".

No *Hades komérico*⁹, as sombras dos mortos são devoradas pela fome e pela sede que as tomam ávidas do sangue das vítimas. Das profundezas tenebrosas do Erebo, emergem sombras pálidas, exangues, que se arrastam penosamente, quase sem alento, sedentas do sangue das vítimas que há de retemperar, por algum tempo, as suas faculdades debilitadas. A espada de Ulisses (personagem central da *Iliada*, rei de Itaca, filho de Laertes, marido de Penélope e pai de Telêmaco, Sófocles faz dele um cínico; Eurípedes, um demagogo; Platão, o protótipo do mentiroso; Shakespeare, o modelo do político. Dante levou-o ao XXVI círculo do Inferno como ao termo de uma busca do desconhecido e do absoluto), conserva à distância das tristes sombras até que chega Tirésias (adivinho cego de Tebas, que exerceu expressivo papel no ciclo tebano. Seu túmulo foi, nos tempos históricos, sede de importante oráculo).

Mas os mortos não se nutriam apenas de sangue. Eram-lhe oferecidos frutos, flores, vinhos, leite e mel. Os indus ainda propiciam lautos banquetes aos seus antepassados, a que dão o nome de *Srâddha*.

Afirma Antonio L.Vilela, com base no *L'Beritage d'Apollodore*, de Tseu: "Todos aqueles que pensam na morte querem deixar atrás de si quem leve, aos seus Manes, oferendas funerárias".

Nas cenas fúnebres pintadas nos hipogeus etruscos, vêem-se personagens com vestuários brilhantes deitados sobre leitos de repouso, enquanto copeiros enchem os copos, ou os familiares batem o compasso da música dos tocadores de flauta, conforme história Rawbinson em *Les Religions de L'Ancien Monde*.

Esquilo (Coéforas) faz dizer a Oreste: "Oh! Meu pai! Se eu vivo, tu receberás excelentes banquetes; mas se morro, não terás a tua parte no repasto ca-pitoso de que os mortos se alimentam".

Os Mortos Exigem Sepulturas

Na Antiguidade, o medo de ficar sem sepultura era de domínio geral. Quando os cadáveres ficavam insepultos, as sombras dos mortos vagavam, desesperadas, por longos anos, nas margens do Styx, sem que o aterrador Caronte os transportasse em sua barca... (*Odisséia*, XI, 79, *Eneida*, VI). Teucer e Tecmessa esforçam-se para que sejam prestadas as honras fúnebres ao infeliz Ajax (Sófocles, poeta trágico grego, 495-406 a.C. Apenas sete peças de Sófocles chegaram à modernidade: *Ajax*, *Antígona*, *Edipo*, *Electra*, *As Traquínias*, *Filóctelo*, *Édipo em colonos*.

⁸ (1)Kardec pergunta aos Espíritos:

—“A prática dos sacrifícios humanos remonta à mais alta Antiguidade. Como foi o homem levado a crer que semelhantes coisas pudessem agradar a Deus?

—“Primeiro, porque não compreendia a Deus como sendo a fonte de bondade. Entre os povos primitivos, a matéria sobrepõe-se ao Espírito; eles se entregam aos instintos animais e por isso são geralmente cruéis, pois o senso moral ainda não se encontra desenvolvido. Depois, os homens primitivos deviam crer naturalmente que uma criatura animada teria muito mais valor aos olhos de Deus do que um corpo material. Foi isso que os levou a imolar primeiramente os animais e mais tarde criaturas humanas, pois, segundo sua falsa crença, pensavam que o valor do sacrifício estava em relação com a importância da vítima”... O *Livro dos Espíritos* — Questão 669

⁹ 2) Homero, poeta épico grego, considerado o autor da *Iliada* e da *Odisséia*. Heródoto considerava-o um grego da Ásia Menor. A tradição revela que Homero era cego e nômade, errando, de cidade em cidade, declamando os seus versos. A partir do século XVII surgiram várias hipóteses sobre a existência e a criação das epopéias homéricas.

Sófocles introduziu uma série de inovações à técnica teatral. Legou um novo sentido do trágico, aprofundando o estudo dos caracteres, convertendo-os na mola mestra da ação). As vezes os mortos apareciam aos vivos, a quem pediam que dessem sepultura aos seus corpos (Cícero: *Tiiscu-lanes*; Eurípedes: *Troianas*; Horácio: *Odes*). O fantasma de Calígula aparece nos jardins de Lamia e assombra o palácio onde foi assassinado, enquanto o seu corpo não é completamente incinerado (Caius Suetonius Tranquillus, 69-126 d.C., historiador latino. Escreveu *Sobre Homens Ilustres* e *Sobre Dramáticos e Retóricos*. Sua maior obra, porém, é *A Vida dos Doze Césares*). Plínio, o moço, refere-se a um fantasma que assombrava uma casa por não terem cumprido o sepultamento dos mortos (Xeno- fonte, 430-355 a.C., filósofo e escritor grego. E autor de tratados relativos a Sócrates, de narrativas históricas: *As Helênicas*; de ensaios técnicos, de um romance histórico-filosófico: *A Ciropédia*, de filosofia política).

Os Repostos Fúnebres

Era costume fazer buracos sobre os túmulos onde se introduziam alimentos: "*Derramo, sobre a terra do túmulo, leite, mel e vinho porque é com isso que os mortos sentem prazer*" (*Ifigênia em Aulide*, Eurípedes). Electra¹⁰, ao derramar vinho sobre o túmulo do pai, exclama: "*A bebida penetrou na terra e meu pai recebeu-a*" (Esquilo - in: *Coéferas*). "*Chamemos a alma de Dario (rei dos persas) e derramemos estas bebidas que a terra sorverá e chegarão aos deuses de lá de baixo*" (Esquilo, in: *Persas*). Heródoto advertiu que: — "*Quando faltavam alimentos, as sombras (almas) dos mortos tornavam-se malélicas e perseguiram os vivos até que estes restabelecessem os repostos fúnebres*". Em *Diálogos dos Mortos*, Luciano de Samósata, escritor grego, 125-192 d.C., informa: "*Os mortos alimentam-se com as iguarias que se colocam sobre os seus túmulos e bebem vinho que ali vertemos, de modo que um morto a quem não se ofereça coisa alguma está condenado à fome perpétua*".

Com o advento do Cristianismo, isto é, nos primeiros séculos de sua propagação (porque depois foi substituído por interpretações facciosas), o culto aos mortos assumiu uma outra dimensão. A morte levava a alma para um outro mundo — O mundo Espiritual, em que não mais teriam as necessidades físicas. O alimento do morto é a oração sincera, elaborada no recesso da alma, prescindindo de rituais e fórmulas cabalísticas. "*Era esse o culto das catacumbas*" — acrescenta Antonio L. Vilela — "*onde os cristãos se refugiavam para ler e comentar a mensagem dos Evangelhos, rememorando, emocionados, a vida simples e espiritualmente grandiosa de Jesus*". Ali nas entranhas da Terra, os primeiros e autênticos seguidores de Jesus, sem quaisquer práticas exteriores, eram assistidos pelos Espíritos que os preparavam para enfrentar, adiante, com suave dignidade, a morte, que os levaria à esfera do ser Imortal. Abençoavam os seus algozes, certos de que, no futuro, além da dissolução da matéria transitória, iriam ampará-los e conduzi-los às veredas da consciência despertada, para as realidades espirituais....

24 A MORTE APARENTE E AS EXPERIÊNCIAS DE QUASE MORTE

No livro *Vida, Morte e Reencarnação*, da Ed. Eco, tradução de Francisco Klórs Wemeck, insere-se um excelente trabalho de Francesco Zingaropoli, sob o título: *A Morte Aparente*¹¹.

O autor, de início, relata casos de morte aparente acontecidos em remotas eras, como, por exemplo, a morte de Zenon, Imperador bizantino, encerrado em um sepulcro por sua mulher, Arladne, nos anos 491, durante um gravíssimo ataque epilético. Três dias depois, foi achado morto, mas com um dos braços horrivelmente dilacerado pelos dentes. O célebre poeta Scotto era cataléptico (estado em que ficam temporariamente suspensos movimentos voluntários e a sensibilidade). Foi enterrado vivo durante uma crise, na ausência de seu servo que sabia de sua doença. Tirado da sepultura, seus familiares verificaram que ele morrera sufocado, tendo mordido, desesperadamente, os lábios. De morte igual faleceram filósofos, médicos, poetas, reis e imperadores, sem falar dos supostos mortos enterrados apressadamente nos tempos das epidemias e guerras, e de tantas mulheres torturadas por longas e cansativas gestações e caídas em desmaio.

Na *Apneologia, Ovem Morte Aparente Dell 'Uomo*, Ângelo Comi narra o caso da mulher de um Cônsul de Colônia (Alemanha) enterrada viva no ano de 1557: "*Aproveitou-se da noite, o coveiro, para furtar-lhe algumas jóias; ela despertou e segurou pelo braço o ladrão que, com o susto, desmaiou. Ela, se levantou e foi para sua casa, agradecida de qualquer sorte ao coveiro larápio*".

O abade Prevot, autor do polêmico livro *Manon Lescaut*, adquiriu as energias vitais e o conhecimento, sob o bisturi do cirurgião, durante a necropsia.

Literatos e artistas, como Boccaccio, Edgar Allan Poe, Honoré de Balzac, Emile Zola e outros escolheram muitas vezes, para assuntos de suas criações, histórias de vivos enterrados como mortos. Antes, porém, registra-se uma farta bibliografia sobre a momentosíssima temática. Eis as mais antigas: *Demiracullis Mortuorum*, de Henricus Kor-manus, Frankfurt, Alemanha, 1610; *De Causis Mortis Repentinae*, de M. Tirellus, Veneza, Itália, 1614; *De Mortuorum Resurrectione*, de Paulus Zachias, Amsterdam, Holanda, 1651; *Dissertatio de Incertitudine Signorum et Mortis*, de Johannes Menghin, Viena, Áustria, 1768. Modernamente, destacam-se os nomes mais ilustres entre uma constelação de pesquisadores, em que se inclui a figura de Dr. Charles Richet, um dos eruditos fundadores do Instituto de Metapsíquica de Paris. Mais recentemente, vários psicólogos americanos vêm-se dedicando à pesquisa dos fenômenos de quase-morte (morte aparente), isto é, casos de pessoas que passaram pela experiência da morte clínica e sobreviveram. Entre esses pesquisadores despontam os nomes do Dr. Raymond A. Moody, autor do best-seller *Vida Depois da Vida, Reflexões Sobre Vida Depois da Vida e A Luz do Além* (1988); Elizabeth Kübler-Ros, autora de *Sobre a Morte e o Morrer*.

Os Sinais Seguros da Morte

Entre os autores que enfrentaram e discutiram o problema, informa Francesco Zingaropoli — é de assinalar o Prof. Severin Icard, de Marselha (França), autor de dezoito volumes sobre a morte aparente, o primeiro dos quais foi impresso em 1896 com o título de *Morte Real e Morte Aparente*, começando com as seguintes palavras: "*A Morte aparente não tem necessidade de definição porque se explica por si mesma: é a vida sob aparência de morte*".

O Dr. Icard, ao se referir à aparência de morte, admite todos os sintomas que a Ciência até então estabeleceu. "*Mas todos esses sintomas*" — adverte — "*não possuem nenhuma infalibilidade*". Suscitaram-se, destarte, vários expedientes para evitar o enterramento de pessoas dadas como mortas. Destaca-se, entre outras, a idéia de se depositar corpos dos letárgicos, quando não manifestos os sinais indubitáveis de decomposição em câmaras mortuárias onde o suposto morto, ao despertar, encontre luz e ar. Inventou-se, até, tom aparelho, Dinamoscópio, descrito na *Revista Filosofia della Scienza*, inventado pelo Dr. Collonque, após demoradas observações em um hospital de Paris.

A essa altura, Francesco Zingaropoli conjectura: "*Pensemos na possibilidade de que o suposto morto, já mudo e inerte expectador de seu próprio funeral, sinta que é levado para ser enterrado ainda vivo. E aterrador!*" Essa preocupação do antigo diretor da revista Mundo Oculto de Nápoles, confirmaram-na as revelações mediúnicas, em mensagens de desencarnados que se reportam aos trâmites do doloroso trespasse.

Aliem Kardec, na *Revue Spirite* do ano de 1862, conta a história de Torre de São Miguel, na cidade de Bordeaux (França), onde um homem foi enterrado vivo, cujo Espírito fora evocado na Sociedade Espirita de Saint-Jean d'Angely. Perguntado se lembrava dos instantes da morte, respondeu: "*E algo horrível, impossível de se descrever. Imagine estar em uma cova, com vários metros de terra em cima, querer respirar, falta o ar, querer gritar: estou vivo! e sentir a voz abafada; ver-se morrer e não poder pedir socorro; sentir-se cheio de vida e riscado do rol dos vivos; ter sede e não poder saciá-la; sentir as dores da fome e não poder alimentar-se; numa palavra, morrer!...*"

¹⁰ (3) Electra, filha de Agamenon e de Clitemnestra; com o irmão, Oreste, vingou o pai; esse episódio da lenda dos Atridas inspirou especialmente Esquilo (com sua tragédia *As Coéferas*).

¹¹ (1) A médium Zilda Gama, relata, na edição outubro/novembro de 1940 do jornal *Bahia Espirita*, à época dirigido pelo jornalista Alfredo Miguel, interessante caso de Morte Aparente provocada por um processo obsessivo. O fato aconteceu em 1929, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

O Fenômeno de Quase-morte

Na atualidade, o momentosíssimo problema da natureza dos estados *post mortem* vem sendo encarado, com inusitada preocupação, pelos psicólogos e outros profissionais da área de saúde. Observa-se que os debates se dirigem, de ordinário, para o campo das cogitações a respeito da sobrevivência da alma após a morte. Perguntam-se então: Será que a personalidade se manteria a mesma? Qual seria a sua forma de identificação? Qual seria o seu estado de consciência? A noção do Eu sofreria modificação profunda? Qual o ambiente em que permaneceriam estocadas tais personalidades? Como seria o aspecto ecológico dessas supostas regiões? E depois, qual o destino ou a finalidade dessa pós-vida?

"São estes — observa o Dr. Hemani Guimarães Andrade (*Morte, Renascimento, Evolução*) — os problemas debatidos modernamente nos meios onde se faz pesquisa séria em torno da morte e da sobrevivência". Em seguida refere-se ao caso de Catherine Hayward (relatado pela Dra. Elizabeth Kübler-Ross) que retomou duas vezes à vida, após ter sido dada como morta. Na primeira vez voltou a viver contra a sua vontade. Catherine sofria, desde 1979, de uma doença fatal — a *Doença de Hodgkin*. Segundo a paciente confessou à Dra. Kübler-Ross, ela estava satisfeita (ou conformada) com a perspectiva de morte, uma vez que não suportava mais os sofrimentos. Na sua primeira experiência de quase-morte, ela contou que ouviu uma voz que lhe dizia claramente: "*Você precisa voltar. Precisa aprender a ter confiança. E tempo de você aceitar a sua missão*". Catherine lutou para não retomar ao corpo doente. Todo seu esforço, porém, foi em vão: ela retomou à vida, sentindo-se triste e deprimida. Algum tempo depois, sobreveio uma grave recaída, ela entrou, pela segunda vez, em estado de choque, do qual saiu recuperada, embora a sua moléstia fosse considerada fatal.

Outro pesquisador com uma grande experiência em casos de pessoas que se encontram próximas da morte, é o Dr. Raymond A. Moody. Ele entrevistou centenas de pessoas que passaram pela crise da quase-morte e foram reanimadas. Dos casos estudados, o psiquiatra norte-americano elaborou um resumo, em que se alinha uma série de elementos comuns contidos nas narrativas dos pacientes:

- a) as sensações são inexprimíveis em linguagem corrente;
- b) o paciente, geralmente, ouve a notícia de que está morto, dada pelo médico ou pelas pessoas que o estão socorrendo;
- c) sensações auditivas estranhas, algumas desagradáveis, ocorrem na maioria dos casos. Há também menção de músicas agradáveis;
- d) sensação de alívio, relaxamento e paz é o que a maioria dos moribundos percebe no transe final;
- e) experiência de estar atravessando um longo túnel é muito comum;
- f) algumas vezes vêem o próprio corpo no leito, bem como as pessoas a seu redor;
- g) o paciente passa a ver outras pessoas (Espíritos) conhecidas e desconhecidas;
- h) a visão panorâmica da vida do moribundo. É uma recapitulação rápida, mas resume todos os detalhes do passado individual.

Chega-se à conclusão que, em casos que tais, o morrer parece, em seu aspecto mais genérico, ser uma experiência menos dolorosa do que normalmente se supõe.

Quanto à morte aparente, assunto analisado pelo Prof. Francesco Zingaropoli, há toda uma trama a ser desvendada sob o véu em que se oculta. É uma morte terrível! E, como nada ocorre sem uma razão de ser, necessário seria que se levantasse esse véu e se desvendasse o mistério do Ser, do Destino e da Dor...

25 A CONSCIÊNCIA NAS PLANTAS

Há algum tempo o *Jornal Espírita*, editado pela Federação Espírita de São Paulo, publicou um trabalho nosso sobre as extraordinárias manifestações dos animais. Recebemos cartas de vários pontos do País, de espíritas e de não-espíritas refutando, alguns, a possibilidade de os animais possuírem uma espécie de inteligência. Outros, entretanto, crêem que os irracionais, realmente, possuem inteligência e um princípio independente da matéria. Aliás, no capítulo X, de *O Livro dos Espíritos*, Kardec e os Espíritos mantêm uma interessante troca de idéias sobre o discutidíssimo assunto.

Desta feita, a temática não é menos polêmica. Strata-se do fascinante mundo das plantas, que vem sendo desvendado pela pesquisa científica. Detectou-se, destarte, "*que a sensibilidade das plantas à vida humana a sua volta atinge dimensões inimagináveis*". Observou-se, por exemplo, que os vegetais são capazes de sentir emoções, gostam de música, têm medo de cachorro e reagem a qualquer ato de violência cometida contra algum ser vivo, no ambiente onde se encontram.

Cleve Backster, pioneiro da moderna pesquisa sobre o comportamento dos vegetais, admite que eles possuem, ainda que em nível primário, uma espécie de percepção, que seria, grosso modo, um sistema sensorial sem definição, cujo mecanismo é uma incógnita.

O interesse de Backster pela vida vegetal começou, inusitadamente, no seu escritório em New York. Eis como Herbert Kretzmer relata a experiência:

"*Numa noite de fevereiro, Backster estava olhando, despreocupadamente, para um filodendro que enfeitava a sua janela. Backster, diga-se de passagem, é um dos maiores especialistas americanos no campo do detector de mentiras (o polígrafo que serve para medir alterações na resistência elétrica da pele sob o efeito das emoções). Olhando para a planta, ele pôs-se a pensar se, acaso, ela não registraria, de alguma forma, o subir da água pelo seu caule através dos ramos. Fixou um eletrodo numa das folhas, molhou a planta — mas não se registrou qualquer reação. Ocorreu-lhe, a seguir, a idéia de mergulhar uma de suas folhas na xícara de café que tinha sobre a mesa. A planta continuou impassível, sem ligar para essas provocações.*"

Finalmente, tudo mudou, quando Backster decidiu queimar a folha. Mas, antes de ir buscar os fósforos, o filodendro reagiu súbita e violentamente, manifestando os mesmos sinais do pânico humano. Excitadíssimo, Backster concluiu que a planta respondera ao seu simples pensamento de fazer o mal a ela!

Após uma série de demoradas experiências, Cleve Backster começou, timidamente, a ter acesso ao fantástico universo emocional das plantas. Constatou que uma planta doméstica às vezes escolhe uma pessoa que se encontra na sala e começa a produzir no Polígrafo um padrão gráfico que reproduz à perfeição, as batidas cardíacas da pessoa tomada como modelo. As plantas sabem igualmente, quando devem encenar um desmaio estratégico. Quando um cientista canadense visitou Backster, para observar as suas experiências, as plantas não se manifestaram. Enquanto o pesquisador estrangeiro permaneceu no ambiente, as plantas não se prontificaram a cooperar, causando uma certa frustração em Backster. Entretanto, Backster, percebendo que algo determinara o procedimento das plantas, perguntou ao canadense se seus trabalhos, de algum modo, envolviam violência contra as plantas. A resposta deixou-o espantado:

"— *Sim, eu as levo ao forno, a fim de obter o seu peso seco para análise*".

Pouco tempo depois da partida do visitante, as plantas retomaram as suas surpreendentes manifestações...

As experiências sobre as plantas vêm sendo desenvolvidas em várias partes do mundo. Os resultados têm sido animadores. O químico Marcei Vogei esclarece:

"*Esse trabalho requer pessoal especialmente treinado. É indispensável o desenvolvimento espiritual. A chave das reações observadas nas plantas está no vínculo de simpatia que as une aos humanos*".

Edgard Mitchell, sexto homem a pisar na Lua e que fora o Presidente de Centro de Pesquisas sobre Fenômenos Psíquicos (PSI) nos Estados Unidos, referia-se com entusiasmo sobre o trabalho de Backster e de outros pesquisadores que aprofundaram o estudo da consciência nas plantas:

"— *As descobertas de Backster ainda são controvertidas, mas já foram reproduzidas por cientistas um número de vezes suficiente para mostrar que ele está no caminho certo... O trabalho dele acabará sendo aceito pela maioria*".

E conclui:

“— Há uma certa forma de consciência que impregna todos as substâncias. Mas somente através das pesquisas desapaixonadas” — adverte o ex- astronauta — “poderão os homens encontrar essa consciência-extra, esse poder de vinculação com os seres vivos (como a planta doméstica de Marcei Vogei) que poderá nos salvar de uma nova era obscurantista.” E finaliza, enfático:

“— Se a pesquisa em torno dos fenômenos psíquicos oferece uma possibilidade de benefício para a Humanidade, seria tolice não querer dar prosseguimento a ela. Creio, muito simplesmente, que as experiências psíquicas podem, quando adequadamente desenvolvidas, ajudar o homem a despertar as potencialidades de sua mente (Espírito).”

O Duplo nas Plantas

André Luiz, o pesquisador de além-túmulo, revela que as plantas têm o seu duplo; lê-se então, em *Os Mensageiros*, o seguinte relato:

“Aniceto (mentor espiritual), Vicente e eu, em companhia de outros amigos, fomos ao pequeno jardim que rodeava as habitação. As flores veludosas rescendiam. A claridade espiritual ambiente, como que esparcava as trevas da noite.

“Respirando as brisas caridosas que sopravam da **Guanabara** notei pela primeira vez delicado fenômeno que não havia observado até então.

“Uma pequena carinhosa, enquanto a mãezinha palestrava com um amigo, colheu um cravo, num grito de alegria.

“Vi a menina talar a flor, retirá-la da haste, ao mesmo tempo que a **parte material do cravo emurchecia**, quase de súbito.

“A Sra. repreendeu com calor:

— *Que é isso Regina? Não temos direito de perturbar a ordem das coisas*”.

Em se tratando de Espíritos desencarnados, é de se admitir que a menina cortou o duplo ilúidico do cravo, tanto que a sua parte material emurcheceu imediatamente.

Se todos os seres vivos têm o seu duplo, sobrevivendo à morte, por que as plantas, guardando-se as devidas e naturais proporções, que também possuem a vida, não deviam ter o seu duplo?...

É justo, muito justo, justíssimo!

26 AS DESCONCERTANTES MANIFESTAÇÕES DE NOSSOS IRMÃOS INFERIORES - OS ANIMAIS

Allan Kardec, que abriu profundas perspectivas de análise e conhecimento das naturais relações entre vivos e mortos, emergindo desse intercâmbio uma ciência, uma filosofia de conseqüências morais, tratou, no Capítulo XI, de *O Livro dos Espíritos*, das faculdades psíquicas dos animais, chegando a tecer os seguintes comentários, que assumem notória importância numa época de tantas e profundas especulações; e o meu notável: dois anos antes de ser anunciada a revolucionária tese de Darwin, e algum tempo após as teorias de Joseph Gobineau:

“Além do instinto, não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados, que denotam a vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais precisamente concentrado sobre os meios de satisfazer às suas necessidades físicas e prover à conservação”. (Comentário à questão 605-a)

Adiante, os Espíritos enunciam surpreendente revelação:

“E nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco, e ensaia para a vida. É, de certa maneira, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se toma Espírito. É então que começa para ele o período de humanidade, e com este a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus atos”.

“Esse período de humanidade começa na Terra?” — Indaga Allan Kardec.

— “A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período de humanidade começa, em geral, nos mundos ainda mais inferiores”.

Experiências de Eberfeld

São célebres as experiências de Eberfeld, feitas com os cavalos *Muhamed* e *Zarif*. Esses animais, por meio de um alfabeto convencional, executam cálculos complicadíssimos, indo mesmo à extração de raízes quadradas e cúbicas. Os cavalos de Eberfeld deram provas de atividades intelectuais autônomas e espontâneas, provas inequívocas de profundo raciocínio.

Os cavalos, surpreendentemente, conheciam o valor dos algarismos e quaisquer que fossem as manifestações de sua atividade subconsciente ou subliminar, elas foram puramente intelectuais e conscientes no ato da aprendizagem. Eles aprenderam, por meio de um alfabeto, a transmitir de seu mundo, tragicamente ignorado, sensações, impressões, sentimentos, desejos...

Certa feita, o Sr. Krall, dono e instrutor dos cavalos, notou que eles não estavam dispostos — talvez por excesso de preguiça — para seguir atentamente as lições. Interpela-os. E o cavalo *Muhamed*, interrompendo o trabalho, acusa estar com dor nas pernas. Um dia, Krall e seu colaborador, o Dr. Scholler, tentaram obter de *Mukamed* que se expressasse em linguagem falada. Depois de inúteis esforços de imitação, o animal, em seu essencial alfabeto, declarou, jocoso: “*Eu não tenho boa voz*”. Cuidaram, então, de explicar-lhe que ele deveria separar as mandíbulas para falar, mostrando a coisa pelo exemplo do cão e por meio de pinturas e cartazes diversos. E perguntaram: — “Que é que você deve fazer para falar?”. As patas responderam:

“—Abrira boca.”

—Por que não a abre?

“— Porque não posso” — respondeu o cavalo.

Em outra ocasião, apresentara a *Muhamed* o retrato de uma moça que ele desconhecia.

—Que é isto? — perguntou-lhe o mestre.

Uma moça. “

—Por que é uma moça? — insistiu Krall.

*— *Porque tem cabelos compridos*” — concluiu o cavalo.

—E que coisa ela não tem?

“— *Bigodes*. ”

Apresentaram-lhe, em seguida, a fotografia de um homem sem bigodes.

—Que é isto?

*— *Um homem*” — afirmou o animal.

—Porque é homem?

“— *Porque tem cabelos curtos*” — respondeu o cavalo, cheio de convicção.

Todos esses fatos demonstram que o cavalo (pelo menos o de Eberfeld) é um animal inteligente que raciocina e que está mais próximo da humanidade do que se supõe.

Os cães de Manhein

Também são famosas as experiências, feitas com cães, de Manhein — entre os quais se destaca o cãozinho Rolf, que chegou a resolver

problemas- de matemática; fazia e respondia perguntas e possuía uma singular particularidade: era mordaz e irônico!

A mentalidade de Rolf manifestava-se por associações de idéias. Foi assim que, durante uma leitura, ocorreu-lhe a palavra outono. Perguntou- se o que significava e, em lugar da palavra estação que se esperava ele dissesse, respondeu:

“— *O tempo em que há maçãs*” — simplesmente porque, nessa ocasião, lhe davam maçãs assadas.

A opinião dos pesquisadores — a sobrevivência da alma animal

Gabriel Delanne, um dos mais destacados pesquisadores de fenomenologia supranormal, afirma que: “*a analogia certa que existe entre as manifestações intelectuais dos animais inferiores e as dos homens leva-nos a indagar se as faculdades supra- normais, que se verificam em nós, não poderiam existir, em um grau qualquer, entre os que se tem chamado, a justo título, nossos irmãos inferiores. E evidente que o assunto só pode ser resolvido pela observação.*”

Existem, a propósito, numerosas narrativas reunidas cuidadosamente por Ernesto Bozzano e publicadas nos *Anais das Ciências Psíquicas* — 1905. Os estudos do grande pesquisador italiano, realizados à luz de fatos incontestáveis, revelam casos de vidência entre animais e aparições de animais defuntos a pessoas vivas, provando, destarte, a sobrevivência da alma animal.

Vale, a propósito, relatar um caso, dentre tantos, inserido na *Revista Light*, de Londres, Inglaterra, fato registrado por G. Delanne, o ocorrido com o Prof. J. Brown:

“*No que toca à sobrevivência dos animais, observei um fato curioso, antes de me tornar espiritualista. Eu estava doente e recebia sempre a visita de um gato, que pertencia à minha proprietária. Toda tarde antes de escrever, vinha o animal ao meu quarto, dava uma volta por ele, com ar solene, e retirava-se.*”

“*Disseram-me, um dia, que haviam matado o gato, mas o fato se me apagou do Espírito, e, todas as tardes, o gato aparecia como de hábito. Entretanto, uma vez, lembrei-me, repentinamente, de que o gato estava morto*”...

Materializações visíveis de formas de animais

(Fato extraído das sessões realizadas em Varsó- via-Polônia, em 1919, tendo como médium Franek Kluski).

“*Nos relatórios das sessões de estudos psíquicos de Varsóvia, destaca-se especialmente, uma grande ave de rapina, que apareceu várias vezes e foi fotografada; depois, um ser bizarro espécie de intermediário entre o macaco e o homem. Tem a estatura de um homem, uma face simiesca, mas uma frente desenvolvida e reta, o rosto e o corpo cobertos de pelos, braços compridos, mãos fortes e longas. Parece sempre comovido, toma as mãos dos assistentes e as lambe como faria um cão.*”

“*Ora, esse ser, que denominamos o Pitecantro- po, manifestou-se muitas vezes durante as sessões. Um dos assistentes, na sessão de 20 de novembro de 1920, sentiu sua grande cabeça aveludada apoi- ar-se-lhe pesadamente no ombro, junto ao rosto. Essa cabeça era guarnecida de cabelos bastos e rudes. Um odor de animal selvagem, de cão molhado, desprendia-se dele. Um dos presentes estendeu a mão, apanhou-a o Pitecantropo e lambeu-a longamente, por três vezes. Sua língua era grande e macia*”.

Nos *Annales de Sciences Psychiques* (agosto de 1905), Ernesto Bozzano oferece uma classificação de extraordinários fatos que demonstram que os animais possuem incrível faculdade psíquica supranormal:

1ª categoria — alucinação telepática em que um animal faz função de agente — 12 casos;

2- categoria — alucinação telepática percebida coletivamente pelo homem e pelos animais — 17 casos;

3ª categoria — visões de fantasmas humanos, fora de qualquer condição telepática e percebidas coletivamente por animais e homens — 18 casos;

4ª categoria — visões de fantasmas animais, produzidas fora de qualquer coincidência telepática e percebidas coletivamente por animais e homens — 5 casos;

5ª categoria — animais e localidades fantasmó- genas — 22 casos.

Parece, pois, extremamente provável, conclui Bozzano:

1ª — Que existem comunicações telepáticas entre homens e os animais domésticos;

2ª — que os animais apresentam, por vezes, fenômenos de clarividência, isto é, percebem seres invisíveis;

3ª — que são capazes de experimentar pressentimentos;

4ª — que possuem uma forma fluida que lhes permite desdobrar-se;

5ª — que esse perispírito animal persiste depois da morte, sob uma forma invisível, que pode ser descrita pelos videntes;

6ª — que a materialização desse princípio, que individualiza a alma animal, foi por vezes observada nas sessões espíritas.

Eis, finalmente, as surpreendentes e revelado- ras conclusões a que chegou o Prof. Ernesto Bozzano, endossadas, integralmente, pelo Dr. Gabriel Delanne:

“*Limitar-me-ei a observar que, no dia em que se chegar a adquirir, cientificamente, a prova de que os fenômenos de percepção psíquica supranormal se manifestam de modo idêntico, no homem e no animal, e de que essa prova é completada por outro fato, o de que as formas superiores do instinto próprio aos animais se encontram também na subcons- ciência do homem, nesse dia seremos levados a demonstrar que não existe diferença de qualidade entre a alma humana e a do animal*”.

“*Da mesma maneira, poder-se-á, então, fazer melhor compreender como a evolução biológica da espécie tem seu correspondente em uma evolução psíquica paralela que, a julgar pelas maravilhosas faculdades evidentemente independentes da lei de seleção natural, longe de dever ser considerada como simples produto de síntese funcional dos centros corticais, longe de consistir em simples epife- nômeno, deve ser nitidamente reconhecida como originada por um princípio soberanamente ativo. Este se manifesta como força organizadora, e unicamente em virtude dele a lei de seleção natural é posta em estado de agir eficazmente em vista da evolução biológica e morfológica da espécie*”

E conclui sentencioso:

“É às ciências psíquicas que pertence a tarefa gloriosa de o demonstrar, em futuro bastante próximo *”

27 O PASSE E A TEORIA DOS FLUIDOS

No século XVIII, Franz Anton Mesmer, após estudar a cura mineral-magnética do astrônomo jesuíta Maximiliano Hell, professor da Universidade de Viena, bem como os trabalhos de cura magnética de J.J. Gassner, divulgou uma série de técnicas relativas à utilização de magnetismo humano, instrumentalizado pela imposição da mãos. Tais estudos levaram-no a elaborar a sua tese de doutorado — *De Planetarium Inflexu*, 1766 — de cujos princípios jamais se afastou. Mais tarde, assumiram destaque as experiências do Barão de Reicher- bach e do Coronel Albert de Rochas. Com a colaboração de videntes, concluiu-se que o corpo humano é polarizado. (Mesmer, *As Variedades da Ação Magnética*).

Allan Kardec, no Capítulo XIV de *A Gênese*, livro integrante da Codificação do Espiritismo, trata de uma momentosa questão — as Curas.

Informa, a propósito, o Codificador:

“*Os efeitos da ação fluidica sobre os doentes são extremamente variados, conforme as circunstâncias.*”

“*É uma ação por vezes lenta, e reclama um tratamento seguido. Em outras vezes, é rápida como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de um poder tal que, em certos doentes, operam curas instantâneas unicamente pela imposição das mãos, ou mesmo por um único ato da vontade. Entre os dois polos extremos desta faculdade, há nuances ao infinito. Todas as curas deste gênero são variedades de magnetismo, diferindo apenas pela potência e rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: é o fluido que desempenha o papel de agente terapêutico, e o efeito está subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais*”.

Em seguida, Kardec enumera as várias maneiras de ação magnética:

1ª — Pelo próprio fluido do magnetizador (passista); é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação está subordinada à potência e, principalmente, à qualidade do fluido.

2ª — Pelo fluido dos Espíritos, agindo diretamente, sem intermediário, sobre um encarnado, seja para curar ou para acalmar um sofrimento.¹²

3ª — Pelo fluido que os Espíritos esparzem sobre o magnetizador e para o qual este serve de condutor. É o magnetismo misto (semi-espiritual) ou humano espiritual que dá a este último as qualidades que lhes faltam. A participação dos Espíritos, em tal circunstância, é por vezes espontânea, mas, na maior parte das vezes, é provocada por apelo do magnetizador.

E Kardec conclui:

*“A faculdade de curar pela influência fluidica é muito comum e pode desenvolver-se por meio de exercício. Porém, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, é mais rara e seu apogeu pode ser considerado como excepcional. Entretanto, em diversas épocas e quase em todos os povos, viram-se indivíduos que a possuíam em elevado grau”.*¹³

A Polaridade Humana

Em *O Livro do Médiun Curador*, da autoria de José Lhome (Presidente de Honra da União Espírita da Bélgica), prefaciado por Hubert Forestier, da *Revista Espírita de Paris*, traduzido pelo confrade Francisco Klôrs Wemeck e lançado no Brasil, em 1970, pela Editora Eco, constam as seguintes explicações sobre aplicações práticas fundamentadas na Polaridade Humana:

“A mão direita, colocada na nuca ou ao longo da coluna vertebral, acalma, dá uma impressão de bem-estar, diminui os espasmos nervosos dos órgãos que se acham na mesma altura e são comandados pelos nervos da medula espinhal.

“A mão esquerda no epigastro (estômago) acalma os espasmos estomacais. A mão direita pode ser ao mesmo tempo colocada em posição oposta, ao nível dos rins”.

J. Lhome faz a diferença entre imposição das mãos e passes:

“A imposição das mãos consiste na aplicação destas sobre a fronte (aplicação generalizada) ou sobre a parte enferma.

“Os passes consistem em movimentos feitos com as mãos. Podem ser: longitudinais, transversais e rotativos.

Terapia da Polaridade do Dr. Randolph Stone

Além das fronteiras do Movimento Espírita Brasileiro, vários pesquisadores se notabilizam pelas pesquisas sobre os campos de energia na psicofera humana.

Destaca-se o trabalho do Dr. Randolph Stone, austríaco, radicalizado nos Estados Unidos da América, especializado em osteopatia, naturalismo e quiroprática (passes), mantendo uma clínica particular de 1914 a 1972. O Dr. Stone, partindo, provavelmente, das experiências do Barão de Reichenbach, na Alemanha, que identificara a existência de campos magnéticos nas plantas e nos seres humanos, analisou os variados processos de cura ao longo de décadas de estudo e observação, identificando os mesmos campos eletromagnéticos do corpo humano. Elaborou, então, um sistema a que deu nome de Terapia da Polaridade.

Recentemente, a Editora Pensamento lançou, no Brasil, o livro *Mãos de Luz — Um Guia para Cura Através do Campo de Energia Humana* (Hands of Light A Guide to Healing Through the Human Energy Field), de autoria da psicoterapeuta Barbara Ann Brennan, pesquisadora do campo de energia humana, que mantém uma clínica em Nova Iorque. A Dra. Ann Brennan realiza o seu tratamento com a ajuda de Espíritos Guias, por ela vistos e identificados. Antes de estabelecer contato com o paciente, *“é importante — afirma a psicoterapeuta — alinhar-se o curador com as sempre presentes energias superiores”.* E prossegue: *“Rezo, em silêncio, ou em voz alta; rezo para ser um canal do amor, da verdade e da cura, em nome do Cristo das forças universais de luz”.*

Os incautos podem chamar a professora Barbara Ann Brennan de mística; todavia, ao invocar o nome de Cristo, nada mais faz do que estabelecer contato, embora longínquo, com o Grande Mestre da Galiléia, que usou de processos energéticos que são ainda uma incógnita. O *Talita, Kume!* ecoando, através dos séculos, causa espanto e admiração. A uma ordem do Mestre, levanta-se a menina dada como morta, pranteada por parentes e amigos. A alma, que se evadiu de seu cárcere carnal, retoma à vida terrena para cumprir o que determina a Lei Natural, instrumento maior de reabilitação moral.

As Propriedades do Perispírito

Conforme se encontra explicitado nos livros que constituem a Codificação do Espiritismo, o perispírito, ou corpo fluídico, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico. É uma condensação deste fluido em torno de um foco inteligente ou alma.

No perispírito, ao contrário do que acontece com o corpo carnal, o fluido conserva a sua imponderabilidade e as suas qualidades intrínsecas. Os espíritos extraem o seu perispírito do meio em que se encontram; isto significa que esse envoltório é formado de fluidos ambientes. Disso resulta que os elementos dos constitutivos do perispírito devem variar segundo os mundos.

Entretanto a natureza do invólucro fluídico é sempre de acordo com o grau de adiantamento moral do espírito. Eis por que motivo a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos (re)encarnados e desencarnados que povoam a Terra ou o Espaço circunjascente. Ocorre, também, que o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modifica com o progresso moral deste, em cada encarnação ainda que reencarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, (re)encarnando-se, excepcionalmente, em missão, em um mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro que o dos naturais desse mundo.

O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual: é através dele que o Espírito encarnado está em contínua relação com os Espíritos.

O perispírito é o órgão sensitivo do espírito. É por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos. Através dos órgãos do corpo — a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas à percepção das coisas materiais. Através do sentido espiritual, o psíquico, elas se generalizam: o Espírito vê, ouve e sente, por intermédio de todas as partes de seu ser, tudo o que estiver na esfera de irradiação de seu fluido perispiritual.

A matéria inerte é insensível. O fluido perispiritual também o é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo — que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, então, no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, para a qual os nervos parecem ser os fios condutores.

A Opinião dos Sábios sobre o Perispírito

Vários estudiosos têm-se manifestado sobre o perispírito. Destacamos, inicialmente, a figura de Gabriel Delanne, autor de importantes obras sobre a fenomenologia espiritual, entre as quais destacamos: *A Alma é Imortal*. Em seu capítulo III, escreve Delanne:

“O envoltório da alma se fez objeto de perseverantes estudos da parte de Allan Kardec. Ele próprio confessa que, antes de conhecer o Espiritismo, não tinha idéias especiais sobre tal assunto. Foram seus colóquios com os Espíritos que lhe deram a conhecer o corpo fluídico e lhe proporcionaram compreender o papel e a utilidade desse corpo”.

Em seguida, o autor remete o leitor à *Revue Spirite*, ano de 1861, onde se insere o seguinte diálogo entre Kardec e o Espírito do Dr. Glas. As perguntas eram feitas pelo Codificador, sendo respondidas pelo médium escrevente:

¹² (1) - A *Revue Spirite*, n.º. de fev/1863, abr/1865 e set/1865, traz exemplos sobre a ação direta do Espírito sobre o encarnado, o que Kardec chamou de magnetismo espiritual.

¹³ (2) - Os números da *Revue Spirite* de dez/1866, out/nov/1866, ago/1867, out/nov/1867 contém impressionantes relatos de curas instantâneas.

P. — Fazes alguma distinção entre o teu Espírito e o teu Perispírito?

R. — Penso, pois, que sou uma alma. Quanto ao Perispírito, é, como sabes, uma forma fluídica e natural.

P. — Crês que a faculdade de pensar reside no Perispírito? Numa palavra: que a alma e Perispírito são uma e mesma coisa?

R. — E exatamente como se perguntasses se o pensamento reside no nosso corpo. Um é visto, o outro se sente e conhece.

P. — Não és, então, um ser vago e indefinido, mas um ser limitado e circunscrito?

R. — Limitado, sim, porém, rápido como o pensamento.

P. — Peço determinares o lugar onde aqui te achas.

R. — A tua esquerda e à direita do médium.

Nota:

Allan Kardec se coloca exatamente no lugar indicado pelo Espírito.

P. — Foste obrigado a deixar teu lugar para me ceder?

R. — Absolutamente. Nós passamos através de tudo, como tudo passa através de nós, é o corpo espiritual.

P. — Estou, portanto, colocado em ti?

R. — Sim.

P. — Mas, como é que não te sinto?

R. — Porque os fluidos que compõem o perispírito são muito etéreos, não suficientemente materiais para nós outros.

Em *Obras Póstumas*, Allan Kardec elucida que, por sua natureza, o perispírito é invisível, tendo isso de comum com uma infinidade de fluidos que sabemos existirem, mas que jamais vimos. Entretanto, pode ele, também, do mesmo modo que certos fluidos, sofrer modificações que o tomem perceptível à vista, ou por uma certa condensação ou por uma mudança na disposição molecular. Pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível, mas é capaz de retomar instantaneamente ao seu estado etéreo e invisível. Esses diferentes estados do perispírito são o resultado da vontade do Espírito, e não de uma causa física exterior. No caso de aparição, ele põe seu perispírito no estado necessário para tomá-lo visível.

Uma outra propriedade do perispírito e que se liga à sua natureza etérea é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe constitui obstáculo. Ele as atravessa todas, assim como a luz atravessa os corpos transparentes. É por esse motivo que não há recinto que possa opor-se à entrada dos Espíritos.

Em Nota de rodapé, o professor J. Herculano Pires esclarece:

"A penetrabilidade da matéria, que no tempo de Kardec era dogmaticamente considerada impossível, já não o é em nossos dias. O avanço da Física provou que a densidade da matéria é apenas aparente. Nas pesquisas parapsicológicas, a escola de J. B. Rhine provou que nenhuma barreira material impede a transmissão do pensamento, o que levou Rhine a afirmar que a mente não é física e o pensamento não é gerado pelo cérebro." Para um maior aprofundamento da questão, consultar Parapsicologia Hoje e Amanhã, de autoria do ilustre Professor.

E prossegue Kardec em suas lúcidas e pioneiras elucidacões:

"Em alguns casos e em certas circunstâncias, a tangibilidade pode tomar-se real, isto é, pode se tocar, apalpar, sentir a mesma resistência, o mesmo calor de um corpo vivo, o que não impede a aparição de desvanecer-se com a rapidez do raio. Assim sendo, é possível estar-se em presença de um Espírito, com ele trocar palavras e agir como se fosse com um vivo, e sem desconfiar que seja um Espírito.

"As aparições tangíveis são muito raras, mas as aparições vaporosas são freqüentes, principalmente no momento da morte."

Acrescenta o professor J.H. Pires que as aparições no momento da morte são atualmente objeto das pesquisas parapsicológicas e deram origem a um novo tipo de fenômeno paranormal acrescido de quadro da fenomenologia científica do gênero: o fenômeno teta, designado simplesmente por essa letra, que é a oitava do alfabeto grego e com a qual se escreve a palavra morte. O Grupo Teta de Pesquisa era dirigido na Duke University, USA, pelo professor Prat, companheiro de Rhine. Este fenômeno foi reconhecido pelos parapsicólogos como a mesma dualidade com que o Espiritismo o apresentou e explicou há mais de um século: é psigama (ou subjetivo) quando não apresenta características materiais, e é psikapa (ou objetivo) quando a aparição se toma tangível.

O "Corpo de Energia"

O professor Henrique Rodrigues em seu livro *A Ciência do Espírito*, cita a obra de Sheyla Ostrander e Lyn Schroeder, sob o título: *Psychic Discoveries Behind The Iron Curtain*, onde se insere a seguinte revelação:

*"A ciência está realmente começando a dizer alguma coisa. E, por mais estranho que pareça, estão com a palavra os cientistas soviéticos, que nos últimos dez anos, mergulharam fundo e sério na pesquisa dos fenômenos do espírito humano. É claro que a terminologia é outra e ainda infestada de conotações materialistas, mas surpreendentemente lúcidas de observações, quando consideramos o **background** ideológico em que vivem e elaboram os pesquisadores".*

O local das pesquisas fica perto do centro espacial no Kazakstan, em Alma-Ata. Ali se reuniram biólogos, bioquímicos e biofísicos. Das investigações a que procederam, conseguiram detectar o que rotularam de corpo de energia.

E prosseguem Sheyla Ostrander e Lyn Schroeder: "... esse **corpo de energia** não é só de partículas. Não é um sistema caótico. É um organismo **totalmente** unificado em si mesmo. Age com **unidade e, como** unidade, o corpo energético produz seu **próprio campo** eletromagnético que constitui a base **dos campos** biológicos".

Sentiu-se a necessidade de se criar uma comissão de alto nível encarregada de examinar o assunto e emitir parecer. Integravam-na os seguintes e consagrados cientistas: Inyushin, Grischichenko, Vorobev, Shouiski, Fedorova e Gibaldulin. Chegaram à conclusão que todos os seres vivos possuem um corpo físico, composto de átomos, e como contra-parte, um corpo de energia, a que intitularam de corpo de plasma biológico.

Os resultados das pesquisas dos russos ganharam o mundo. Vários estudiosos do espicioso assunto saíram a campo, objetivando o seu aprofundamento. Verificaram, então, que uma espécie de matriz "organiza os seres vivos e mantém o maravilhoso intercâmbio que se processa ao longo das células".

Embora essas pesquisas modernas tenham contribuído para um maior conhecimento dos mecanismos bioplasmáticos, não se deve olvidar o trabalho pioneiro de Albert de Rochas, Hyppolite Baraduc, Walter J. Kilner Ochorowicz e o do Comandante Darget. Este último obteve as fantásticas fotografias fluídico-magnéticas, revelando o que se rotulou de *Idéia Motriz da Geração Vital*.

Ainda na própria Rússia, devem-se recordar os nomes ilustres do Doutor Jacques Narkiewicz Yodke e do Doutor Gurwitsch, com seus raios mitogênicos ou mitogenéticos no reino vegetal.

A Teoria dos Fluidos

Afirma o professor J.H.Pires em seu livro *Me-diunidade*, editado pela Edicel, que: "a teoria dos fluidos tem provocado divergências entre os cientistas e os espíritas". Acrescenta que se criou uma prevenção contra a palavra fluido, propondo-se modificações na terminologia. Houve até, e em nome da Ciência, quem negasse a existência de estados impoderáveis da matéria. Há quem pretenda usar os vocábulos energia ou bioenergia em vez de fluido. Esclarece, a propósito, o Dr. Carlos Toledo Rizzini (Fronteiras do Espiritismo e da Ciência — Lake): "... fluidos são formas de matéria, conquanto rarefeitas e insensíveis. Energia (do grego ergon: trabalho) é a força em ação, capaz de produzir trabalho, energia muscular, elétrica, hidráulica, eólica (do vento), atômica..." E conclui: "**Fluido** é substantivo concreto, algo que sempre existe e é manifesto. **Energia** pode ser abstrata se o corpo que a possui não estiver em movimento".

Atualmente, entretanto, a situação é favorável às postulações espiritistas, que vieram se firmando a partir do trabalho de William Crookes,

seguido das experiências espíritas de Alfred R. Wallace, de Beattie e de A. Aksakof, que identificaram, fotografados, os estados da matéria invisível que possibilitam a produção dos fenômenos espirituais...

Ao lado desses eminentes pesquisadores, destacam-se as figuras de H. Baraduc, do Comandante Darget, cujas investigações laboratoriais evidenciaram a emanção dessas forças materiais de todos os corpos, sobretudo dos corpos vivos; e os clichês obtidos testemunham, inequivocamente, a existência desses fluidos.

"Já podemos pensar em termos de fluidos sem cometer nenhuma heresia científica" — sentencia o professor J.H.Pires.

Confirma-se, destarte, o ensino dos Espíritos, através de laboriosas e insuspeitas pesquisas desenvolvidas por homens de ciência que não professam a Doutrina Espírita. Quando muito, alguns se consideram metapsiquistas ferrenhos, refratários aos princípios espiritistas.

Adverte, em boa hora, o Dr. Gabriel Delanne (*A Alma é Imortal*):

"É necessário que o público, ao ouvir-nos falar de fluidos, se habitue a não ver nessa expressão um termo vago, destinado a mascarar a nossa ignorância. É necessário fique ele bem persuadido de que estamos constantemente mergulhados numa atmosfera invisível, intangível pelos nossos sentidos, porém tão real, tão existente quanto o próprio ar.

"E o mundo espiritual... Com ele entramos em relação por meio do nosso organismo fluídico. Porque possuímos um perispírito, possível se nos faz atuar sobre esse mundo invisível."

Finalmente, Gabriel Delanne, na obra supracitada, recomenda que se proceda a um estudo metuculoso dos fluidos para a compreensão dos fenômenos espirituais. De fato, sem um acurado estudo dos fluidos, fica realmente difícil entender o seu processo. Mas como proceder a esse estudo?

Kardec, em *A Gênese*, livro quinto da Codificação, afirma que: *"os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam a nossos instrumentos de análise e à percepção de nossos sentidos, feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. Há alguns que pertencem a um meio de tal modo diferente do nosso, que não podemos imaginá-los senão mediante comparações tão imperfeitas quanto aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer idéia da teoria das cores.*

"Mas dentre esses fluidos, alguns estão intimamente ligados à vida corpórea e, de certo modo, pertencem ao meio terrestre. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, do qual nada pode dar uma idéia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, existem inúmeras transformações, que mais ou menos se aproximam de um ou de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, por conseguinte os menos puros, compõem o que se pode chamar de atmosfera espiritual terrestre. E deste meio, onde se encontram igualmente diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra extraem os elementos necessários à economia de sua existência. Esses fluidos, por mais sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam de ser de natureza grosseira, comparados aos fluidos sutis das regiões superiores.

"A qualificação em fluidos espirituais não é rigorosamente exata, pois que, afinal de contas, trata-se sempre de matéria em sua quintessência. Realmente espiritual só há a alma ou o princípio inteligente. São designados assim, por comparação e, sobretudo, em consideração à sua afinidade com os Espíritos. Pode-se dizer que constituem a matéria do mundo espiritual: é por isso que são chamados de fluidos espirituais.

E o próprio Kardec pergunta, especulativo:

**Quem, aliás, conhece a constituição íntima da matéria tangível? Talvez ela seja compacta apenas no que diz respeito a nossos sentidos; e a prova está na facilidade com que é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos aos quais não constitui mais obstáculo que nos corpos transparentes para a luz.*

"A matéria tangível, tendo por elemento o fluido cósmico, ao desagregar-se, deve poder retornar ao estado imponderável, assim como o diamante pode volatilizar-se em gás impalpável. A solidificação da matéria, na realidade, não é senão um estado transitório do fluido universal, que pode retornar a seu estado primitivo, quando as condições de coesão deixam de existir

E coerente e cognitivo, conclui Kardec:

"Ainda não possuímos senão os marcos do mundo invisível, e o futuro nos reserva, sem dúvida, o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que para nós é ainda um mistério".

Essa sentença está inserida no Capítulo XIV, do livro *A Gênese*, dado a lume em 1868, por Allan Kardec; iria ser ratificada em 1895, pelo pesquisador Alfred Emy, em sua obra: *Le Psychisme Expérimental, Etude Sur Les Phénomènes Psychiques*, nestes termos: *"Quem sabe se no século XX não se descobrirá o Psicoscópio, isto é, um instrumento bastante poderoso e sensível para nos permitir ver o fluido magnético e principalmente a matéria sutil que forma o corpo psíquico?"*.

O Espírito André Luiz, comunicando-se através da portentosa e incansável faculdade mediúnica de Francisco Cândido Xavier, escreveu, **Nos Domínios da Mediunidade**:

"— Psicoscópio, que novo engenho vem a ser esse?"

"— É um aparelho a que intuitivamente se referiu ilustre estudioso da fenomenologia espírita (Alfred Erny), em fins do século passado (1895). Destina-se à auscultação da alma, com o poder de definir-lhe as vibrações e com capacidade para efetuar diversas observações em torno da matéria — esclareceu Áulus, com leve sorriso — esperamos esteja, mais tarde, entre os homens."

O Acumulador de Ectoplasma

Por volta de 1850, ocorriam as fantásticas manifestações mediúnicas no seio da família de Jonhatan Koons, de Athens Country, Município de Denver, Estado do Ohio, USA. Jonhatan, sob a orientação dos Espíritos, construiu um aparelho destinado a detetar e localizar a aura magnética dos médiuns e assistentes. O aparelho era composto de elementos de cobre e zinco, dispostos de maneira bastante complicada. Graças a esse acumulador de ectoplasma, os Koons conseguiram notáveis fenômenos mediúnicos. Os desenhos do aparelho foram publicados — segundo Ernesto Bozzano (*Breve História dos Raps*) — numa revista da época: *The Spiritual Clarion*, cujos exemplares se perderam.

O Ectoplasma na Visão de Pesquisadores e Médiuns

Vários pesquisadores se preocuparam com o ectoplasma¹⁴. O juiz Peterson, V.G. afirma que, em 1877, viu uma nuvem floculenta envolver o médium W. Lawrence, formando, gradativamente, um corpo sólido conforme consta de seu livro *Essay From The Unseen*. James Curtis presenciou, na Austrália, em 1878, através da mediunidade de H. Slade *"uma como que nuvem de vapor branco-acinzentada se formando e aumentando, antes do aparecimento de uma figura inteiramente materializada"*. Alfred Russel Wallace revela ter visto com o Dr. Monk (conhecido, também, por Reverendo) uma mancha branca que aos poucos transformou-se numa coluna nevoenta. Alfred Smedley, em uma sessão com o médium Williams (quando John King se manifestou) reporta-se uma nuvem fracamente iluminada. William Crookes, nas pesquisas com o famosíssimo médium Daniel Dunglas Home, viu uma nuvem luminosa, que se condensou em forma de mão. E A. Brackett, trabalhando com a médium Helen Barry (1885), nos Estados Unidos da América, constatou que uma pequena substância branca, como uma nuvem, se dilatou, formando uma estranha figura de mulher. O fato é relatado em *Materialized Apparitions*. Edmund D. Rogers observou uma substância esbranquiçada e fumacenta ao lado do médium Eglinton, em experiências realizadas em 1885. Elizabeth D'Esperance afirmou, após uma das inúmeras sessões experimentais de que participou, como médium: *"parecia-me sentir que fios muito finos me saíam pelos poros da pele"*.

A propósito da informação de Madame D'Esperance, o Espírito Katie King, em algumas ocasiões, ficava ligado à médium Florence Cook por meio de fios nevoentos e fracamente luminosos.

¹⁴ (3) - Ectoplasma: substância conhecida dos alquimistas do século XVII, assim como de Emmanuel Swedenberg. O Dr. N.B. Wolfe trata longamente em sua obra *Starting Facts In Modern Spiritualism* (1869). Paracelso denominou o ectoplasma de *Misterium Magnun*.

Em *Life And Expérience*, Edmund Dawson Rogers, citado por Sir Arthur Conan Doyle, informa o que aconteceu na sessão realizada com o concurso do médium Eglinton (na cidade de Londres, Inglaterra):

“Mr. William Eglinton, em estado de transe, passeou pela sala entre os assistentes e... começou, delicadamente, a tirar de seu lado e a tirar em ângulo reto uma substância fumacenta e esbranquiçada, que caía à sua esquerda. A massa de matéria branca no chão ia aumentando na largura, começou a pulsar e a se mover para cima e para baixo, oscilando para um lado e para o outro, como se a força motora estivesse por baixo. A massa cresceu até três pés de largura e logo depois a forma cresceu rapidamente, silenciosamente até a plena estatura. Por um rápido movimento das mãos, Mr. Eglinton separou o material branco que cobria a cabeça da forma e aquele caiu para trás, sobre os ombros, tornando parte da indumentária do visitante. O laço de ligação — o fio esbranquiçado que saía do lado do médium — foi cortado ou se tornou invisível, e a forma avançou para Mr. Everitt, deu-lhe um aperto de mão e correu todo o círculo, tratando cada um da mesma maneira”.

Em uma sessão em Argel (capital da Argélia), realizada em 1905, com Marthe Béraud, depois conhecida, graças à professora Bisson, como Eva Carrière, eis o que ocorreu e vem relatado nos *Annales of Psychical Sciences*, volume II:

“Marthe estava só na cabine, nessa ocasião. Depois de esperar cerca de vinte minutos, ela mesma abriu completamente a cortina e sentou-se em sua cadeira. Quase imediatamente — estando Marthe bem à vista dos assistentes, suas mãos, a cabeça e o corpo bem visíveis — viu-se uma coisa branca, de aparência diáfana, se formando junto a ela. A princípio, parecia uma grande mancha nevoenta perto do cotovelo direito de Marthe, e parecia ligada ao seu corpo. Era muito móvel e crescia rapidamente para cima e para baixo, assumindo finalmente aparência de certo modo amorfa de uma coluna nevoenta, que ia desde cerca de dois pés acima da cabeça de Marthe até os seus pés. Não era possível distinguir nem as mãos nem a cabeça; o que se via era semelhante a nuvens brancas e floculentas, de brilho variável, que se iam condensando gradualmente, e se concentrando como que em redor de um corpo invisível”.

Nessa antiga possessão francesa (Argélia — 1830 a 1962) foram realizadas memoráveis sessões de materializações de Espíritos, na casa do General Noël (Vila Carmem), de que fizeram parte, certa feita, Charles Richet e Gabriel Delanne. Ambos ficaram impressionados com as surpreendentes provas de sobrevivência da alma, praticamente demonstrada pelos seres do outro mundo, que se mostravam, diga-se de passagem, a toda sorte de acurados exames. Destacaram-se, nessas sessões, o Espírito *Bien-Boa*, antigo sacerdote que vivera 350 anos antes, em Golconde, no Indústão, e o Espírito da princesa egípcia Bergólia, que se materializava completamente nua, deslumbrando a todos com sua beleza.

Essas reuniões com os mais afamados médiuns da época, cercadas de uma rigidez científica irrepreensível, surtiram, realmente, expressivos e irrefutáveis resultados. Entretanto, e como observa o Gigante de Edimburgo, em seu notável livro *História do Espiritismo* (Ed. Pensamento, S. Paulo): “Foi uma pena que Eva Carrière (ou outro médium de igual porte) não tenha tido uma oportunidade de exhibir seus dons numa atmosfera amorosa, numa sessão à velha moda espírita. E muito provável que o resultado tivesse sido muito diverso quanto às materializações. Como prova disso, Madame Bisson, numa íntima sessão particular com ela, obteve maravilhosos resultados, jamais alcançados através dos métodos desconfiados dos investigadores científicos”.

Parece em verdade, que os métodos desconfiados dos experimentadores inibem sensivelmente o médium, refletindo-se no teor das manifestações. Afinal de contas, a participação do mediano nas manifestações é fundamental. O seu estado de ânimo exerce notória influência na força e na intensidade dos fenômenos. Sentindo-se à vontade, sem estar sob o guante das percucientes observações dos pesquisadores, o médium se descontraí, assumindo posturas que vão contribuir, sem embargo, para se obterem melhores e efetivos resultados.

Nas sessões de *Vila Carmen*, materializou-se, através das faculdades mediúnicas de Eva Carrière, o Espírito *Bien-Boa*. Informa Charles Richet nos *Annales Of Psychical Science* que esse fantasma “anda, fala, move-se e respira como um ser humano. O corpo é resistente e tem uma certa força muscular. Nem é uma figura de gesso, nem uma boneca ou uma imagem refletida num espelho; é um ser vivo; e há razões para resolutamente pôr de lado qualquer outra suposição do que uma outra dessas hipóteses — de que seja um fantasma com atributos de vida; ou de que seja uma pessoa viva, fazendo papel de fantasma” •

C. Richet, diante das evidências, recusa admitir que se tratava — como aliás era comum entre os teimosíssimos céticos — de um caso de desbramamento da personalidade...

C. Richet e Gabriel Delanne tiraram muitas fotografias de *Bien-Boa*, consideradas excelentes pelos pesquisadores, incluindo Oliver Lodge.

O Dr. Scherenk-Notzing se associou a Madame Bisson, viúva de Adolphe Bisson, conhecido homem público na investigação da faculdade mediúnica de Eva Carrière — eis o que esse pesquisador alemão revela, após suas experiências realizadas juntamente com a Madame Bisson, com a referida médium:

*Muitas vezes fomos capazes de verificar que, por um processo biológico desconhecido, vem do corpo da médium um material, a princípio semi-fluídico, que possui algumas das propriedades da substância viva, principalmente a do poder de transformação, de movimento e de aquisição de formas definidas”.

A. Conan Doyle acrescenta: “A gente pode ver essa coisa (o ectoplasma) como filamentos viscosos, como água de súbito congelada, pendente do queixo, caindo pelo corpo, formando um avental branco ou se projetando sem forma pelos orifícios da face. Quando tocada, ou quando uma luz inadequada a atinge, ela se recolhe tão rapidamente e tão maravilhosamente quanto os tentáculos de um polvo invisível. Se agarrada e apertada, o médium gritará”.

Eva Carrière também fora investigada pelo Dr. Gustave Geley. Ao final das pesquisas, o autor de *O Ser Subconsciente* exclama:

“Aquilo que vimos mata o materialismo. Já não há mais lugar para ele no mundo”.

Após os trabalhos realizados com Eva Carrière, Gustave Geley obteve extraordinários resultados com o médium polonês Franek Kluski, conseguindo moldagens de parafina das mãos de entidades materializadas. Essas luvas de parafina eram tão pequenas nos pulsos que só poderiam ter sido feitas por desmaterialização! Qualquer outro meio seria inteiramente impossível.

Com essas conclusões do Dr. Gustave Geley, um pesquisador sério e estudiosíssimo de fenomenologia espírita, terminamos nossas considerações sobre o ectoplasma, *substância fumacenta e esbranquiçada*, que até hoje vem desafiando os investigadores, quanto à sua verdadeira origem.

BIBLIOGRAFIA

— AMORIM, DEOLINDO. *Espiritismo e Criminologia*.

Ed. Federação Espírita do Paraná, 1957.

— ARIÈS, PHILIPPE. *História da Morte no Ocidente*.

— AUTORES DIVERSOS (F.C.Xavier). *Parnaso de Além-Túmulo*. 1ª edição, FEB.

— AUTORES DIVERSOS. *Anuário Espírita*. Instituto de Difusão Espírita (IDE), 1973.

— BOZZANO, ERNESTO. *Literatura do Além Túmulo*. Ed. ECO.

— BRENNAN, BARBARA ANNE. *Mãos de Luz*. Editora O Pensamento, 1987.

— DELANNE, GABRIEL. *A Alma é Imortal*. 4^ª

edição, FEB, 1978.

— D'AGLUN, ALBERT DE ROCHAS. Les Vies Successives. Paris, 1931.

— EBON, MARTIN. They Knew the Unknew. The American Library Inc., N.Y., 1972.

— EDMONDS, J.G. (D.D.Home). O Homem Que Falava com os Espíritos. Ed. Pensamento.

— ERNY, ALFRED. O Psiquismo Experimental. FEB.

— KARDEC, **A.T.T.A** N O Livro dos Espíritos.

— JANET, PIERRE. O Automatismo **Psicológico**.

Paris, 1889. **i: ^ T! _ ' _**

— LANCELIN, CHARLES. L'Ociiltisme Experimental. Paris, França.

— LANTIER, JACQUES. O Espiritismo. Coleção Esfinge, Lisboa.

— LESSA, ADELAIDE PETERS. Paragnose do Futuro. São Paulo, SP.

— LOMBROSO, CESARE. Hipnotismo e Mediunidade. FEB, 1959.

— LOUREIRO, CARLOS BERNARDO. Elucidações Kardecistas. Livraria Espírita Alvorada Editora, Mansão do Caminho, 1989.

— MACHADO, LEOPOLDO. Cientismo e Espiritismo. Estudos Psíquicos Editora, Lisboa, Portugal.

— MAXWELL, J. Les Phénomènes Psichiques. Paris, 1890.

— PAULA, JOÃO TEIXEIRA DE. Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo. 2ª edição, Editora Bels, 1976.

— PIRES, J.HERCULANO. Ciência Espírita. 1ª edição, Editora Paidéia, 1979

— PORTEIRO, MANUEL S. Espiritismo Dialético. Editora Victor Hugo, Buenos Aires, Argentina.

— REALE, MIGUEL. Rui Barbosa, **in:** Conferência no Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, S. Paulo, 1950.

— REIS, JOÃO JOSÉ. A Morte é Uma Festa. Editora Schwarcz Ltda, 1991.

— ROCHA, ALBERTO DE SOUZA. Espiritismo e Psiquismo. Ed. Correio Fraternal do A.B.C, São Paulo.

— SARGENT, EPES. Bases Científicas do Espiritismo. FEB.

— TINOCO, CARLOS DE SOUZA.

Fenômenos de Psic&eitiesia Espontânea. Manaus, 1978 ">i

— WALLACE, ALFRED RUSSELL. Contribuição à Teoria da Seleção Natural. Londres, Inglaterra.

— ENCICLOPÉDIA CONSULTADA: Novíssima Enciclopédia Delta La Rousse. Editora Delta S/A, 1982.

Livros Publicados:

- Elucidações Kardecistas.
- Dos Raps à Comunicação Instrumental.
- Outras Dimensões.

J^gsiBIMBuade de Culto nas L^||||jponstituições Brasileiras.

ftÉ Cadernos Espíritas.